



O CORPO FLUIDICO

WILSON GARCIA

O CORPO FLUÍDICO

Contendo:

- Estudo sobre o caráter dos agêneres segundo o Espiritismo.
- Análise crítica da obra "Allan Kardec", de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, nos pontos em que aborda o roustanguismo.
- A verdadeira opinião de Allan Kardec sobre o corpo fluídico de Jesus.
- Resumo comentado dos livros "Kardec e não Roustaing", de Luciano Costa; "Erros Doutrinários", de Julio Abreu Filho e "O Verbo e a Carne", de J. Herculano Pires e Julio Abreu Filho.
- Trabalho inédito do Dr. Carlos Imbassahy condenando o roustanguismo.
- A verdade sobre o encalhe da edição francesa de "Os Quatro Evangelhos".

edições
correio fraterno



O Corpo Fluídico

Wilson Garcia
(Autor de “O Centro Espírita”)

O Corpo Fluídico

(Kardec e Roustaing)

“Os Quatro Evangelhos” é o
cavalo de Tróia do Espiritismo.
J. Herculano Pires



S. B. do Campo — SP
Brasil

DIGITALIZAÇÃO:

PENSE - Pensamento Social Espírita - www.viasantos.com/pense
São Vicente-SP - Julho de 2012.

1.ª edição
Do 1.º ao 5.º milheiro
Agosto/1981

Produção: Jaks
Capa: Laerte Agnelli

© by
Editora Espírita Correio Fraterno do ABC
Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955
09700 — S. B. do Campo — S. Paulo — Caixa Postal 58

(A Editora Espírita Correio Fraterno do ABC não possui fins lucrativos;
seus diretores não percebem qualquer remuneração. Todos os
resultados financeiros se destinam à divulgação do Espiritismo codificado por
Allan Kardec e às obras de assistência à criança, em colaboração
com o Lar da Criança Emmanuel.)

Impresso no Brasil

*Ao Espírito de
J. Herculano Pires
pela coragem, inteligência e desinteresse
na divulgação e interpretação da
Doutrina Espírita,
nossa homenagem.*

*E a
Francisco Klörs Werneck,
valeroso baluarte do Espiritismo,
dedicamos.*

Índice

A infiltração do pseudo-Cristo fluídico no Espiritismo - J. Rizzini	11
Pra começo de conversa	29
Capítulo 1.º	
Agênere ou aparição tangível	31
Capítulo 2.º	
Kardec e o corpo fluídico	42
Capítulo 3.º	
Roustaing e seus admiradores	61
Abrindo caminho	63
Pulando a janela	68
Os médiuns de Bordéus	71
Instalando-se, afinal	79
O dono da casa é expulso	85
O roustanguismo e Humberto de Campos	92
Capítulo 4.º	
Roustaing e seus contraditores	96
Luciano Costa e o Livro “Kardec e não Roustaing”	98
Julio Abreu Filho e o livro “Erros Doutrinários”	110
J. Herculano Pires e o livro “O Verbo e a Carne”	122
Outras obras anti-roustanguistas	134
Capítulo 5.º	
O presente de grego	138
Apêndice	
O encalhe da edição francesa de “Os Quatro Evangelhos”	145
A falsa conversão do Dr. Carlos Imbassahy ao roustanguismo	149

A INFILTRAÇÃO DO PSEUDO-CRISTO FLUÍDICO NO ESPIRITISMO

Jorge Rizzini

Entre as obras mediúnicas que pretendem fazer revelações crísticas, mas que foram transmitidas por espíritos mistificadores, duas se nos afiguram as mais tenebrosas. São elas: “A Vida de Jesus ditada por ele mesmo” e “Os Quatro Evangelhos” organizados por J.-B. Roustaing.

“A Vida de Jesus ditada por ele mesmo” foi psicografada por uma mulher, no sul da França, na cidade de Avinhão. A primeira e única edição francesa foi feita em 1885 pela revista “Anti-Materialista”, editada em Avinhão e dirigida por René Caillé. Na Itália, traduzida por um capitão do exército, Ernesto Volpi, que a editou por conta própria, teve, também, uma só edição. Dessa edição italiana Ovidio Rebaudi, médico paraguaio, residente em Buenos Aires, fez a tradução para o castelhano, mas, note-se, acrescentou à obra, tranquilamente, uma segunda parte por ele mesmo psicografada... E atribuiu-a a Jesus! A que nos leva a vaidade... Isto (Rebaudi é quem o confessa) depois de haver sido procurado em certa noite pelo Cristo, a quem viu e com quem conversou de igual para igual... É evidente que o vaidoso médico não leu as obras de Allan Kardec, tão amplamente divulgadas na Argentina. Eis o que ele também confessa no prefácio:

“... como espiritualista independente, não estou preso a nenhum credo ou religião, aceitando o que me parece justo e verdadeiro, de onde quer que ele venha”.

Quer dizer: a edição que circula na Argentina é feita de dupla

mistificação e apresenta mensagens apócrifas com a assinatura não somente de Jesus, mas de Maria, Barnabé, Sara, Mateus, João, Paulo de Tarso...

Como amostra das aberrações que a obra contém (obra que é, antes de tudo, fruto da vaidade dos que a psicografaram) citemos esta observação maquiavélica do falso Cristo a respeito de mediunidade (pág. 255 da edição brasileira):

“As honras da mediunidade não se adquirem sem causar transtornos ao organismo humano e esses transtornos determinam frequentemente o desequilíbrio das faculdades mentais”.

Quer dizer: os médiuns ficam doentes do corpo (...) e a doença física, ou seja, no organismo, poderá levá-los à loucura! E, assim, a cavilosa entidade, fazendo-se de Cristo e escamoteando “O Livro dos Médiuns”, publicado vinte e quatro anos antes, afasta os leitores das sessões mediúnicas e do possível interesse pelo estudo da Doutrina Espírita. A obra monstruosa tem mais de quatrocentas páginas, mas as aberrações estão em quase todas. Vejamos mais esta (pág. 250) quando a entidade zombeteira faz a maior confusão entre alma e espírito:

“A morte desprende a alma da matéria e liga-a estreitamente ao espírito, de maneira que o espírito torna-se invulnerável por meio da alma”.

O texto umbralino parece redigido por um débil mental. Inútil o leitor relê-lo. Não tem sentido. Mas, a intenção, como a de todo o resto da obra, é patente: perturbar a mente do leitor com tendência ao fanatismo, levando-o à obsessão.

“A Vida de Jesus ditada por ele mesmo” foi lançada no Brasil em 1935 em tradução feita da segunda edição em espanhol datada de 1909. Há quase cinquenta anos entre nós, a obra do anticristo teve, até agora, apenas seis edições — as seis vendidas, é inegável, fora do movimento espírita, não obstante a editora também apresentá-la, perfidamente, como “um compêndio didático do Espiritismo”. Vale a pena, ainda, registrar que um dos prefácios é de autoria do português Diamantino Coelho Fernandes, então residente no Rio de Janeiro. Ele foi, inconscientemente, devido ao seu misticismo cego, um corruptor da literatura mediúnica. Estimulado pela obra do anticristo, psicografou com as trevas livros que atribuiu a Paulo de Tarso, Maria e outras personalidades ligadas a Jesus. Diamantino Coelho Fernandes desencarnou, tragicamente, em um desastre.

Vejamos, agora, “Os Quatro Evangelhos” ou “Revelação da Revelação” — no Brasil também conhecida como “Mistificação das mistificações”, obra apócrifa atribuída aos evangelistas Lucas,

Mateus, Marcos e João. Organizada pelo advogado Jean-Baptiste Raustaing, foi psicografada na França pela Sra. Emilie Collignon (esposa de um capitalista) e impressa em 1866 em três volumes na cidade de Bordéus. Sua tese é extravagante e abominável como a de toda obra de mistificação. Defende a idéia do Docetismo (seita considerada maldita surgida no século segundo) de que o corpo de Jesus não era constituído de carne e osso... O Mestre teria sido um “agênere”, ou seja, a natureza de seu corpo era fluídica... Em uma palavra: Jesus não fora homem e, sim, uma aparição tangível! Um fantasma materializado. Tese execrável, que a razão repele. Curioso é que a Sra. Emilie Collignon, ao ver os vultos espirituais sombrios que a cercavam ou ao lhes sentir os fluidos densos e desagradáveis, imediatamente alertou Roustaing¹⁾, dizendo que as mensagens por ela recebidas eram mistificações! Mas, ainda assim, o impetuoso advogado, julgando-se incapaz de ser enganado, e acreditando-se um novo Messias, deslumbrado que estava com a assinatura dos “evangelistas”, insistiu, assumiu a responsabilidade e fez publicar a obra, atirando-se do despenhadeiro da vaidade juntamente com a indefesa médium.

Jean-Baptiste Roustaing foi, reconhecidamente, o Judas do Espiritismo. Quando Allan Kardec em outubro de 1861 fez uma visita doutrinária a Bordéus, sendo acolhido por centenas de pessoas com abraços, discursos e banquetes, nem Roustaing nem a Sra. Collignon, residentes naquela cidade, foram vê-lo... O fato é suspeito e denuncia uma intenção... Porque, é bom notar, Roustaing já mantinha, desde março do mesmo ano, correspondência com o Codificador. Mostrara-se, então, um discípulo entusiasmado e fiel, passando a chamar Kardec de “muito honrado chefe Espírita”... E mais! Nessa carta (Revista Espírita, junho de 1861) confessou seu desejo de conhecer, pessoalmente, Allan Kardec... Por que, então, não participou das homenagens em Bordéus? Roustaing não estava doente nem ausente da cidade. E nem a Sra. Collignon, caso contrário Kardec, sempre minucioso, teria feito referência na “Revista Espírita”.

A razão, na verdade, é esta: Roustaing e a Sra. Collignon, já nessa época, estavam preparando os originais de “Os Quatro Evangelhos” e o advogado temia que a médium, pressionada pelas perguntas de Kardec, deixasse transparecer a idéia do corpo fluídico de Jesus, idéia que a ela própria repugnava... Em suma: Roustaing temia que a desaprovação de Kardec ao corpo fluídico influenciasse a Sra. Collignon, e a obra, ainda no começo, abortasse.

1. Vide “Elos Doutrinários”, de Ismael Gomes Braga, 2.ª edição, pág. 14, edições Feb.

Esta interpretação nossa tem em seu apoio o triste fato de que, por sua vez, a Sra. Collignon, nem mesmo por carta contou a Kardec a respeito de seus trabalhos mediúnicos ao lado de Roustaing... Ocultou-lhe a tese do corpo flúídico durante todo o longo tempo da recepção mediúnica de “Os Quatro Evangelhos”, ou seja, de 1861 a 1864, sendo ela, convém agora por em alto relevo, colaboradora da “Revista Espírita” dirigida pelo Mestre! O esperto e vaidoso advogado de Bordéus trabalhou na sombra e induziu a Sra. Collignon a fazer o mesmo.

Como não podia deixar de acontecer (e a sensível Sra. Collignon parecia pressentir...) Allan Kardec com seu bom-senso e a assistência contínua do Espírito de Verdade impugnou a esdrúxula obra “Os Quatro Evangelhos”. Os fenômenos produzidos pelo Cristo (escreveu Kardec na “Revista Espírita” de junho de 1866) “podem ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal” — o que equivale a dizer: Jesus possuía, também, um corpo carnal. E o Codificador acrescentou: “Quando tratarmos destas questões fá-lo-emos decididamente”. E ele o fez em sua obra “A Gênese”, onde analisa e explica, à luz dos conhecimentos espíritas os principais fenômenos relatados nos Evangelhos, provando, assim, realisticamente, que Jesus não foi um agêner, um fantasma materializado! Na última página do capítulo XV aborda o insigne Codificador do Espiritismo o aspecto moral da tese do corpo flúídico, provando, como sempre, insofismavelmente, que se Jesus não possuísse corpo carnal não teria sua vida sido um exemplo para a humanidade. Ora, um agêner não sente dor nem pode morrer e, assim, sem o corpo carnal Jesus não teria sofrido: sua expressão de dor durante a crucificação, sua frase lancinante do alto da cruz, em suma, todo o seu martírio teria sido uma farsa dantesca! Não crer que o Cristo sofreu fisicamente, que não tinha um corpo de carne e osso, é equipará-lo a um embusteiro da pior espécie. O livro “Os Quatro Evangelhos”, de J.-B. Roustaing, é imoral, pois, como evidenciou Allan Kardec, ao invés de elevar Jesus, o rebaixa, moralmente. Como se observa, além de uma impostura execrável o roustinguismo é uma infâmia!

Obras como “Os Quatro Evangelhos” e “A Vida de Jesus ditada por ele mesmo” precisam ser afastadas do movimento espírita porque desacreditam a mediunidade e ridicularizam a Doutrina Espírita.

Jean-Baptiste Roustaing, o tenaz obsessivo da médium Collignon, desencarnou em total ostracismo. Tinha mais de setenta anos, mas não restou dele e nem mesmo da médium (e ela viveu mais trinta e sete anos após o lançamento de “Os Quatro Evangelhos”)

uma fotografia, sequer, para a posteridade... Sobre o nome de ambos pesará, lamentavelmente, para sempre, a abominável obra com o selo da maldição da treva.

Chegamos, agora, leitor, a um ponto culminante. Vimos que a médium Collignon considerava mistificação as mensagens por ela mesma psicografadas. E vimos Allan Kardec, cuja missão foi restabelecer as verdades do Cristo adulteradas pelos homens e implantar em nosso planeta a Doutrina dos Espíritos, também impugnar o referido trabalho da treva. Pois bem! Não lhe parece inacreditável, leitor, que a Federação Espírita Brasileira, desde a sua fundação em 1884, continue a divulgar e a editar “Os Quatro Evangelhos”, obra — é bom repetir! — refutada pela médium e pelo próprio Codificador do Espiritismo?

Eis o que responde a Feb, através de um de seus diretores, já desencarnado, o ex-doceta Ismael Gomes Braga (“Elos Doutrinários”, pág. 94):

“Nada justifica que a Federação diminua sua convicção sobre o valor da obra — “Os Quatro Evangelhos” — porque até agora a argumentação dos opositores é a simples repetição dos raciocínios e hipóteses pessoais de Kardec em “A Gênese”, enquanto, por outro lado, a teoria quanto ao corpo de Jesus vem sendo sempre e cada vez mais logicamente confirmada pelos Espíritos Superiores e pelos estudiosos das Escrituras”.

Quer dizer: o que tem valor para os diretores da Feb não são os raciocínios de Kardec... e, sim, as opiniões pessoais de Espíritos Superiores e dos estudiosos das Escrituras. Como percebe o leitor, para os diretores da Feb Allan Kardec não foi um Espírito Superior... Como são ousados os roustanguistas! No início da transcrição que fizemos lê-se que a argumentação contra a teoria do corpo fluídico de Jesus é uma hipótese pessoal de Kardec. Não, não é. Hipótese significa (veja-se o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Aurelio Buarque de Holanda Ferreira) “suposição admissível; teoria provável, mas não demonstrada”. Ora, afirmar, como fizeram os diretores da Feb, que Allan Kardec criou uma teoria ou hipótese é inverter os papéis: quem criou uma teoria foi Roustaing. O que Allan Kardec fez em “A Gênese” foi, com seu raciocínio científico e seu notável bom senso, rebater essa teoria. Kardec jamais introduziu na Doutrina Espírita, por ele próprio codificada, “hipóteses pessoais”. O mestre sempre se disse “um secretário dos Espíritos”. Quem está pretendendo, com os “Quatro Evangelhos”, cometer o crime de lesa-doutrina são as diretorias da Feb.

O trecho que transcrevemos do ex-roustainguista Ismael Gomes Braga (hoje, como espírito liberto, ele sente repulsa pelo “Os Quatro Evangelhos”) deixa bem evidente que da discussão com os docetas ou roustainguistas não nasce a luz. Porque são sofistas. E o sofista não busca a Verdade. A maioria dos docetas que escreveram em defesa de Roustaing, caro leitor, chegou a mentir! E mentir é vergonhoso. Mas, Roustaing não personifica uma mentira? Como, então, defender a mentira, senão através de uma outra mentira? Compreendemos a difícil posição dos que defendem a insustentável teoria do corpo flúídico de Jesus. E, no elevado sentido de documentar estas páginas, apontemos mais algumas mentiras docetistas.

No livro “Elos Doutrinários”, já por nós citado, lê-se à pág. 63:

“... quem nega que Jesus tenha sido um agênera nega também a codificação kardequiana, não é espírita”.

Ora, exatamente no oposto é que está a verdade! Não nega a codificação kardequiana quem nega que Jesus foi um agênera. Porque — não nos esqueçamos! — a obra “A Gênese” faz parte da codificação kardequiana e é em suas páginas que Allan Kardec destrói a repulsiva tese do corpo flúídico de Jesus, ou seja, o roustainguismo.

A página 86 da mesma obra lê-se, ainda, esta mentira que precisa ser posta em relevo:

“Nada existe contra o Neodocetismo, senão palavras, palavras, palavras e mais palavras de pessoas que nenhuma autoridade ou credencial têm para falar em nome da Doutrina e como defensores de Kardec, como se intitulam”.

Sinceramente, até hoje desconheço quem tenha mais autoridade ou credenciais para falar em nome da Doutrina, ou para defendê-la, do que o meu saudoso companheiro J. Herculano Pires, o qual, diga-se de passagem, escreveu uma obra que pulveriza o roustainguismo: “O Verbo e a Carne”, de parceria com Júlio Abreu Filho, o notável tradutor dos doze volumes da “Revista Espírita”, homem de uma cultura enciclopédica, igual ao Herculano.

As obras roustainguistas são assim: mentiras, mentiras, mentiras e mais mentiras para sustentar a grande mentira, ou seja, o corpo flúídico de Jesus...

Mais uma mentira na citada obra da Feb. Está na pág. 88:

“Se contra a obra de Roustaing não apresentarem alguma coisa mais sólida do que o fizeram até agora, continuaremos em nossa firme convicção de que Roustaing é inatacável e completa admira-

velmente o trabalho de Kardec. E, graças a Deus, é assim; tanto é assim que os maiores espíritas brasileiros, os de mais autoridade pelo saber e pelas virtudes, ensinam e propagam há mais de setenta anos, conjuntamente, Kardec e Roustaing”.

Em verdade, não existe uma falsidade no texto acima e, sim, duas! O sofista falta à Verdade quando afirma que o infeliz Roustaing completa o trabalho de Kardec. Ora, a realidade é que “Os Quatro Evangelhos”, já o demonstramos, com seu falso Cristo desmoraliza a mediunidade e ridiculariza o Espiritismo, eis tudo! Não é verdade, também, que “os maiores espíritas brasileiros, os de mais autoridade pelo saber e pelas virtudes, ensinam e propagam há mais de setenta anos, conjuntamente, Kardec e Roustaing”. Já vimos que Herculano Pires e Júlio Abreu Filho deixaram, não, apenas, de propagar a tenebrosa teoria do corpo fluídico: ambos a pulverizaram em um livro! Mas, além de ambos, não seria justo deixar de citar aqui o mestre de todos nós e que nesta existência se chamou Carlos Imbassahy! E o vibrante e culto Pereira Guedes! E Mário Cavalcante e Mello! E Deolindo Amorim! E tantos outros, que não se deixaram contaminar pelo roustaingismo, esse entorpecente do umbral, que, estupidificando as almas elimina o bom senso.

“Quantas vezes os homens têm usado do artifício para induzir ao erro? Por inconsciência ou pura maldade, tecem um emaranhado e nele misturam afirmações verdadeiras, distorções, falsas interpretações e deslavadas mentiras, formando uma teia capaz de facilmente envolver os distraídos, os indiferentes e os desinformados” — escreveu o roustaingista Juvanir Borges de Souza, da diretoria da Feb⁽¹⁾, numa incontida e inconsciente catarse no sentido freudiano, ou seja, no sentido de purgação mental. Seu texto é uma confissão de como agem os insensatos comparsas dos espíritos das trevas para impor no movimento espírita as idéias deletérias de Roustaing. Mas, nem todos os roustaingistas foram intelectualmente desonestos. Frederico Figner, por exemplo (e foi polemista!), que eu saiba jamais empregou a mentira adicional ao divulgar Roustaing, em quem ele acreditava mais pelo coração. Figner foi uma exceção, inclusive, pelo fato extraordinário, espantoso, mesmo, de que, tornando-se, com seu próprio esforço, rico, praticava a caridade autêntica. Nossas vibrações de amor para esse notável judeu cristão!

Infelizmente, não podemos dizer o mesmo para os demais roustaingistas. São conscientizados na mentira sistemática. E al-

1. Vide “Reformador” de dezembro de 1980, pág. 13.

guns acreditam que, servindo-se da mentira, prestam bom serviço a Jesus! Raciocinam, pois, como Inácio de Loyola, o temível pai espiritual dos jesuítas: “os fins justificam os meios”.

Vejamos mais uma mentira colhida em outra obra roustainguista. Desta vez é uma mentira tão deslavada, filha da paixão sectarista, que supera as que, até aqui, comentamos. Ela caiu do lápis de Manuel Quintão, quando, com seu estilo pretencioso e hipnótico, redigia “O Cristo de Deus”, obra em homenagem ao seu mestre, o Judas do Espiritismo, o malogrado J.-B. Roustaing. “O Cristo de Deus” foi publicado pela Federação Espírita Brasileira em 1930 — depois, portanto, de Manuel Quintão haver liderado com êxito uma conspiração para afastar Leopoldo Cirne da presidência da Feb. A mentira de que se serve para defender a tese do corpo flúídico é esta (págs. 82 e 83):

“Mas a verdade é que os Espíritos prepostos à Revelação compendiada por Kardec nada, absolutamente nada de positivo sentenciaram a tal respeito. O próprio Kardec, havendo de contraditar o dogma da divindade de Cristo, fê-lo por si, como homem, e não se socorreu dos seus guias”.

Ora, quem leu as obras da Codificação deve estar lembrado que Allan Kardec, não uma, mas por diversas vezes, declarou ser secretário dos espíritos. É inegável que todos os seus escritos passaram pela rigorosa análise do Espírito de Verdade antes de publicados. E, ainda que Allan Kardec, ao condenar “Os Quatro Evangelhos”, não consultasse antes a gloriosa falange do Espírito de Verdade, ainda assim, é óbvio, bem loucos seríamos se rejeitássemos seu parecer pessoal para ficar com o de... Manuel Quintão! Ou o de Ismael Gomes Braga!

Poderão alguns roustainguistas, entreolhando-se, perguntar:

— Com que autoridade ele nos diz todas estas coisas?

Eu lhes respondo:

— Com a autoridade que o próprio Cristo outorga a todo aquele que, sem outro interesse senão o amor pela Verdade, publicamente se levantar em defesa de Allan Kardec.

Prossigamos. Nunca será demais repetir que a literatura roustainguista, colocada à venda em alguns centros espíritas por ingenuidade de seus diretores, é um conglomerado de mentiras. E esse conglomerado vai aumentar. Porque quanto mais os autores roustainguistas defendem “Os Quatro Evangelhos” de J.-B. Roustaing, mais se vêem obrigados a mentir!

O roustainguismo (filho bastardo do Espiritismo) é uma seita perigosa. Quem cai nessa arcaia movediça dificilmente sai porque não acredita que esteja afundando. Torna-se ridículo ao explicar o

que é o roustainguismo (Maria, mãe de Jesus, não tinha no ventre um filho de carne e osso e, sim... um fantasma materializado!) acaba quase sempre mentiroso, capcioso e até agressivo ao defender as idéias extravagantes de sua seita. Ninguém ignora que Guillon Ribeiro foi um homem culto e inteligente, no entanto, esse ex-presidente da Federação Espírita Brasileira ao escrever o livro roustainguista “Jesus nem Deus nem Homem” não se sentiu envergonhado em agir como um trampolineiro ao interpretar epístolas de Paulo de Tarso.

Alguns autores roustainguistas, no auge da paixão sectária, chegam, mesmo, a ultrapassar o limite da normalidade. E não percebem que, rindo, os espíritos das trevas os estão conduzindo pelos beíços! Sabemos que por esses autores obstinados devemos orar, mas não podemos silenciar quando escrevem monstruosidades como esta:

“Operando, no entanto, no campo vasto da Codificação do Espiritismo, Allan Kardec sofria as compreensíveis limitações que a condição humana, segundo leis invioláveis, impõem àqueles que vestem a indumentária carnal”.

Esse processo de difamação usado por Francisco Thiesen (atual presidente da Feb) e Zêus Wantuil no livro “Allan Kardec” é tão sutil, que o leitor comum acaba aceitando as restrições e assimilando as insinuações capciosas contra o Codificador.

E por que esse ressentimento contra Allan Kardec? Ressentimento escabroso e até ridículo de Thiesen e Zêus? Pelo fato de que o Codificador rechassara a tese do “corpo fluídico”! É de pasmar...

Outra sugestão capciosa de Francisco Thiesen e Zêus Wantuil — sugestão ⁽¹⁾, aliás, de propriedade de Ismael Gomes Braga, pois a usou trinta anos antes para denegrir Allan Kardec, a outra sugestão, dizíamos, é que o Codificador pretendia fazer uma “obra semelhante” à de Roustaing... Semelhante em quê? Frases, assim, incompletas, suaves e até amorosas, mas que são verdadeiras armadilhas para os leitores, abundam na literatura roustainguista.

Este não é o momento certo para se fazer uma análise da obra roustainguista “Allan Kardec”. Mas, não podemos deixar de repor a verdade no capítulo dezoito intitulado “Livros que Kardec não escreveu”, inserido no volume terceiro.

Ora, nesse capítulo Francisco Thiesen e Zêus Wantuil informam que “O Principiante Espírita”, uma coletânea de ensinamentos extraídos da brochura “O que é o Espiritismo” acrescida de

1. “Allan Kardec”, vol. III, pág. 375 e “Elos Doutrinários”, pág. 12.

pequena biografia de Kardec escrita por Henri Sausse, obra, pois, organizada pela própria Federação Espírita Brasileira e que teve noventa mil exemplares vendidos, passou a ser, a partir de certa época, lançada, também, por outras editoras pelo fato de que supunham, é óbvio, fosse Allan Kardec o seu autor... Uma delas, porém, afirmou em sua edição que houve “tradução”...

Comentando o fato, Francisco Thiesen e Zêus Wantuil classificam-no de “deplorável”. Mas, como era de esperar-se, não contaram a verdade toda. Vamos, pois, completá-la. O público espírita comprou os noventa mil exemplares de “O Príncipiante Espírita” porque acreditava ser o autor Allan Kardec! Nesse tempo, o presidente da Feb era o farmacêutico Wantuil de Freitas, pai de Zêus; foi quem autorizou fosse o nome de Allan Kardec colocado na capa do livro que, repetimos, jamais o mestre escreveu.

A farsa da Federação Espírita Brasileira foi ousada, durou longos anos e, reconheça-se, deu bons lucros: quinze edições vendidas! Zêus Wantuil procurou ocultar o crime editorial da Feb (noventa mil espíritas foram ludibriados!) mas, antes de tudo e acima de tudo há que prevalecer a Verdade; principalmente, quando se trata de assuntos referentes à Doutrina.

A farsa completa que aqui fica registrada pode ser, facilmente, comprovada pelos leitores nossos e da obra “Allan Kardec”. O livro “O Príncipiante Espírita” encontra-se na biblioteca de muitos centros espíritas...

Não podemos, também, deixar de consignar aqui o suspeitíssimo silêncio que Francisco Thiessen e Zêus Wantuil mantêm no livro “Allan Kardec” a propósito da justa denúncia de Júlio Abreu Filho no sentido de que a Federação Espírita Brasileira vinha, desde há muito, “forjando volumes que Kardec não escreveu, como a “Doutrina Espírita”, para aí enxertar a propaganda do roustainismo”.

A denúncia do escritor, jornalista, editor e tradutor Júlio Abreu Filho foi feita, primeiramente, através do periódico “Auro-ra”, em 1949 e está inclusa em dois livros: “Erros Doutrinários” (pág. 127) e “O Verbo e a Carne” (pág. 161).

Este nosso trabalho faz brilhar a Verdade¹⁾. Para isso, transcrevemos algumas das muitas mentiras colhidas em obras roustanguistas, o que, talvez, tenha exaurido o leitor; mas, era necessário! Faremos, agora, a última transcrição. Temos diante de nós “O Reformador” correspondente ao mês de maio de 1981 —

1. Infelizmente, somos obrigados a registrar, em tempo, que Júlio Abreu Filho cometeu o mesmo deslize que a Feb: organizou um volume a que deu também o título de “O Príncipiante Espírita” e pôs na capa o nome do Codificador...

órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, o qual, de tempos em tempos, inicia uma cerrada campanha de doutrinação roustainguista. Eis o que se lê na pág. 21:

“Muitos Espíritos, e entre eles o próprio Codificador depois de desencarnar, vieram confirmar o acerto do ensino constante da obra “Os Quatro Evangelhos” e demonstrar que não há controvérsia entre os ensinamentos constantes da citada obra e os de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Em “Elos Doutrinários”, Ismael Gomes Braga destaca três obras mediúnicas que confirmam o ensino focalizado: “Diário dos Invisíveis”, pela médium Zilda Gama; “Funerais da Santa Sé”, pela médium América Delgado e “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, pelo médium Francisco Candido Xavier.”

Vamos devagar, deixando Chico Xavier para o fim. Temos, de início, de eliminar desta ridícula história a médium Sra. América Delgado por estar, totalmente, e desde bastante jovem, condicionada ao roustainguismo. Sua psicografia é suspeita: a Sra. América Delgado fazia parte do Grupo Espírita “Roustaing”, em Belém do Pará (veja-se a informação no seu livro “Funerais da Santa Sé” editado pela Feb e prefaciado, é óbvio, por Manuel Quintão). Acresce, ainda, este estranho fator: a Sra. América Delgado psicografa, ao que parece, mensagens de um só espírito (...).

Quanto à médium Zilda Gama deve, também, ser posta de lado. Foi ela, em verdade, bastante ingênua permitindo a divulgação da mensagem que atribuiu a Kardec: falta-lhe o estilo vigoroso do Codificador e o conteúdo é pobre. Note-se que a Feb, tendo editado vários romances de Vitor Hugo pela Sra. Zilda Gama psicografados, recusou os originais do “Diário dos Invisíveis” onde está incluída a mensagem de “Kardec”. O “Diário dos Invisíveis” só pôde ser lançado em São Paulo e por um editora teosófica (...): a “Editora O Pensamento”...

Vejamos, agora, Chico Xavier.

Consta, realmente, no capítulo vinte e dois de “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, livro psicografado por Chico e de autoria do espírito Humberto de Campos, que Jean-Baptiste Roustaing “organizaria o trabalho da fé”. Mas... Humberto de Campos fez, mesmo, tal afirmativa ou se trata de uma interpolação da Federação Espírita Brasileira?

O respeitável e culto confrade Henrique Andrade, fundador de “Mundo Espírita”, foi quem primeiro levantou a lebre pela imprensa. Em seguida, Júlio Abreu Filho fez o mesmo. Mas, a Federação Espírita Brasileira, diante das duas denúncias, manteve um silêncio tumular... Que fosse a Feb capaz de adular a

obra do espírito Humberto de Campos para elevar Roustaing, não padece dúvida, pois não lançou livros por ela “preparados”, com o nome de Allan Kardec na capa, ludibriando o público?

Não acreditamos, no entanto, que a Feb fizesse as interpolações sem antes pedir a Chico Xavier autorização. Chico, fatalmente, concedeu-a... Não tinha como escapar! Como negá-la, se o médium contava nessa época vinte e poucos anos de idade (...), era um caboclinho semi-analfabeto vivendo no interior de Minas Gerais (...) e desconhecia, totalmente, a política doutrinária? Como negá-la, se quem o cercava de todos os lados era um diretor da Federação Espírita Brasileira? Como negá-la, se era esse diretor o Manuel Quintão, a quem devia Chico a publicação de seu primeiro livro psicografado, o “Parnaso de Além-Túmulo”?... Não há dúvida: foi intensa a pressão psicológica sobre o delicado espírito do jovem médium. E Chico cedeu, o que não quer dizer que, dias depois, não tivesse feito uma carta afirmando que não houve adulteração... (diz o Velho Testamento, com profunda sabedoria, que a profecia está sujeita ao profeta...) O poder de persuasão em Manuel Quintão devia ser mesmo muito grande: foi ele quem trouxe José Petitinga para o roustainguismo, conforme se lê no livro do valoroso baiano coronel Ricardo Machado “Máscaras Abaixo!”. Mas, note-se, depois de 1938 e do lançamento de “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, no decorrer de quase meio século Chico Xavier psicografou mais de cento e oitenta livros, deu dezenas de entrevistas, recebeu mensagens de centenas de espíritos e em toda essa vasta produção não há uma só palavra, uma só referência, sequer, sobre Roustaing! É um fato para ser meditado e que não pode ser esquecido pelos espíritas do futuro. Como não deve ser esquecido, também, que Emmanuel jamais se referiu a Roustaing, a “Os Quatro Evangelhos” e ao “corpo fluídico”, mesmo ao prefaciar “A Vida de Jesus” escrita pelo roustainguista Antonio Lima. E mais: se Emmanuel (insistamos!) apoiasse o roustainguismo, teria reforçado no prefácio que redigiu para o livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” o comentário a Roustaing — comentário que o espírito Humberto de Campos, na verdade, não escreveu!

Ao que parece, ao fazer a interpolação na obra mediúnica Manuel Quintão tinha pressa, pois deixou escapar um erro que vem se perpetuando desde a primeira edição... Vejamo-lo. Eu mostro. Está na página 219:

“Desde 1885, igualmente funcionava o Grupo Ismael, com Sayão e Bittencourt Sampaio, célula de evangelização”, etc.

O ano está errado. O Grupo Ismael não funcionava desde

1885... Na verdade, o Grupo Ismael, antes conhecido como Grupo do Sayão e Grupo dos Humildes, foi fundado pelo advogado Antonio Luiz Sayão em 1880 e é a célula máter da Federação Espírita Brasileira¹⁾. Sayão, aliás, é o principal responsável pela introdução de “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing no Brasil! Tendo sido católico fervoroso, espírito fascinado pelos mistérios teológicos, apaixonou-se logo pelas histórias alucinatórias de “Os Quatro Evangelhos” e induziu a Feb a adotar a obra de seu colega, o advogado Roustaing. Pedro Richard, outro beato que fazia parte do Grupo Sayão, com uma ingenuidade comovedora, afiança-nos que por determinação de Deus é que o evangelho roustaingista foi lançado no Brasil... E mais: que “essa nobre e penosa missão foi confiada ao bom anjo Ismael”, esquecido de que, espírito que se diz “anjo”, mas aconselha Roustaing ao povo ao invés de Kardec, está pedindo doutrinação! A verdade é que, lendo a obra de mistificação roustaingista, o Grupo Sayão, desde a sua formação esteve sob o domínio tranqüilo dos espíritos das trevas, ou seja, do anticristo. Esses espíritos, usando o nome dos evangelistas, falando macio e empregando a técnica dos hipnotizadores para melhor fascinar, não conseguiram, todavia, ocultar o ranço eclesiástico... Vê-se em suas mensagens a terminologia católica... sente-se nelas o insuportável fedor de sacristia... Que diga o leitor imparcial se as frases e expressões que pinçamos do livro “Trabalhos do Grupo Ismael” (ou Grupo Sayão) foram ou não sopradas por espíritos de padres. Para esses espíritos Jesus é o “Cordeiro imaculado”... (pág. 66) ou “meigo Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”... (pág. 81). Maria é a “Virgem”, cujos seios são constantemente evocados por esses espíritos sórdidos... Eis o que se lê na pág. 87: “Nos desalentos, o seio da Virgem será o vosso conforto. Por meio da oração o encontrareis”. O mesmo conselho erótico é dado na página 92: “Eles não sentem (os homens sem fé) no entrevero das paixões pecaminosas as doçuras balsâmicas que descem do seio da Virgem”... Note o leitor: doçuras que descem do seio da Virgem... São frases com duplo sentido, acanalhadas, algumas trazendo um forte fundo sexual nem sempre disfarçado por um véu místico...

Continuemos a apontar a terminologia católica. “Que Ela seja a padroeira dos seus lares”... (pág. 80). “O Apóstolo dos Gentios era discípulo e sacerdote do Cristo”... (pág. 76). “Meus

1. Não há certeza quanto ao dia e mês da fundação do Grupo Sayão. O ex-presidente da Feb, Wantuil de Freitas, no “Reformador” de agosto de 1951, afirma que o grupo foi fundado a quinze de julho de 1880. Seu filho Zéus Wantuil, porém, no livro “Grandes Espíritos do Brasil”, contraria seu pai: afirma que o dia foi seis e o mês foi junho...

filhos, elevemos os nossos Espíritos até o trono do excelso Mestre"... (pág. 97). "Permita Ele que aqui se comungue a verdadeira hóstia"... (pág. 97). "É preciso que eles armazenem nos seus corações os cabedais necessários a essa obra e que seja sacerdote verdadeiro aquele que sinta em si a alma do sacerdote"... (págs. 96 e 97). "Os espíritas, novos levitas, são aqueles convidados que o Pai de família mandou arrebanhar para o seu banquete. É preciso que eles atentem na obra da Igreja que conduziu a humanidade até aos dias atuais e estudem essa obra"... (pág. 96). Etc.

É inegável, o Grupo Sayão (ou Grupo Ismael) esteve sob o jugo das forças do mal. E os espíritos das trevas aconselhavam:

"Montai guarda, meus caros amigos, nos umbrais desta Casa; guardai os vossos corações e as vossas consciências; procurai manter-vos unidos e coesos em torno da sã orientação dada para fundamento dos trabalhos desta instituição"... (pág. 76).

E insistiam, tolhendo, é óbvio, o livre-arbítrio (pág. 77):

"... o espírita cristão só uma convicção pode ter, é a de entender e sentir o Evangelho de N. S. Jesus Cristo" (o de Roustaing).

Apesar de todas estas demonstrações ostensivas de que por trás das peles de ovelha escondiam-se os lobos, o Grupo Sayão, sob o poder do fascínio, nada percebia. Entre os guias espirituais do grupo destacavam-se um frei (José dos Mártires) e um arcebispo da Bahia (Romualdo Antonio de Seixas) ambos, queremos crer, mistificados pelos espíritos umbralinos... o anjo Ismael era o chefe do pequeno grupo, mas, ao fim de pouco tempo, foi nomeado (pela Feb, é claro...) o guia do Espiritismo no Brasil. Ora, pelo fruto se conhece a árvore. Qual a obra realizada por Ismael? A Federação Espírita Brasileira? Mas, a Feb nasceu de uma mistificação, o roustanguismo, essa pedra encravada no caminho dos espíritas há quase um século! O departamento editorial da Feb? Mas, leitor amigo, editar livro espírita sempre foi e será sempre um excelente negócio! E a Feb, a par da literatura espírita lançou a literatura roustanguista... A grande verdade é esta: o Guia do Espiritismo no Brasil, não obstante a publicidade secular da Feb, não é o espírito roustanguista Ismael e, sim, Emmanuel! A obra de Emmanuel e de sua falange prova, de sobejo, a afirmativa.

"Os Quatro Evangelhos" ou "Revelação da Revelação", obra do anticristo, penetrou no Brasil sob a impulsão de Ismael e através de Antonio Luiz Sayão, advogado mais obsedado que Jean-Baptiste Roustaing, pois era qualificado de avarento pela sociedade do Rio de Janeiro! Em verdade, foi ele o que o povo chama de

“pão-duro”.. Sayão não gastava dinheiro, nem mesmo consigo! Quem nos conta é Pedro Richard, seu velho companheiro, nas páginas que serviram de prefácio para o livro roustanguista “Elucidaciones Evangélicas”, do próprio Sayão. Lá está, na página 24:

“... extremamente econômico, conseguiu fazer fortuna, poupano e guardando as parcas economias que lhe sobravam das suas restritas necessidades materiais”.

Sayão guardava as pequenas economias, ou seja, moeda por moeda, tostão por tostão... Sua alimentação, conta-nos ainda Richard, era “parca e sóbria”... e o vestuário “simples”... Compreende-se, agora, porque foi ele o principal colaborador de Ismael na difusão da obra mistificatória de Roustaing... Sua avareza deve ter impressionado, inclusive, os espíritos velhacos do Grupo Ismael, pois, em certa reunião, um deles, afirmando chamar-se Frederico Júnior (...) fez a seguinte comparação: “O médium deve guardar suas faculdades (...) com o mesmo zelo, com o mesmo cuidado, com que as criaturas avaras guardam tesouros”. Só faltou citar o Sayão...

É curioso que Pedro Richard, ao mesmo tempo em que nos transmite informações sobre Antonio Luiz Sayão, faz-lhe a defesa, afirmando que foram muitos os seus atos de caridade... Mas, só nos conta um, e na verdade ridículo, pois ao final de uma visita à infeliz mulher enferma que vivia em um miserável quarto, deu-lhe Sayão uma nota? Não... Deu-lhe uma ou duas moedas... — ele, que era possuidor de uma fortuna!! E Pedro Richard chama a isso de “caridade”... Não estamos, é evidente, denegrindo o espírito Sayão ao contar estes fatos, aliás, anteriormente divulgados por Richard, que nos conta, também, que Sayão era especialista na defesa de criminosos (como conseguia defendê-los? Um tenebroso homicida deve ser encarcerado ou caminhar impune em meio à sociedade indefesa?...).

Antonio Luiz Sayão, que era fervoroso católico antes de se tornar roustanguista, desencarnou (pobrezinho!) balbuciando a prece clerical “Ave Maria”... E a Feb quer nos fazer crer que foi Sayão missionário do Espiritismo!

Todas as diretorias da Feb adquiriram um carma doloroso devido ao roustanguismo, às tentativas frustradas de infiltração do pseudo-cristo fluido no movimento espírita. E pelo fato ignominioso de não respeitarem Allan Kardec. Até mensagens anímicadas, totalmente desprovidas de conteúdo e sem a menor similitude de estilo com os textos da Codificação a Feb publica, atribuindo-as ao ínclito Espírito de Allan Kardec, visto que elas têm por objetivo servir ao roustanguismo... Não estou a referir-me às “rece-

bidas” por Frederico Júnior no século passado — médium tão atormentado por terríveis espíritos, que quase se suicidou, tendo esposa e filhos! — mas a que foi redigida pelo falso médium Hernani T. de Sant’Anna, um confrade que, não podendo versejar como os grandes poetas do Além, os mistifica, vergonhosamente. O arremedo de Kardec feito por Hernani T. Sant’Anna foi incluído na obra “Allan Kardec”, de Thiesen e Zêus Wantuil.

Há um século que o movimento espírita nacional se defende dos ataques roustinguistas promovidos pela Feb. Assim, não é pequena a bibliografia contra a tese extravagante e perniciosa do “corpo fluídico de Jesus”. Escreveram e combateram essa doutrina pessoas notáveis como: Henrique Andrade, Mariano Rango d’Aragona, Luciano Costa, Julio Abreu Filho, J. Herculano Pires, Ricardo Machado, Pedro Lameira de Andrade e Gustavo Macedo. Sem citar dezenas de artigos publicados na imprensa espírita. Agora temos o livro “O Corpo Fluídico”, de Wilson Garcia.

Mais de uma dezena de livros que restaura a Verdade espiritual corrompida por Roustaing, o Judas do Espiritismo. Que Deus abençoe seus atores — esses novos apóstolos da Terceira Revelação! Que seus nomes jamais sejam esquecidos pelas gerações vindouras.

Entre esses autores queremos destacar um — Wilson Garcia, autor de “O Corpo Fluídico”, livro já definitivamente incorporado à História da Literatura Espírita Brasileira a ser escrita, um dia, por quem de direito. Wilson Garcia é ainda jovem, mas já desenvolve um trabalho de imensa responsabilidade na seara do Cristo. Fundou o primeiro suplemento literário espírita em todo o território nacional, o do “Correio Fraternal do ABC”; jornal superiormente dirigido pelo confrade Raymundo Espelho com a assessoria direta de Wilson Garcia, Wilson Francisco e Cirso Santiago. E ainda mais: deve-se, também, a Wilson Garcia, com o apoio indispensável de Raymundo Espelho, a criação em bases firmes da Editora Correio Fraternal, cujos livros, rigorosamente doutrinários e a preços acessíveis, têm levado a luz espiritual pelos rincões brasileiros. Haja vista as belas edições que vem fazendo das obras da médium Dolores Bacelar.

Neste final de milênio há tanta covardia moral e tanta hipocrisia em nosso movimento doutrinário, que alguns escritores e jornalistas espíritas (quase que escrevo “alguns criptógamos carnudos”)... seriam hoje capazes de lambem degrau por degrau a comprida escadaria da Feb, a exemplo do que fazem os beatos diante da Igreja da Penha... Neste final de milênio, em que se dá a mão esquerda a Kardec e a direita a Roustaing, olvidando o

ensino de Jesus de que não se pode servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamom, francamente, é um grande refrigério moral ver o jovem Wilson Garcia, cheio de dignidade e amor, publicar um livro em defesa de Cristo e Kardec!

Orgulho-me de haver escrito a introdução ao magnífico livro de meu jovem amigo. Em verdade, o livro de Wilson Garcia é como uma espada na garganta do corpo fluídico roustanguista...

Os leitores não de concordar comigo após a leitura da última página do 4.º cap.: já não pode a diretoria da Federação Espírita Brasileira insistir em servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamom! Compete-lhe:

1) — Abandonar, sem saudade, “Os Quatro Evangelhos”, reconhecendo com humildade evangélica que o roustanguismo é como a figueira estéril no caminho do Cristo, pois, plantado no solo brasileiro durante um século (cem anos!) não deu um fruto, sequer...

2) — Ou entregar, sem ressentimento, aos espíritas verdadeiros, a Feb com todo o seu patrimônio. E, em seguida, com a consciência tranqüila de quem praticou um ato de justiça, alugar uma casa (quanto menor, melhor, pois será usado um só cômodo) e nela colocar uma placa: “Federação Espírita Roustanguista”...

Basta de misturar-se o joio ao trigo!

São Paulo, julho de 1981

PRA COMEÇO DE CONVERSA

Ao escrevermos o presente livro, não nos moveu outro interesse que o da luta pela Verdade. Procuramos, e estamos certos de tê-lo conseguido, ficar no campo das idéias, desinteressados de alcançar instituições ou pessoas, ainda que devendo mencioná-las.

Ao crítico não interessa quem faz ou quem divulga. Importa, apenas, considerar a validade ou não das idéias.

Como se sabe, o roustainguismo é o mais antigo cisma dentro do Espiritismo. Não somos nós que dizemos isto, mas inúmeras inteligências ligadas à Doutrina Espírita.

É difícil, impossível mesmo analisar o roustainguismo sem envolver a Federação Espírita Brasileira porque esta instituição é a base dele em nossa terra. Por isso, deixamos claro que o nosso estudo não visou o passado histórico da Federação Espírita Brasileira no que diz respeito à sua ação espírita. Tivéssemos esse objetivo, deveríamos buscar os fatos que fizeram aquele passado histórico. Procuramos apontar, apenas, as ligações da Federação com a doutrina contida na obra “Os Quatro Evangelhos”, de J.-B. Roustaing, para demonstrar o que isso significa dentro do movimento espírita.

Assim, também, deve ser vista a análise crítica da obra “Allan Kardec”, de Zéus Wantuil e Francisco Thie-

sen, ambos da Federação Espírita Brasileira. A análise, que constitui o terceiro capítulo deste livro, procurou enfocar as partes em que na obra aparece o roustainguismo. Não poderia ser diferente. Reservamos para nós mesmo a nossa opinião pessoal sobre as demais partes do "Allan Kardec".

* * *

Para finalizar, queremos registrar o nosso agradecimento a todos aqueles que contribuíram com as nossas pesquisas. Sem essas contribuições deixaríamos certos aspectos, principalmente de ordem histórica, incompletos. Dado que alguns pediram anonimato, deixamos de mencioná-los. Saibam, porém, que este livro lhes deve muito

O AUTOR

Capítulo Primeiro

AGÊNERE OU APARIÇÃO TANGÍVEL

O estudo dos seres fluídicos, tangíveis, denominados por Allan Kardec de agêneres “para indicar que sua origem não é o resultado de uma geração” é de grande importância para a compreensão do corpo fluídico pretendido para Jesus. Vale, pois, abordar a questão, senão como um estudo profundo, pelo menos como meio para se chegar a uma conclusão razoável sobre as possibilidades de Jesus ter tido um corpo fluídico ao invés de um corpo carnal.

Allan Kardec teve suas vistas voltadas para o assunto inúmeras vezes. Ao longo do tempo em que dirigiu a Revista Espírita, pôde estudá-lo partindo de fatos reais que lhe chegavam ao conhecimento e de experiências vividas por ele próprio. Em fevereiro de 1859, em artigo que leva o título AGÊNERES, diz o Codificador: “Partimos de um fato patente — o aparecimento de mãos tangíveis — para chegar a uma suposição que lhe é consequência lógica. Entretanto não a teríamos aventado se a história do menino de Bayonne não nos tivesse aberto o caminho, mostrando-nos a possibilidade”. A história do menino de Bayonne não chega a ser um caso perfeito de *agênere*. Ela resume as experiências vividas por uma menina em contato

com o próprio irmão desencarnado. Porém, se não constituía um caso perfeito de agêneres, servia, pelo menos, para provocar o estudo do assunto e foi o que aconteceu.

“Interrogado a respeito, — afirma Kardec — um Espírito superior respondeu que efetivamente podemos encontrar seres de tal natureza, sem que o suspeitemos; acrescentou que isso é raro, mas que se vê.

“Como para nos entendermos necessitamos de um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas os chama *agêneres*, para indicar que sua origem não é o resultado de uma geração.”

Os dois casos a seguir, relatados por Kardec na “Revista Espírita”, fornecem um bom exemplo de agêneres perfeitos, principalmente o segundo. Vamos a eles.

1.º CASO

“A 14 de janeiro último, o senhor Lecomte, cultivador na comuna de Brix, departamento de Volognes, foi visitado por um indivíduo que se dizia um de seus antigos camaradas, com o qual tinha trabalhado no porto de Cherburgo, e cuja morte remonta há dois anos e meio. A aparição tinha por fim pedir a Lecomte que mandasse rezar uma missa. No dia 15 a aparição se renovou. Menos espantado, Lecomte efetivamente reconheceu o antigo camarada. Mas, ainda perturbado, não soube o que responder. O mesmo aconteceu a 17 e 18 de janeiro. Só no dia 19 Lecomte lhe disse: já que desejas uma missa, onde queres que seja rezada? E irás assistir? — Eu desejo — respondeu o Espírito — que a missa seja dita na capela de São Salvador, em oito dias. E eu ali estarei. E acrescentou: Há muito tempo que eu não te via e era muito longe para vir ver-te. Dito isto, retirou-se, *apertando-lhe a mão*.

“O senhor Lecomte não faltou à promessa. No dia 27 a missa foi dita na capela de São Salvador, e ele viu seu antigo camarada, ajoelhado nos degraus do altar, junto ao

padre oficiante. Ninguém mais o tinha visto, embora tivesse perguntado ao padre e aos assistentes se não o viram.

“Desde então, Lecomte não mais foi visitado e retomou sua habitual tranquilidade.”

Sobre o caso, Kardec faz a seguinte observação: “Conforme esse relato, cuja autenticidade é garantida por pessoa fidedigna, não se trata de simples visão, mas de uma aparição tangível, pois que o defunto amigo de Lecomte lhe havia apertado a mão. Os incrédulos dirão que foi uma alucinação. Mas, até o presente, ainda esperamos de sua parte uma explicação clara, lógica e verdadeiramente científica dos estranhos fenômenos que designam por esse nome, com o único fim, segundo nos parece, de recusarem qualquer solução”.

2.º CASO

“O fato que segue, ocorrido recentemente em Paris, parece pertencer a esta categoria.

“Uma pobre mulher estava na Igreja de São Roque e pedia a Deus que a auxiliasse na sua aflição. À saída, na Rua Santo Honorato, encontra um senhor que a aborda e lhe diz:

“— Minha boa senhora, ficaria contente se arranjasse trabalho?

“— Ah! meu bom senhor, responde ela, peço a Deus que me faça este favor, porque estou muito necessitada.

“— Então vá à rua tal, número tanto. Procure a senhora T. . . e ela lhe dará trabalho.

“Dito isto, continuou seu caminho. A pobre mulher foi sem demora ao endereço indicado.

“A senhora procurada lhe disse:

“— Com efeito, tenho um trabalho para mandar fazer. Mas como não o disse a ninguém, não sei como pôde a senhora vir procurar-me.

“Então a pobre necessitada, avistando um retrato na parede, respondeu:

“— Senhora, foi esse cavalheiro quem me mandou.

“— Este cavalheiro? retrucou espantada a senhora. Mas é impossível! Este é o retrato de meu filho, falecido há três anos.

“— Não sei como pode ser isto; mas eu vos asseguro que foi esse senhor que eu encontrei ao sair da igreja, onde tinha ido pedir auxílio a Deus. Ele me abordou e foi ele mesmo quem me mandou.”

Kardec entende que este caso é um exemplo patente do agêneres perfeito. E diz: “De acordo com o que acabamos de ver, nada existe de surpreendente que o Espírito do filho daquela senhora, a fim de prestar um serviço à pobre mulher, cuja prece por certo ouvira, lhe tenha aparecido sob forma corpórea, para lhe indicar o endereço da própria mãe. Em que se transformou depois? Sem dúvida no que era antes: um Espírito, a menos que tivesse achado oportuno mostrar-se a outras pessoas sob a mesma aparência, continuando o seu passeio. Aquela mulher teria, assim, encontrado um *agêneres* com o qual conversara”.

Verifica-se, desde já, o seguinte: o agêneres é — sempre — a aparição de um Espírito com aspectos de tangibilidade. Pode ser tocado e, até, passar por uma pessoa normal, encarnada.

Allan Kardec, ainda na “Revista Espírita” de fevereiro de 1859, no início, portanto, dos estudos sobre o assunto, chega à seguinte conclusão: “. . . o *agêneres* propriamente dito não revela sua natureza e aos nossos olhos não passa de um homem comum; sua aparição corpórea pode ter longa duração, conforme a necessidade, a fim de estabelecer relações sociais com um ou vários indivíduos”.

Não satisfeito, porém, com esses dados alcançados, Kardec busca melhores informações junto ao Espírito de São Luiz. Vejamos como se deu o diálogo, publicado na

mesma Revista, tomando suas partes mais importantes, apenas.

O Codificador trazia, vivas, as impressões da aparição do menino de Bayonne à sua irmã. Por isto, pergunta ao Espírito:

“— Que aconteceria se se apresentasse a um desconhecido?

“— Tê-lo-iam tomado por uma criança comum. Dir-vos-ei, entretanto, uma coisa: por vezes, existem na Terra Espíritos que revestiram essa aparência e são tomados como homens.

“— Tais seres pertencem à categoria dos Espíritos superiores ou inferiores?

“— Podem pertencer a uma ou outra. São casos raros, de que há exemplo na Bíblia.

“— Raros ou não, basta a sua possibilidade para que mereçam atenção. Que aconteceria se, tomando um tal ser por um homem comum, lhe fizessem um ferimento mortal? Seria morto?

“— Desapareceria subitamente, como o jovem de Londres (alusão a um caso anterior, publicado em 1858).

“— Se um tal ser se nos apresentasse, teríamos um meio de o reconhecer?

“— Não — a não ser pelo desaparecimento inesperado. (...)

“— Qual o objetivo que pode levar certos Espíritos a tomar esse estado corporal, o mal ou o bem?

“— Muitas vezes, o mal; os bons Espíritos têm a seu favor a inspiração: agem sobre a alma e pelo coração. Sabeis que as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores; e elas são numerosas. Entretanto, como disse, os bons Espíritos também podem tomar essa aparência corporal, com um fim útil. Falei em tese.

“— Se tivéssemos entre nós um ser semelhante, seria um bem ou um mal?

“— Seria antes um mal. Aliás, não é possível adquirir grandes conhecimentos com esses seres. Não vos podemos dizer muita coisa. Tais fatos são excessivamente raros e jamais têm um caráter de permanência. Principalmente essas aparições corpóreas instantâneas, como a de Bayonne.”

Algumas afirmações de São Luiz podem ser destacadas. A primeira delas, quando diz que “existem na Terra Espíritos que revestiram essa aparência e são tomados como homens”. Isso poderia deixar entrever a coexistência entre desencarnados, em corpos fluidicos, e encarnados, os primeiros “tomados como homens” pelas dificuldades de serem reconhecidos como sendo agêneres. Uma resposta dada, logo a seguir, porém, fornece dados contrários a essa conclusão. É que, perguntado sobre o que aconteceria se o agêneres fosse ferido mortalmente, São Luiz diz que ele desapareceria de súbito. Isso importa em afirmar que o agêneres é um ser incapacitado a suportar certas vicissitudes da vida física, o que, por sua vez, leva a concluir pela durabilidade exígua de seu corpo. E é precisamente isso que São Luiz afirma ao final do seu diálogo: “tais fatos são excessivamente raros e jamais têm um caráter de permanência”. Essa colocação, muito clara, desfaz a possível dúvida anterior. Quer dizer, a aparição de um agêneres constitui um fato raro e rápido. Embora o diálogo acima transcrito não forneça maiores explicações sobre as causas da raridade e rapidez de tais aparições, seria interessante conhecê-las. Procuraremos descobri-las mais adiante.

Aqui, porém, é preciso esclarecer a aparente contradição entre uma afirmativa anterior de Kardec e outra de São Luiz. Disse Kardec que o agêneres “pode ter longa duração, conforme a necessidade. . .” enquanto São Luiz afirmou que o agêneres “são excessivamente raros e jamais têm um caráter de permanência”. O que quer dizer Kardec com longa duração? A resposta parece estar com o pró-

prio Kardec ao dizer que esta longa duração se dá quando o Espírito precisa “estabelecer relações sociais com um ou vários indivíduos”. Ou seja, uma aparição que inicialmente duraria alguns minutos poderia durar hora ou mais, “conforme a necessidade”. O que não parece correto seria entender que, por “longa duração”, quisesse Kardec dar um caráter de permanência à aparição. Suas colocações posteriores sobre o assunto também encaminham para essa conclusão, uma vez que estão de acordo pleno com o que afirmou São Luiz sobre ser o agênera um fato raro e rápido.

Ainda pelo diálogo transcrito, fica-se sabendo que o agênera perfeito dificilmente pode ser reconhecido como tal, “a não ser pelo desaparecimento inesperado”. Dessa forma, ele pode ser confundido com qualquer pessoa encarnada. “Um Espírito cujo corpo fosse inteiramente visível e palpável — diria Kardec — dar-nos-ia a aparência de um ser humano, poderia conversar conosco, sentar-se em nosso lar, como qualquer visita, pois que o tomaríamos como um de nossos semelhantes.”

Outra afirmativa — e surpreendente — feita por São Luiz é a de que os Espíritos que geralmente tomam a aparência de encarnados são das classes inferiores e seu objetivo é quase sempre o mal. Toma como exemplo o fato de que as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores. Falando em tese, porém, diz que, havendo um fim útil, os bons Espíritos também podem tomar aparência corporal. Isso explicaria os milhares de casos de “assombração” que as gentes, principalmente do interior, conhecem e contam.

Em “O Livro dos Médiuns”, questão número 24, Kardec pergunta e os Espíritos respondem: “Os Espíritos que aparecem não podem ser agarrados e são inacessíveis ao tato? — Não podem ser agarrados como em sonho, em seu estado normal; entretanto podem produzir impressão ao ato e deixar traços de sua presença e mesmo,

em certos casos, tornarem-se momentaneamente tangíveis, o que prova que entre eles e vocês há uma matéria”.

Mas é em “A Gênese” que o Codificador trata do assunto com profundidade, principalmente em dois capítulos: o XIV, “Os Flúidos”, e o XV, “Os milagres do Evangelho”; no primeiro, aborda a questão mais pelo seu aspecto técnico e, no segundo, estuda-a sob a viabilidade de Jesus ter tido um corpo flúídico. Ficaremos no presente capítulo com “Os Flúidos”, deixando para outra oportunidade a questão do corpo de Jesus.

A compreensão dos agêneres se assenta em três pontos básicos: o Espírito como agente, o perispírito como intermediário e os flúidos como matéria necessária à aparição e sua tangibilidade. Estudando esses dois últimos — perispírito e flúidos — Kardec dá a medida exata dos agêneres. Eis como o mestre vê a questão:

“O perispírito é invisível para nós em seu estado normal; porém, como é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, lhe fazer receber, por um ato de sua vontade, uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições, as quais, como também outros fenômenos, não estão fora das leis da natureza. Esse fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor, o qual é invisível quando é muito rarefeito, e torna-se visível quando é condensado.

“Segundo o grau de condensação do fluido perispiritual — prossegue Kardec —, a aparição é algumas vezes vaga e vaporosa; outras vezes é mais nitidamente definida; e outras, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível; pode mesmo chegar à tangibilidade real, ao ponto em que se pode duvidar da natureza do ser que temos diante de nós.

“As aparições vaporosas são freqüentes — é ainda Kardec quem fala — e sucede muitas vezes que indivíduos assim se apresentam às pessoas a quem têm afeição. As aparições tangíveis são mais raras, embora haja delas

numerosos exemplos, perfeitamente autênticos. Se o Espírito deseja fazer-se conhecido, dará a seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha enquanto vivia.”

Observe-se, por esta transcrição, que Kardec, oito anos depois do diálogo travado com São Luiz sobre os agêneres, pois que se passaram estes tempos todos desde a publicação do referido diálogo em 1859 e o lançamento da “Gênese”, em 1868, está perfeitamente concorde com as afirmações do Espírito naquela oportunidade, fornecendo, ainda, outros detalhes que facilitam a compreensão do assunto. A questão da raridade das aparições tangíveis e sua semelhança com os encarnados são detalhes ditos por São Luiz e repetidos, aqui, por Kardec. Prossegamos com o Codificador:

“Deve-se notar que as aparições tangíveis não têm senão as aparências da matéria carnal, porém não as suas qualidades; em razão de sua natureza fluídica, não podem ter a mesma coesão, porque, na realidade, não se trata de carne. Elas se formam instantaneamente e do mesmo modo desaparecem ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nestas condições não nascem nem morrem como os outros homens; são vistos, e depois não são vistos mais, sem saber de onde vieram, como vieram, nem onde vão; não se poderia matá-los, nem os acorrentar, nem os prender, pois que não possuem o corpo carnal; os golpes que lhes fossem infligidos o seriam no vácuo.

“Tal é o caráter dos *agêneres* — prossegue o Codificador — com os quais podemos tratar, sem duvidar do que sejam, mas que jamais demoram por muito tempo, e não podem tornar-se comensais habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

“Aliás — assevera —, há em toda sua pessoa, em seus ademanos, algo de estranho e de insólito que se relaciona com a materialidade e com a espiritualidade: seu olhar, vaporoso e penetrante ao mesmo tempo, não tem a

nitidez do olhar dos olhos de carne; sua linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; sua aproximação faz experimentar uma sensação particular indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de medo, e embora os tomemos por indivíduos iguais aos demais do mundo, involuntariamente se diz: eis um ser singular.”

Esta mostra permite verificar, já, a perfeita coerência entre Kardec e São Luiz, no que diz respeito ao corpo fluídico. Curiosamente, e de maneira toda especial e própria, Kardec dá elasticidade às informações de São Luiz, expandindo o raciocínio, o que possibilita ao estudioso formar uma idéia mais precisa sobre as particularidades do agêneres. O agêneres é um ser que se parece com o encarnado, a ponto de ser confundido com este, mas seu corpo não possui as qualidades do corpo de carne. Assim, do mesmo modo que aparece de surpresa, surpreendentemente ele desaparece. O agêneres não nasce e não morre. Não se pode absolutamente querer matá-lo, pois “os golpes que lhes fossem infligidos o seriam no vácuo”. Devido a essas e outras particularidades, os agêneres não “podem se tornar comensais habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família”, ou como diria São Luiz, o agêneres jamais teria “caráter de permanência”. Mas para Kardec, apesar de toda a semelhança que possa existir entre um agêneres perfeito e um encarnado, o agêneres será sempre “um ser singular”, pelas características de seu corpo, por sua linguagem, por seu olhar e até pela “espécie de medo” que inspira àquele de quem se aproxima, apesar dos pesares, porque “há em toda sua pessoa, em seus ademanos, algo de estranho e de insólito”, alguma coisa próxima da matéria e do espírito, pairando entre um e outro.

As materializações, das quais o agêneres está muito próximo, dão, por seu turno, provas dessas diferenças no olhar, na voz, nos ademanos, etc. Espíritos que se mate-

rializam, chegam a aparentar um perfeito ser humano, mas ainda assim com diferenças que permitem separá-los desses últimos. Em todo caso, a grande semelhança entre o agêneres perfeito e o encarnado faz com que inúmeras pessoas os confundam, principalmente se estiverem despidas do senso de observação, de qualquer agudez crítica.

Em resumo, o agêneres é um ser fluídico, tangível, que se apresenta com bastante raridade e cuja existência é de curta duração. Os estudos de Kardec, sob a assessoria dos Espíritos, conduzem o raciocínio para essa definição. Se alguma dúvida existia nas palavras de Kardec, em 1859, quando falou do assunto na “Revista Espírita” e asseverou que essa aparição “corpórea pode ter longa duração”, essa dúvida desapareceu na continuidade do estudo, culminando com a publicação do livro “A Gênese” em 1868.

Há outros aspectos que podem ser melhor desenvolvidos, como por exemplo os referentes aos fluidos de que se servem os Espíritos para materializar-se, os processos da materialização, as suas dificuldades, etc. Como, porém, o escopo deste estudo visa apenas mostrar o desenvolvimento e posicionamento final de Kardec relativamente à natureza dos agêneres, encerramos aqui o assunto, podendo o estudioso prosseguir-lo em outras fontes.

Capítulo Segundo

KARDEC E O CORPO FLUÍDICO

O pensamento de Allan Kardec sobre o corpo fluídico pretendido para Jesus foi por ele manifesto, de modo muito claro, principalmente nas seguintes obras: “Revista Espírita”, que ele fundou e editou até 1869; “A Gênese”, livro publicado em 1868; e em “Obras Póstumas”. Sobre esse seu pensamento não pode haver nenhum tipo de sombra, pois não comporta tergiversações, não dá margem a interpretações dúbias. Quando os autores do livro “Allan Kardec” disseram que “maiores teriam sido as dificuldades à seqüência do desenvolvimento doutrinário e evangélico, se Kardec houvera aquiescido em dar cobertura aos ensinamentos contidos em “Os Quatro Evangelhos”, não estavam apenas enganados sobre o pensamento do Codificador, mas forçando uma visão que os fatos desautorizam.

Antes de passar em revista o estudo de Kardec sobre o assunto, façamos um retrospecto acerca do relacionamento que ele manteve, ou melhor, que com ele mantiveram Roustaing e a médium Emilie Collignon.

De início, diga-se que esse relacionamento não foi estreito nem constante. A “Revista Espírita” informa que a primeira correspondência trocada entre ambos ocor-

reu em março de 1861, quando Roustaing endereçou uma carta a Kardec informando-o de sua adesão ao Espiritismo. Não se sabe se Kardec respondeu ou não à carta do novo adepto, entretanto, em junho do mesmo ano o Codificador publicou a segunda carta recebida de Roustaing, bastante longa, seguida de comentários sobre a maneira judiciosa que este expunha sobre a Doutrina, mormente em se tratando de uma pessoa iniciante. Roustaing era destacado advogado em Bordéus, onde também presidira a Ordem dos Advogados, fato que contribuiu para que Kardec publicasse a carta (já que não houvera publicado a primeira), pois tratava-se de mais uma pessoa de cultura e destaque na sociedade a se interessar pelo Espiritismo. Depois dessa, mais quatro vezes, apenas, Roustaing aparece na “Revista Espírita”: a primeira, quando Kardec noticia o recebimento de “Os Quatro Evangelhos”, em junho de 1866, e tece seus primeiros comentários a respeito dessa que era (e ainda é) a principal obra de defesa da doutrina do corpo fluídico de Jesus; a segunda vez já no ano seguinte, 1867, quando uma ligeira correspondência sua é publicada, a seu pedido, para retificar um erro de revisão cometido em sua obra “Os Quatro Evangelhos”.

Além desses aparecimentos Roustaing é citado num discurso do Dr. Bouché de Vitray, realizado quando Kardec visitou, em 1861, a cidade de Bordéus, no qual destaca a participação do advogado na conversão dele, Bouché, ao Espiritismo, e num artigo extraído de “Soleil”, publicação não espírita, em que o autor tece críticas ao Espiritismo e cita um tanto irônico a obra “Os Quatro Evangelhos”. Esse artigo está inserido na edição de setembro de 1866 da Revista.

* * *

Assim como Roustaing, as aparições da médium Emilie Collignon na “Revista Espírita” e o seu relaciona-

mento com Kardec são pequenos. Em 1862, escrevem de Bordéus ao Codificador (não há menção do missivista) narrando a tentativa realizada por um padre para impedir que certa senhora, católica, viesse a acreditar no Espiritismo. Essa senhora era exatamente a genitora da médium Emilie Collignon, que por sua vez escreve ao padre rebatendo-o de forma bastante segura. A carta da médium foi publicada na “Revista Espírita”, na sua edição de maio de 1862. A partir daí, Emilie Collignon aparece algumas vezes na Revista, com a publicação de mensagens mediúnicas por ela recebidas. Em 1864, mês de junho, Kardec fala do aparecimento do opúsculo intitulado “Conselhos às mães de família”, por ela psicografado, e diz que “tem a satisfação de aprovar esse trabalho sem reservas”, pelo “estilo simples, claro, conciso, sem ênfase nem palavras para encher vazios de sentido”. No ano seguinte, Kardec noticia com satisfação o aparecimento de um novo opúsculo — “Palestras familiares sobre o Espiritismo” — também da médium. Posteriormente, em 1866, ela retorna, agora como responsável pelos “Quatro Evangelhos”, para depois não mais aparecer enquanto sob a direção do Codificador esteve a “Revista Espírita”.

* * *

Em 1866, Kardec falou de forma direta sobre o corpo fluídico de Jesus. O motivo foi o lançamento da obra intitulada “Os Quatro Evangelhos” ou “Revelação da Revelação”, psicografada por Emilie Collignon sob a supervisão do advogado J.-B. Roustaing. Nessa ocasião, não foi ele objetivamente contra a teoria do corpo fluídico, que considerou como base da obra em destaque e sem a qual “todo o edifício desabaria”, mas disse que os prodígios relativos ao Cristo poderiam ser “perfeitamente explicados sem sair das condições da humanidade corporal”. Asseverou, por outro lado, que “quando tratasse da ques-

tão, fá-lo-ia decididamente. O comentário, na íntegra, é o seguinte:

“Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com a ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os Espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada pelo *Livro dos Espíritos* e o *dos Médiuns*. As partes correspondentes às que tratamos no *Evangelho segundo o Espiritismo* o são em sentido análogo. Aliás, como nos limitamos às máximas morais que, com raras exceções, são claras, estas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; assim, jamais foram assunto para controvérsias religiosas. Por esta razão é que por aí começamos, a fim de ser aceito sem contestação, esperando, quanto ao resto, que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita.

“O autor desta nova obra julgou dever seguir um outro caminho. Em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda, e das quais, por conseqüência, lhe deixamos a responsabilidade, como aos Espíritos que as comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação nem desaprovação, deixando ao tempo o trabalho de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas e que, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da doutrina espírita.

“Quando tratarmos destas questões fá-lo-emos decididamente. Mas é que então teremos recolhido documentos bastante numerosos nos ensinamentos dados *de todos os lados* pelos Espíritos, a fim de poder falar afirmativamente e ter

a certeza de estar *de acordo com a maioria*. É assim que temos feito, todas as vezes que se trata de formular um princípio capital. Disse-mo-lo cem vezes, para nós a opinião de um Espírito, seja qual for o nome que traga, tem apenas o valor de uma opinião individual. Nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica, para as coisas que não podemos controlar com os próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta se, mais tarde, devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

“Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios do *Livro dos Espíritos* e do *dos Médiuns*. Nossas observações são feitas sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, com todas as aparências da materialidade e de fato um *agênere*. Aos olhos dos homens que não tivessem então podido compreender sua natureza espiritual, deve ter passado *em aparência*, expressão incessantemente repetida no curso de toda a obra, para todas as vicissitudes da humanidade. Assim, seria explicado o mistério de seu nascimento: Maria teria tido apenas as aparências da gravidez. Posto como premissa e pedra angular, este ponto é a base em que se apóia para a explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

“Nisso nada há de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do envoltório perispiritual. Sem nos pronunciarmos pró ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética, e que se um dia fosse reconhecida errada, em falta de base todo o edifício desabaria. Esperemos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem a prejudicar, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria e que, em nossa opinião, os fatos podem perfei-

tamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal.

“Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância da obra que, ao lado de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada com frutos pelos Espíritos sérios.

“Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é para desdenhar e contribui com algo para o sucesso. Achamos que certas partes são desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza. A nosso ver, limitando-se ao estritamente necessário, a obra poderia ter sido reduzida a dois, ou mesmo a um só volume e teria ganho em popularidade.”

Essa a análise de “Os Quatro Evangelhos” feita por Allan Kardec. Equilibrada e lógica, afirma que a obra tem “o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada pelo *Livro dos Espíritos* e dos *Médiuns*”. Essa afirmativa, para ser compreendida, precisa da complementação que ele mesmo fornece no quarto parágrafo: “Nossas observações são feitas sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos” e mais a primeira frase do quinto parágrafo, que diz: “Nisso nada há de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do envoltório perispiritual”, referindo-se diretamente ao corpo fluídico. Assim, ao atribuir a Jesus um corpo agênere, “Os Quatro Evangelhos” não ferem os princípios estabelecidos na codificação, porque a existência do agênere é um fato situado dentro das leis naturais. Isso, no entanto, não significa que Kardec concorde com o Cristo agênere. Mostra, apenas, a imparcialidade com que trata a questão. Prova disto está no fato de afirmar que a obra não contradiz a Doutrina Espírita e, mais à frente, esclarecer a razão da inexistência da contradição. A sua tendência inicial, porém, é não aceitar o corpo fluídico: “os fatos podem perfeitamente ser expli-

cados sem sair das condições da humanidade corporal”. Entretanto, deixa ao futuro a responsabilidade de aprovar ou desaprovar: “quando tratarmos destas questões fá-lo-emos decididamente”.

O Codificador mostra as diferenças entre o seu “Evangelho segundo o Espiritismo” e os “Quatro Evangelhos” de Roustaing, ao dizer que preferiu a parte moral dos ensinamentos do Cristo, porque contém lições que “jamais foram assunto para controvérsias religiosas”, o que não aconteceu com Roustaing, que “julgou dever seguir um outro caminho”. E o critica: “Em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto”. Para ele, Roustaing e os Espíritos que ditaram a obra poderiam estar enganados com relação ao corpo de Jesus, pois agiam de forma precipitada ao defini-lo como um agênera perfeito e — excepcionalmente — de longa duração, sem atentar para o fato da comprovação pela universalidade dos ensinamentos. Já Kardec preferia se manter “conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião” e deixar “ao tempo o trabalho de as sancionar ou as contraditar”, as teorias roustainguistas do corpo fluídico de Jesus, da falsa concepção por Maria, etc. Estas teorias na obra roustainguista formam “a base em que se apóia para a explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus” e se fossem consideradas erradas, “em falta de base todo o edifício desabaria”.

Kardec não se importa, em absoluto, com o nome deste ou daquele Espírito que assina “Os Quatro Evangelhos”, porque “a opinião de um Espírito, seja qual for o nome que traga, tem apenas o valor de uma opinião individual”, uma vez que o critério que sempre foi de Kardec “está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica”. Vai além, dizendo que já haviam sido feitas “objeções sérias a essa teoria” do corpo de Jesus.

Por fim, Kardec condena a estrutura do livro, afirmando que “certas partes são desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza”. Roustaing deveria ter-se preocupado com este aspecto, “que não é para desdenhar e contribui com algo para o sucesso”, porque “limitando-se ao estritamente necessário a obra poderia ter sido reduzida a dois ou mesmo a um só volume e teria ganho em popularidade”.

* * *

Ao dizer que, quando tratasse da questão do corpo fluídico atribuído a Jesus, fá-lo-ia de modo decidido, Kardec assumiu um compromisso baseado, principalmente, em duas coisas: nos documentos a serem colhidos dos Espíritos e na possível sanção do controle universal que esses mesmos documentos forneceriam. Esse o compromisso que vamos cobrar do Codificador, já que resolveu deixar ao futuro uma decisão, futuro do qual ele mesmo poderia ser personagem importante.

Pode-se reafirmar com bastante tranquilidade que Kardec, inicialmente, era refratário à idéia do corpo fluídico de Jesus, preferindo acreditar que esse corpo teria sido de carne. No entanto, ele mudaria de opinião se os fatos, dos quais era humilde escravo, mostrassem que estava errado.

Logo no ano seguinte à análise que fizera da obra roustainguista, 1867, mês de janeiro, Kardec publica na “Revista Espírita” uma carta de Roustaing, na qual, com breves palavras, informa sobre um erro de revisão havido em “Os Quatro Evangelhos” e faz as devidas correções. Atente-se para o seguinte detalhe: Kardec apresenta a carta lacônico, dizendo: “O Sr. Roustaing, de Bordéus, dirigiu-nos a carta seguinte, pedindo a sua publicação”. Não faz nenhuma referência à obra, não diz que ela, passados seis meses do seu comentário, merecia melhores atenções

ou outra coisa qualquer. Há um silêncio do Codificador sobre a obra e sobre o assunto. Esta poderia ser uma ocasião propícia para dar força ao trabalho do Sr. Roustaing. Kardec, talvez, não tivesse chegado a conclusão alguma, ou quem sabe estava preparando estudos mais detalhados a seu respeito. Esse silêncio, de qualquer forma, é sintomático. Daí para a frente, ele cairia de forma definitiva sobre a figura de Roustaing, que não mais retornaria à “Revista Espírita” enquanto Kardec fosse vivo. O mesmo acontece com a médium Emilie Collignon, que não vê mais nenhuma mensagem de sua autoria mediúnica publicada na “Revista”. Ambos deixam de figurar no principal órgão da imprensa espírita mundial e nem mesmo quando Kardec faz referências a qualquer fato ocorrido em Bordéus menciona algo sobre o primeiro ou a segunda. As mensagens mediúnicas, no entanto, continuam tendo lugar de destaque na “Revista”, mas nenhuma delas vem com o selo da médium Collignon.

Sobre a teoria do corpo fluídico de Jesus, entretanto, o silêncio de Kardec foi quebrado pela publicação do livro “A Gênese”, em 1868. Ali, ele define sua posição sobre o assunto e esclarece as razões que o levaram a isso. É contra o corpo fluídico, responde “decididamente”, reafirmando que “os fatos podem ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal”. Não aceita o Cristo com um corpo diferente das criaturas encarnadas porque não vê nenhuma vantagem nisso e porque o agêner, como ele entende e explica, não poderia resistir uma vida inteira às vicissitudes de um mundo como a Terra, cheio de surpresas, agressões e dificuldades. Há, ainda, o detalhe moral, que para Kardec assume posição de destaque: o corpo fluídico forçaria o Cristo a uma vida de saltimbanco e prestidigitador, de artista preocupado em não ser visto atrás do cenário sob pena de perder o respeito e a admiração. Kardec vê, pois, pelo aspecto científico e pelo moral e em

ambos decide por um Cristo vivenciando a realidade do exemplo em corpo de carne.

De 1866, quando realizou a análise referida da obra “Os Quatro Evangelhos”, até 1868, quando lançou a primeira edição de “A Gênese”, Kardec estudou o assunto com algum interesse. Teria tido tempo de analisá-lo em seus diversos ângulos? A posição firme e decidida como o tratou leva a crer que sim, caso contrário deixaria de se manifestar contra e manteria a opinião de neutralidade exposta na “Revista Espírita”. E mais ainda, não seria agora que iria contradizer a posição assumida e demonstrada em todos os seus estudos, a de ouvir o parecer de diversos Espíritos. Depois, ao lançar a segunda edição de “A Gênese”, fez questão de afirmar que nada havia sido alterado com relação à primeira. Em assunto de muito maior importância, como o da reencarnação, Kardec manteve-se silencioso até perfeita concordância, inclusive contrariando aquilo que ele mesmo pensava sobre a questão. Era de seu caráter não avançar qualquer conclusão. Por isso, seu parecer sobre o corpo fluídico de Jesus tem o mesmo peso que sobre outros assuntos.

O raciocínio de Kardec está assim desenvolvido:

Jesus é um homem e, “como homem, tinha a organização dos seres carnis; mas como Espírito puro, destacado da matéria, devia viver na vida espiritual mais que na vida corporal, da qual não tinha as fraquezas. *A superioridade de Jesus sobre os homens não era relativa às qualidades particulares de seu corpo, mas às de seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e ao seu perispírito alimentado pela parte a mais quintessenciadas dos fluidos terrestres*”⁽¹⁾. Kardec vê na capacidade do Espírito o fator mais importante de uma encarnação. Mediante esse raciocínio, Jesus, por ser um Espírito superior, o mais experimentado e puro de quantos já encarnaram na Terra, teria tido condições de viver uma vida

1. “A Gênese”, cap. XV, item 2.

muito mais espiritual do que material, dominando o corpo físico e submetendo-o às suas vontades. Entra aí, também, a natureza do seu perispírito, formado de acordo com sua superioridade.

Um ligeiro retrospecto sobre o perispírito, ainda segundo Kardec⁽²⁾, vai mostrar que a sua natureza “está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo à sua vontade, e por conseguinte não podem se transportar à vontade de um mundo para outro. É o caso em que o envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável em relação à matéria tangível, ainda é muito pesado, se assim se pode exprimir, em relação ao mundo espiritual, para lhes permitir saírem de seu ambiente. Será preciso classificar nesta categoria aqueles cujo perispírito é bastante grosseiro para que eles o confundam com o corpo carnal, e que, por esta razão, acreditam estar sempre vivos. Estes Espíritos, cujo número é grande, permanecem na superfície da Terra, tal como os encarnados, acreditando sempre ocupar-se com o que estão habituados; outros, um pouco mais desmaterializados, entretanto não o são o suficiente para se elevar acima das regiões terrestres.

“Os Espíritos superiores, — prossegue Kardec — ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e mesmo aí se encarnar. Dos elementos constitutivos do mundo em que entram, eles extraem os materiais do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao ambiente onde se encontram. Fazem como o grande senhor que deixa suas belas roupas para vestir-se momentaneamente com trajes plebeus, sem que por isso deixe de ser o grande senhor.

“É assim (finaliza) que os Espíritos das ordens mais elevadas podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou encarnar-se entre eles, em missão. Tais Espíritos trazem consigo, não o envoltório, mas a lembrança por intuição

2. “A Gênese”, cap. XV, item 9.

das regiões de onde provêm, e que vêm no pensamento. São como videntes no meio de cegos.”

Jesus se enquadra, perfeitamente, entre os Espíritos superiores citados! Kardec o vê nesta condição com toda tranqüilidade.

Uma contradição de certas obras que defendem a tese do corpo flúídico de Jesus aparece exatamente aqui, neste ponto. Opinam que os Espíritos da condição de Jesus jamais encarnam. Uma dessas opiniões diz assim: “Os Cristos, Espíritos Puríssimos, não encarnam. Não têm mais nenhuma afinidade essencial com qualquer tipo de matéria, que é o mais baixo estágio da energia universal. Para eles, matéria é lama fecunda, que não desprezam, sobre a qual indiretamente trabalham através dos seus prepostos, na sublime mordomia da Vida, mas coisa com que não podem associar-se contextualmente, muito menos em íntimas ligações genéticas. Eles podem ir a qualquer parte dos Universos e atuar onde lhes ordene a Vontade Todo-Poderosa de Deus Pai; podem mesmo mostrar-se visualmente, por imenso sacrifício de amor, a seres inferiores e materializados, indo até ao extremo de submeter-se ao quase-aniquilamento de tangibilizar-se à vista e ao tato de habitantes de mundos inferiores, como a Terra; mas não podem encarnar-se, ligar-se biologicamente a um ovo de organismo animal, em processo absolutamente incompatível com a sua natureza e tecnicamente irrealizável”⁽³⁾. Kardec não concorda, absolutamente, com esta opinião. Com mais simplicidade ele atinge profundezas, é mais feliz até nas imagens que usa para fazer-se entender, tal a do grande senhor que deixa suas vestes ricas pelas pobres mas continua sendo o grande senhor. Sem dúvida, essa “sujeira”, essa lama enriquece a experiência dos Espíritos que reencarnam, sejam superiores ou não, no dizer de Kardec. Já não é o caso dos que crêem de acordo com a opinião transcrita acima. Questão de humildade, questão de orgulho! . . .

3. “Universo e Vida”, cap. VII.

Retornando a Jesus ⁽⁴⁾, afirma o Codificador que “sua alma não devia estar ligada ao corpo senão por laços estritamente indispensáveis; constantemente separada, ela devia lhe dar uma vista dupla não só permanente, como também de uma penetração excepcional e por outro modo muito superior àquela que se encontra nos homens comuns. O mesmo devia acontecer com todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispiríticos ou psíquicos. A qualidade de tais fluidos lhe dava um imenso poder magnético, secundado pelo desejo incessante de fazer o bem”.

As coisas de Jesus se passam, assim, de modo muito simples. Sua capacidade de Espírito superior, as propriedades de seu perispírito e o imenso desejo de auxiliar faziam com que sua vida transcorresse de modo vitorioso como a de nenhum outro encarnado. É interessante verificar que desse raciocínio se conclui, também, que qualquer outra criatura poderia viver a mesma vida desprendida, bastando que tivesse alcançado a evolução do Cristo. Assim, pois, esse Jesus da visão kardequiana está próximo da criatura encarnada até fisicamente, sem qualquer perigo de diluir-se no ar repentinamente. . .

O Cristo com corpo fluido, segundo Kardec ⁽⁵⁾, explicaria certas situações mas não chega a convencer. “Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida não teriam sido mais que uma aparição. E dizem que assim se explica que seu corpo, retornado ao estado fluido, pôde desaparecer do sepulcro, e foi com este mesmo corpo que ele se teria mostrado depois de sua morte.”

A partir daqui, Kardec entra no mérito da questão. Observemos como ele assesta seus instrumentos de maneira a discutir sobre os próprios argumentos utilizados pelos fluidistas.

“Sem dúvida, — diz — um fato destes não é radicalmente impossível, segundo o que hoje se sabe sobre as

4. “A Gênese”, cap. XV, item 2.

5. “A Gênese”, cap. XV, item 64.

propriedades dos fluidos; porém seria pelo menos inteiramente excepcional e em oposição formal com o caráter dos agêneres. A questão é, pois, de se saber se tal hipótese é admissível, se ela é confirmada ou contraditada pelos fatos.”

Note-se que Kardec afirma que este caso seria “excepcional e em oposição formal com o caráter dos agêneres”, porque o agêneres não é somente o ser incriado, mas uma aparição tangível de curta duração. Jesus, se tivesse tido um corpo fluídico, seria a exceção da regra, o agêneres perfeito de longa duração, no dizer de um certo autor ⁽⁶⁾, um caso de “seres que se mostram materializados aos olhos humanos, às vezes por longos períodos”. Não é essa a conclusão a que chegou Kardec sobre os agêneres. Mas, como ele mesmo disse, é preciso verificar se tal hipótese “é confirmada ou contraditada pelos fatos”. Ele, pois, prossegue nas suas considerações.

“A permanência de Jesus sobre a Terra apresenta dois períodos: aquele que precede e aquele que segue sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa com sua mãe como nas condições comuns da vida. A partir do nascimento e até sua morte, tudo, em seus atos, sua linguagem e nas diversas circunstâncias da vida, apresenta os caracteres inequívocos da sua corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica que se produzem nele são acidentais, e nada têm de anormal, pois explicam-se pelas propriedades do perispírito, e são encontrados em diferentes graus em outros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo revela nele o ser fluídico. A diferença entre esses dois estados é tão fundamentalmente traçada que não é possível assemelhá-los.”

Nessa linha de raciocínio, o Cristo de depois da morte é um agêneres perfeito, pois aparece e desaparece a curtos espaços de tempo e pode ser reconhecido com perfeição. Na estrada de Emaús aparece a dois discípulos, caminha

6. “Universo e Vida”, cap. VII.

com eles, demora mas é reconhecido, depois se esvai; a Tomé, materializa-se a ponto de produzir impressões fortes e o convencer. Enfim, este é o ser fluídico, tangível, numa palavra: o agêner! O outro, de antes da morte, é o Cristo de carne, o homem com todas as necessidades do homem. Ninguém o confunde nem duvida de sua realidade palpável, permanente.

“O corpo carnal — prossegue Kardec — tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, as quais diferem essencialmente dos fluidos etéreos; a desorganização ali se opera pela rutura da coesão molecular. Um instrumento cortante, penetrando no corpo material, divide seus tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, seu funcionamento se detém, e a morte será a consequência, isto é, a morte do corpo. Essa coesão não existe nos corpos fluídicos; a vida, neles, não repousa no funcionamento dos órgãos especiais, e neles não se podem produzir desordens análogas; um instrumento cortante ou qualquer outro ali penetra como num vapor, sem lhe ocasionar lesão alguma. Eis por que os seres fluídicos designados sob o nome de *agêneres* não podem ser mortos.”

Depois do suplício de Jesus, seu corpo lá ficou, inerte e sem vida; foi sepultado como os corpos comuns, e todos puderam vê-lo e tocá-lo. Depois da ressurreição, quando ele deixa a Terra, não morre; seu corpo se eleva e desaparece, sem deixar nenhum sinal, prova evidente de que esse corpo era de outra natureza que não aquele que pereceu na cruz; de onde será forçoso concluir que se Jesus pôde morrer é que tinha corpo carnal.

“Em consequência de suas propriedades materiais — continua Kardec — o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que repercutem no centro sensitivo ou Espírito; não é o corpo que sofre, é o Espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo privado de Espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o Espírito que não

tem corpo material não pode experimentar os sofrimentos que são o resultado da alteração da matéria; daí será preciso igualmente concluir que se Jesus sofreu materialmente, como não será possível duvidar, é que tinha um corpo material, de natureza idêntica à de todos.”

Até aqui, Kardec se atém ao aspecto físico e consequências. Tira, porém, conclusões que para si são as únicas possíveis. Ora, o agênera não pode morrer, não pode ser ferido. Jesus, no entanto, morreu, seu corpo foi sepultado, todos viram, tocaram. Só quem tem um corpo material — é Kardec quem diz — pode passar por esses lances! Mas o Cristo era assistido por uma equipe de Espíritos que poderiam muito bem simular todo o drama, inclusive o sangue a jorrar dos ferimentos causados pela coroa de espinhos, pela cruz e pelas lanças dos soldados, afirmam alguns. Sim, repetindo Kardec, nisso nada há de materialmente impossível, porém é preciso convir que isso seria bem mais antinatural do que se Jesus tivesse tido corpo material. Por mais que os Espíritos possam fazer, o bom senso leva a ver que esta teoria é complicada demais para ser verdadeira.

Em reforço do corpo carnal do Cristo, vem o Codificador com os aspectos morais “do mais alto poder”. Vejamos:

“Se durante sua vida Jesus tivesse estado nas condições dos seres fluídicos, não teria experimentado nem a dor nem nenhuma das necessidades do corpo; supor que ele assim era, será retirar-lhe todo o mérito da vida de provas e de sofrimentos que havia escolhido como exemplo de resignação. Se tudo nele eram só aparências, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua oração a Deus para que afastasse o cálice dos seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo, até seu último grito no momento de entregar o Espírito, não teria sido senão um vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer

no sacrifício ilusório de sua vida, uma comédia indigna de um homem honesto e simples, quanto mais e por mais forte razão, de um ser também superior; numa palavra, teria abusado da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as conseqüências lógicas desse sistema, conseqüências que não são admissíveis, pois resultaria em diminuí-lo moralmente, em lugar de o elevar.

“Jesus teve, — conclui Kardec — pois, como todos, um corpo carnal e um corpo flúidico, o que é confirmado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que assinalaram a sua vida.”

Ao passar da análise puramente física para a análise das conseqüências morais que resultaria do corpo flúidico de Jesus, Kardec também muda de tom. Até então frio, ele é aí veemente. Nasce-lhe da pena um como que brado de alerta: a vida de Jesus teria sido apenas “um vão simulacro”, se tivesse tido um corpo flúidico! Não se pode admitir isso, sob pena de “diminuí-lo moralmente”. A grande força de Jesus, crê Kardec, está na fusão da sabedoria e da prática, do conhecimento e do exemplo, do crer e fazer. Assim, pois, acreditar no seu corpo flúidico “será retirar-lhe todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que havia escolhido como exemplo de resignação”. “Meu Pai, disse Jesus, se possível, passe de mim este cálice”. Ora, essa frase não teria sentido para o Codificador caso fosse o Cristo um agênere, assim como essa outra: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste”, dita no momento de sua morte; e como inúmeras mais. A possibilidade de que Jesus seja diminuído moralmente assusta a Kardec a ponto de fazê-lo escrever com veemência: “uma comédia indigna de um homem honesto e simples!” (. . .) “Tais são as conseqüências lógicas desse ensino”, fala forte, compreendendo que o Jesus agênere “teria abusado da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade”, fingindo situações e sofrimentos, pois “não teria experimentado nem a dor nem nenhuma das necessidades do corpo”.

No pensamento de Kardec, as coisas se passam de maneira simples: houve o Cristo agênere, aquele que “ressuscitou” depois da morte e apareceu a Maria Madalena no sepulcro e a dois discípulos na estrada de Emaús e não foi de pronto reconhecido por eles, precisando recorrer a detalhes para ser descoberto. Esse o agênere perfeito, de curta duração, que não podia ser morto, apresentando-se na sua realidade de após morte.

Kardec, porém, não pára aí. Ei-lo seguro na sua posição contrária ao corpo fluídico:

“As aparições de Jesus depois de sua morte são narradas por todos os evangelistas com detalhes circunstanciados que não permitem duvidar da realidade do fato. Aliás, elas se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito, e nada apresentam de anômalo com os fenômenos do mesmo gênero, dos quais a História antiga e contemporânea oferece numerosos exemplos, sem excetuar a tangibilidade. Se se observam as circunstâncias que acompanharam suas diversas aparições, reconhecem-se nelas todos os caracteres de um ser fluídico. Aparece inopinadamente e desaparece da mesma forma; é visto por uns e por outros sob a aparência que não o fazem reconhecido, nem mesmo por seus discípulos; mostra-se em lugares fechados, onde um corpo carnal não penetraria; sua linguagem não tem a vivacidade de um ser corporal; tem o tom breve e sentencioso, particular aos Espíritos que se manifestam dessa maneira; todas as suas atitudes, numa palavra, têm qualquer coisa que não é do mundo terrestre. Sua apresentação causa ao mesmo tempo surpresa e pavor; seus discípulos, ao vê-lo, não lhe falam com a mesma liberdade; sentem que não é mais o homem.

“Jesus mostrou-se, pois, — afirma Kardec — com seu corpo perispiritual, o que explica não ter sido visto por aqueles a quem não desejava mostrar-se; se estivesse em seu corpo carnal, teria sido visto por todos, como quando era vivo. Desde que seus discípulos ignoravam a causa

primária do fenômeno das aparições, não se apercebiam dessas particularidades, as quais provavelmente não notavam; viam a Jesus e o tocavam, o que para eles deveria ser seu corpo ressuscitado.”

Os detalhes nesse particular do Cristo desencarnado, apresentando-se aos discípulos na condição de agêneres, são relacionados por Kardec com muita clareza. É a voz que soa diferente, é a linguagem que não tem vivacidade, é o tom breve e sentencioso, é a surpresa e o pavor de sua aparição até em lugares fechados. Tudo, enfim, que um agêneres mostra em suas manifestações.

O outro Cristo, aquele que viveu durante trinta e três anos até desencarnar na cruz, era de carne, esteve convicto disso o Codificador.

Compreendem-se, assim, os motivos que levaram Kardec a não avaliar a obra “Os Quatro Evangelhos” nem permitir o comparecimento de Roustaing e da médium Emilie Collignon na “Revista Espírita” depois de 1866. Os motivos são exatamente estes: a base dos “Quatro Evangelhos” é o corpo fluídico de Jesus, no dizer do próprio Codificador; ora, Kardec concluiu que o corpo fluídico era falso, logo “Os Quatro Evangelhos” ficaram sem razão de ser ou, como ele diria, o edifício ruiu. Junte-se a isso o fator moral conseqüente do corpo fluídico, talvez o ponto que mais chamou a atenção de Kardec. É, pois, certo que Kardec não aceitou a obra roustainguista e não viu em Roustaing, como também na médium Collignon, pelo que fizeram em “Os Quatro Evangelhos”, seus muito importantes colaboradores, ficando reduzida a mera opinião individual dos Espíritos que a assinaram, “a Revelação da Revelação”. Só isso.

Capítulo Terceiro

ROUSTAING E SEUS ADMIRADORES

O roustanguismo tem pequena quantidade de adeptos no Brasil, não obstante ser a Federação Espírita Brasileira o principal núcleo de irradiação dessa doutrina. Eis o paradoxo, pois essa instituição é também o maior núcleo editorial das obras kardequianas e das subsidiárias do Espiritismo. Entretanto, por que tanto interesse na divulgação das obras dessa doutrina? Em que se baseiam os seus adeptos para entendê-las como obras espíritas? Quais são os principais argumentos de que se utilizam para justificar essa atitude? Quais são os pontos em comum entre Kardec e Roustaing e como se dá a ligação dos dois, segundo o pensamento dos roustanguistas? Em que se apóiam para afirmar com tanta convicção que o roustanguismo é necessário ao Espiritismo?

Somente um estudo mais ou menos amplo permite que se responda a essas indagações. Várias são as obras, editadas em sua grande maioria pela Federação Espírita Brasileira, que pretendem comprovar os possíveis laços entre as duas doutrinas, embora seus autores soubessem da posição contrária de Kardec a Roustaing. Esse fator, porém, não os impediu de escrever e pensar pela cartilha

roustainguista. Mas é a biobibliografia intitulada “Allan Kardec”, por incrível que pareça, que mais permite obter uma idéia dos principais pontos em que se apóiam os roustaingistas para prosseguir em sua crença. Em três volumes, “Allan Kardec” foi editada pela Federação Espírita Brasileira e seus autores são Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, ambos ligados à direção da Federação. A obra apareceu com a pretensão de ser o mais profundo trabalho de pesquisa sobre o codificador do Espiritismo. Entretanto, no ardor da pesquisa e das interpretações, os autores não puderam evitar que suas convicções pessoais viessem a influir nas conclusões. Afirmaram, inclusive, que Roustaing é necessário ao Espiritismo. Assim, pois, “Allan Kardec” é, ao mesmo tempo, o melhor trabalho que já se fez sobre a vida e a obra do codificador e o mais duvidoso em matéria de interpretação do pensamento kardequiano.

“Allan Kardec” tem duas partes distintas: a biobibliografia e os ensaios de interpretação. Para a primeira fora preciso apresentar documentos, caso contrário ficaria sem validade; a segunda navega nas ondas do pensamento dos autores. Entretanto, mesmo para ela, há momentos em que a gravidade do assunto pede provas. É o que acontece quando se pretende afirmar que uma doutrina integra a outra. Mas, no caso de Roustaing, os autores de “Allan Kardec” não se preocuparam com isto. Valeram-se, apenas, do selo editorial pelo qual a obra foi lançada e da posição que ocupavam na Federação, na esperança de que estes fatores pudessem pesar decisivamente e — até! — definitivamente na mente dos leitores. E não deixaram de ter razão, pelo menos quanto à parcela daqueles que tudo lêem sem nada comparar, analisar ou criticar.

A análise dessa obra, especificamente nos aspectos em que toca no roustaingismo, permitirá, pois, responder às indagações acima.

ABRINDO CAMINHO

Quando se pretende atingir um destino, tem-se dois caminhos: a estrada e o atalho. Pode ocorrer que o atalho seja até mais longo que a estrada. Isso, porém, não terá a menor importância se ficar provado que a estrada não leva ao destino que se “deseja”; vai-se pelo atalho. Fundamental é chegar ao destino. Pode ocorrer, também, que o atalho obrigue a tomada de iniciativas perigosas em determinados trechos, desvios aqui, saltos ali. Ainda assim, vai-se pelo atalho se o destino da estrada, comprovadamente, não for o do desejo.

Eis o que ocorre com a obra “Allan Kardec”, a partir do seu segundo volume. Ao primeiro volume reservam-se todos os elogios para o trabalho, pois ele se resume no seu próprio subtítulo: meticulosa pesquisa biobibliográfica e é desenvolvido de maneira inteligente. Já o segundo e terceiro — pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação — tomam rumos muito discutíveis. O primeiro é a estrada; os outros dois são o atalho.

Já na introdução do segundo volume, os autores assumem certa posição que, à primeira vista, não teria maiores consequências se não se descobrissem mais tarde suas intenções. É com relação à condição humana do codificador do Espiritismo. Posição, aliás, que é a de todos os espíritas estudiosos, mas que na obra “Allan Kardec” aparece com destino diferente: “Operando (. . .) no campo vasto da Codificação do Espiritismo, Allan Kardec sofria as compreensíveis limitações que a condição humana, segundo leis invioláveis, impõem àqueles que vestem a indumentária carnal”. E mais: “Com serenidade reconhecemos que no Movimento Espírita hodierno, no País e além-fronteiras, não faltam os afoitos a afirmar que a obra kardequiana está ultrapassada, tanto quanto sobram os não menos temerários que pretendem conferir à figura do Codificador o dom da infalibilidade, nas questões em geral — não apenas nas que se vinculam à Fé, propriamente dita —

levando os adeptos ao absurdo de admitir na pessoa de Allan Kardec uma dupla condição falsa de criatura imune ao erro e às imperfeições dos seres terrenos, relativos, condição que ele por várias vezes verberou, francamente, quando na vida física”.

Há dois pontos, aí, a serem destacados: primeiro, a afirmativa de que Kardec “sofria as compreensíveis limitações” do corpo físico. Numa palavra: poderia cometer erros. Sem dúvida, uma possibilidade real. Segundo, a informação de que há adeptos que, a despeito de tudo, consideram que Kardec fora infalível. Mas seria somente esta a intenção dos autores? Não é de se crer, porque mais adiante eles afirmam: “Foi a Roustaing, pois, que o Alto conferiu, na Equipe da Codificação, a *organização* do trabalho da fé”. E o fazem sabedores de que Kardec condenou Roustaing e sua obra: primeiro, demonstrando que o corpo fluídico de Jesus era a base em que se assentava a obra “Os Quatro Evangelhos”; depois, afirmando que Jesus jamais tivera um corpo fluídico.

É preciso observar que o codificador não considerou Roustaing como membro da “equipe da codificação”. Sendo ele chefe no plano dos encarnados dessa equipe, precisaria estar muito enganado para não reconhecê-lo como colaborador. Não só não o considerou como condenou sua obra! Surge, pois um impasse: ao mesmo tempo em que Kardec fecha as portas a Roustaing, seus biógrafos o consideram como membro da equipe da codificação. Um impasse que não apresenta outra saída senão a de que, no pensamento dos biógrafos, Kardec cometera um erro (que teria de ser considerado, pois, de imensas proporções) com relação a Roustaing e sua obra. E, convenhamos, para convencer o leitor disto nada melhor do que dar ênfase à falibilidade humana de Kardec. . .

Existe ainda, em favor dessa tese, o fato de que, muito raramente, a falibilidade de Kardec aparece nas discussões. A sua posição (que ele mesmo assumiu) perante

a Doutrina Espírita é tão nítida que até os adeptos iniciantes ou pouco estudiosos vêem eliminada qualquer dúvida relativa à condição humana (portanto, falível) dele. Em qualquer das obras da codificação essa posição aparece com realce (chega a ser com ênfase até), de tal modo que o estudante mais desinteressado não se pode furtar ao conhecimento do fato. Veja-se, por exemplo, este trecho apanhado em “O Livro dos Espíritos”, introdução: “Pode-se ter muito espírito e até mesmo muita instrução, e não se ter bom senso; ora, o primeiro indício de falta de senso é a crença na própria infabilidade”. Kardec assim fala referindo-se aos céticos e quem diz dos outros (por consequência) diz de si mesmo. Ele separava a sua participação pessoal, pois, da dos Espíritos, sabedor de que esta participação deveria limitar-se a certos princípios. E dava destaque maior à opinião dos Espíritos quando estes concordavam entre si: “Apesar da parte que cabe à atividade humana na elaboração desta doutrina — diz em “A Gênese” — a sua iniciativa pertence aos Espíritos. . .” Não é possível, portanto, confundir Kardec com alguém que pretendesse ser infalível, daí a raridade com que o assunto surge à discussão.

Assim, não se compreende bem a finalidade com que os autores trazem a questão à baila com tanta ênfase, senão que isso favoreça a interesses ali ainda não revelados.

Veja-se, também, esta outra discussão em torno da liberdade de pensamento: “A liberdade de pensamento que o Espiritismo sempre reclamou para os seus adeptos. . . Kardec a entendia dentro do critério da reciprocidade. E, coisa estranha, às vezes se encontram espíritas que fazem restrições aos próprios companheiros de trabalho, enfatizam o seu direito à liberdade de pensar, sobre determinados pontos doutrinários, de forma diferente de outrem, mas não admitem, em contrapartida, o direito de outrem esposar idéias diversas das deles, sobre os mesmos pontos”.

Assim como a questão da falibilidade canaliza-se para um possível erro do codificador em relação a Roustaing, esse ponto da liberdade de pensamento leva aos opositores de Roustaing, uma vez que eles têm investido de forma segura contra os roustanguistas e as instituições que o divulgam, das quais se destaca a FEB. Apenas isto justificaria também a ênfase aí utilizada. Se assim for (e parece que é), a questão deveria ser analisada sob um outro ângulo, também: a quem atingem e de que forma o fazem os anti-roustanguistas, e se é verdade que eles não admitem “o direito de outrem esposar idéias diversas das deles”. Antes, porém, que estas respostas sejam dadas faz-se necessário argüir dos motivos reais que estimulam os anti-roustanguistas a porfiarem pela causa.

Uma coisa muito clara é esta: a discussão em torno da velha tese do corpo fluídico de Jesus nos meios espíritas só teve início depois do lançamento de “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing. E mesmo assim porque a obra apareceu como elemento integrante da Doutrina Espírita. Em vista disso, a primeira providência de Kardec foi colocar a questão de molho. Depois, condenou o Cristo agênerê. Logo, a obra de Roustaing ficou sem base e perdeu a razão de ser. Esta é uma das principais causas que motivam os espíritas a discordarem dos seguidores de Roustaing. Mas não é a única. Outra causa está no fato de que “Os Quatro Evangelhos” foi levado a exame crítico e não resistiu. Uma coisa, pois, se alia a outra: a condenação de Kardec e a constatação de que a condenação era fundamentada. Isto significa que Roustaing não faz parte da codificação.

A questão, porém, não pára aí. É curioso verificar que depois de praticamente desaparecido na França e outros países europeus, o roustanguismo apareceu no Brasil e tomou impulso. Muitos roustanguistas vêem neste fato algo semelhante com o Espiritismo, que aqui também tomou impulso grande. Há, porém, diferenças entre um e

outro. Por exemplo, quando o Espiritismo veio para o Brasil estava ainda bastante forte na França. Aqui teve continuidade em seu desenvolvimento e só mais tarde, já no presente século, foi que o Espiritismo perdeu terreno naquele país. Mas o roustainguismo não; quando chegou ao Brasil tinha sido já condenado e relegado ao esquecimento na França e em toda Europa por homens como Léon Denis, Gabriel Delanne, Camile Flammarion, Ernesto Bozzano, sem citar Kardec, evidentemente. Flammarion, por exemplo, dissera ⁽⁷⁾: “Se Kardec é no espaço um astro de infinito esplendor, que eu acompanho como satélite, ainda e sempre, onde resplende o autor da “Revelação das Revelações”? Bozzano: “O caso de J.-B. Roustaing, sob o título absoluto de “A Revelação das Revelações” é, portanto, um fato “dogmático” feliz e universalmente liquidado”. Já Denis afirmara: “Quanto às obras de Roustaing devo dizer-vos que elas não gozam de nenhum crédito em nosso país. Nelas a imaginação teve um papel bem mais preponderante que a mediunidade. Ninguém mais pensa nelas, entre nós, há muito tempo”. ⁽⁸⁾

Para Herculano Pires ⁽⁹⁾, “o roustainguismo chegou ao Brasil num momento crítico, quando a nossa cultura estava sendo abalada por várias infiltrações européias. Entre essas, o Espiritismo, que chegara da França e empolgara alguns espíritos cultos na segunda metade do século passado. O roustainguismo se apresentava como integrado no Espiritismo e tocava de perto a sensibilidade mística de alguns ex-católicos. A França era então o centro da civilização e Paris o *cérebro do mundo*”. O roustainguismo foi adotado por algumas instituições e, mais tarde, pela FEB, que o divulga até os nossos dias. Esse fato, ou seja, uma instituição que adquiriu respeito e se arroga o título de

7. Conf. o livro “Simulador, o Cristo?”, de Mariano Rango d’Aragona, 1.ª edição, 1942, reportando-se a uma comunicação mediúnica recebida do Espírito que, quando encarnado, opusera-se a Roustaing.

8. Citadas, respectivamente, em “Simulador, o Cristo?”, de d’Aragona, e “Máscaras Abaixo!”, de Ricardo Machado.

9. “O Verbo e a Carne”, 1.ª edição, 1972, página 56.

“Casa Mater do Espiritismo no Brasil”, fez e faz com que os espíritas se lancem contra ela, de várias partes, porque entendem que ela está contra Kardec, contrariando até sua posição, para dar cobertura a uma doutrina que fere a própria razão. O que os espíritas não entendem é como pode a FEB agir de tal modo. “O prestígio da FEB — é ainda Herculano quem diz — e sua insistência na divulgação e sustentação do roustainguismo dá certo vigor a este, particularmente no centro e norte do país ⁽¹⁰⁾”. Então, perguntam os espíritas: se Kardec condenou Roustaing, sob que argumento a FEB o defende? E continuam sem entender nada porque a FEB não abre mão de seu direito de divulgar Roustaing. . .

Na sua grita, não nos parece que os espíritas contrariam o direito de livre pensar dos roustainguistas. Aliás, estes pensam livremente desde a elaboração e publicação de “Os Quatro Evangelhos”. A coisa toda se prende mais ou menos a isto: Roustaing é, como disse Herculano Pires, “o cavalo de Tróia do Espiritismo”; é um câncer no movimento e dói, dói muito ver a principal instituição espírita do país defendendo uma tese que o Codificador condenou e a condena grande e expressiva parcela do movimento espírita. Esta é, ademais, uma defesa anti-democrática, autoritária, promovida por uma Casa que reúne as opiniões do movimento espírita nacional mas não lhe dá ouvidos senão naquilo que lhe convém!

PULANDO A JANELA

O atalho é feito, também, de sutilezas. Desde que se optou pelo atalho em lugar da estrada segura e reta, já não importa ter de utilizar certos artifícios para fugir às picadas das cobras ou à violência das feras. No atalho, muita vez, se diz que os fins justificam os meios, assim como o atalho é um meio justificado pelos fins.

Em “Allan Kardec” Zêus Wantuil e Francisco Thie-

10. Idem, página 11.

sen têm como certo que Roustaing é um membro da codificação e sua obra “Os Quatro Evangelhos” é não só necessária como integra de fato a Doutrina Espírita. Eles irão revelar isto no tempo devido. Antes, porém, realizam um trabalho de preparação do terreno com a intenção de não chocar o leitor. . . Assim, quando Roustaing aparecer com toda sua *importância* o impacto será menor porque, na verdade, ele já apareceu antes, sutil e quase imperceptível. Dá-se isto já no segundo volume, quando os Autores afirmam que Kardec tinha em alta consideração a Homeopatia e discordava apenas de alguns médicos homeopatas que iam ao extremo de afirmar que esta medicina influía positivamente sobre as disposições morais dos indivíduos. E dizem: “As conclusões do codificador são concordantes com o que se acha enfiado no volume II da obra “Os Quatro Evangelhos”, por J.-B. Roustaing. . .” A sutileza está exatamente aqui, no verbo *concordar*: Kardec concorda com Roustaing. . . Normalmente se dá o inverso: o discípulo concorda com o mestre. Na inversão da frase esconde-se, certamente, esta intenção: se Kardec concorda com Roustaing, então Kardec está certo na análise do fato. Mas, caso não houvesse concordado, teria cometido um erro, sabe-se lá se reparável. . . O fato passaria despercebido para o leitor despreocupado, mas não para os estudiosos.⁽¹¹⁾

É dessa forma surpreendente que Roustaing penetra e toma assento ao lado de Kardec.

A comparação seria totalmente desnecessária. Funciona apenas como um aposto, esse elemento que, gramaticalmente, pode ou não estar no período sem que altere o seu sentido. Se a comparação fosse eliminada do texto ele não se modificaria. Isso, porém, não atenderia aos interesses dos Autores.

Há, ainda, outra sutileza a ser observada: os Autores

11. Observe-se, também, que o verbo concordar, no caso, importa numa intenção de igualdade, pois os roustaingistas consideram que Roustaing equipara-se a Kardec em importância e, não raro, o têm até como superior ao mestre.

verificaram que o texto de Kardec fora escrito em 1867, dois anos após, portanto, o lançamento de “Os Quatro Evangelhos”. E concluíram, por uma questão de ordem cronológica: Kardec *concorda* com Roustaing. Esqueceram-se, porém, de que bem antes já “O Livro dos Espíritos” encaminhava a questão das curas dos males físicos e morais segundo suas verdadeiras causas, e “O Evangelho segundo o Espiritismo”, lançado em 1864, enfocava ao longo do seu contexto o assunto, como pode ser verificado, particularmente, no V capítulo, item 19 — “O mal e o remédio”. Assim, pois, cronologia por cronologia Kardec chegou antes.

São essas sutilezas que às vezes colocam os leitores em posição de rejeitar todo um trabalho, a despeito de tudo o mais que contenha de útil. Seria o caso de perguntar: por que os autores não compararam Kardec de 1867 com Kardec de 1864, 1861 ou 1857?

Roustaing reaparece, ainda, no segundo volume.⁽¹²⁾ E novamente aí não se pode deixar de ver a intenção com que é ele destacado. Corria o ano de 1861 e Kardec estava em Bordéus, cidade de Roustaing e da médium Collignon, para visita. Instalava-se, na ocasião, a Sociedade Espírita de Bordéus. Após o discurso do Sr. Sabò, ocupa a tribuna o Dr. Bouché de Vitray que, em determinado instante, faz referência a Roustaing como tendo sido o amigo que o levou ao Espiritismo. Essa simples alusão a Roustaing é o bastante para que os autores transcrevam esta parte do discurso: “O Dr. Bouché de Vitray, em longo discurso, faz várias considerações acerca do Espiritismo e sua rápida divulgação em todos os lugares, enaltece o missionarismo de Allan Kardec, “digno intérprete dos ministros do Senhor”, descreve alguns curiosos fatos mediúnicos por ele testemunhados e conta a sua própria evolução, do semi-materialismo ao Espiritismo, acrescentando: “O reconhecimento me obriga, no dia de hoje, a inscrever nesta pá-

12. Página 216.

gina o nome de um dos meus bons amigos, que me abriu os olhos à luz, o do Sr. Roustaing, distinto advogado, e sobretudo consciencioso, destinado a representar importante papel nos fastos do Espiritismo”.

Vê-se que a intenção dos Autores se manifesta sob tríplice aspecto: em primeiro lugar, o nome de Roustaing é mencionado num discurso de inauguração da Sociedade, embora essa menção não tenha absolutamente nenhum valor porque iguais a estas acontecem por dia milhões no mundo inteiro. Se os Autores se servem dela é apenas para não deixar escapar uma ocasião de citar o nome do responsável por “Os quatro Evangelhos”; em segundo lugar, porque o último período da fala do Dr. Bouché é curiosamente profético: “destinado a representar importante papel nos fastos do Espiritismo”. Isso não passa despercebido aos olhos dos Autores que vêem aí ótima oportunidade de ampliar o conceito de Roustaing; em terceiro lugar, porque a citação é feita em presença do Codificador, o que não deixa de ser significativo. O fato só não é completo porque de Kardec mesmo nada se obtém em favor de Roustaing. Mas está aí marcado como Roustaing se destinava a “importante papel” na Doutrina Espírita. E que papel. . .

OS MÉDIUNS DE BORDÉUS

A biobibliografia “Allan Kardec” de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen oferece um bom momento para uma análise da carta que o Espírito de Erasto, um dos mais diretos membros da equipe espiritual da Codificação, enviou aos espíritas de Bordéus por ocasião da visita que Kardec fez àquela cidade em 1861. Com efeito, está assim assinalada a carta no segundo volume (pág. 261): “Terminado o seu discurso, Kardec lê instrutiva mensagem que o Espírito de Erasto, “humilde servo de Deus”, dedicou aos espíritas de Bordéus, mensagem recebida pelo médium Sr. d’Ambel, antes de o viageiro deixar Paris”. Além desta menção, nada mais se lê sobre a instrutiva mensagem. Ela,

porém, merece ser analisada, não só porque não perdeu sua atualidade como por chamar a atenção, já na ocasião — 1861! — para a presença de inúmeros médiuns na região. Para Erasto, este fato significa uma possibilidade de que “espíritos enganadores” se sirvam dos mais invigilantes e vaidosos. Eis, pois, a mensagem⁽¹³⁾:

“Que a paz do Senhor esteja convosco, meus bons amigos, a fim de que nada venha jamais perturbar a boa harmonia que deve reinar num centro de espíritas sinceros! Sei quão profunda é vossa fé em Deus e quanto sois fervorosos adeptos da nova revelação. Eis por que vos digo, com toda a efusão de minha ternura, que ficaria desolado, ficaríamos desolados todos nós que, sob a direção do *Esprito de Verdade*, somos os iniciadores do Espiritismo na França, se viesse a desaparecer do vosso meio a concórdia de que, até hoje, destes provas brilhantes. Se não tivésseis dado o exemplo de uma sólida fraternidade; se, enfim, não fôsseis um centro sério e importante da grande comunhão espírita francesa, eu teria deixado esta questão na sombra. Mas se a levantei é que tenho razões plausíveis para vos convidar à manutenção da união, da paz e da unidade da doutrina entre os vossos diversos grupos. Sim, meus caros discípulos, aproveito com entusiasmo esta ocasião, que nós mesmos preparamos, para vos mostrar quanto seria funesta ao desenvolvimento do Espiritismo e que escândalo causaria entre os vossos irmãos de outras regiões, a notícia de uma cisão no centro que até agora nos encantou citá-lo, por seu espírito de fraternidade, a todos os outros grupos formados ou em vias de formação. Não ignoro, como não o deveis ignorar, que tudo farão para semear a divisão entre vós; que vos armarão ciladas; que em vosso caminho semearão emboscadas de toda sorte; que vos oporão uns aos outros, a fim de fomentar a divisão e levar a uma ruptura, por todos os títulos lamentável. Mas podereis evitar tudo isto praticando os sublimes preceitos da lei do

13. “Revista Espírita”, 1.ª edição em português pela Edicel, novembro de 1861, página 364.

amor e da caridade, inicialmente perante vós próprios e, a seguir, perante todos. Estou convicto de que não dareis aos inimigos de nossa santa causa a satisfação de dizer: “Vede esses espíritas de Bordéus, que nos mostravam como marcham na vanguarda dos novos crentes! Não sabem nem ao menos estar de acordo entre si”. Eis, meus amigos, onde vos esperam e onde nos esperam a todos. Vossos excelentes guias já vos disseram: “Tereis que lutar não só contra os orgulhosos, os egoístas, os materialistas, e todos esses infelizes que estão imbuídos do espírito do século; *mais ainda, e sobretudo, contra a turba de Espíritos enganadores que, encontrando em vosso meio uma rara reunião de médiuns, pois a tal respeito sois os mais aquinhoados, em breve virão assaltar-vos: uns, com dissertações sabiamente combinadas, nas quais, graças a tiradas piedosas, insinuarão a heresia ou algum princípio dissolvente; outros, com comunicações abertamente hostis aos ensinamentos dados pelos verdadeiros missionários do Espírito de Verdade.*”¹⁴ Ah! crede-me, não temais desmascarar os embusteiros que, novos Tartufos, se introduziriam entre vós sob a máscara da religião; sede igualmente impiedosos para com os lobos devoradores, que se ocultariam sob peles de cordeiro. Com a ajuda de Deus, que jamais invocais em vão, e com a assistência dos bons Espíritos que vos protegem, ficareis inquebrantáveis em vossa fé; os maus Espíritos vos acharão invulneráveis e, quando virem seus dardos se quebrarem contra o amor e a caridade que vos animam o coração, retirar-se-ão confusos de uma campanha onde só terão colhido impotência e vergonha. *Encarando como subversiva toda doutrina contrária à moral do Evangelho e aos princípios gerais do Decálogo*”¹⁵, que se resume

14. Grifo nosso. Observe-se como Erasto chama a atenção para a presença dos Espíritos enganadores. Nesta ocasião, “Os Quatro Evangelhos” estava sendo iniciado. Esta mensagem é uma verdadeira profecia, motivo pelo qual jamais seria transcrita pelos Autores de “Allan Kardec”.

15. Grifo ainda nosso. Essa afirmativa é muito importante porque “Os Quatro Evangelhos” é sabidamente contrário à “moral do Evangelho e aos princípios gerais do Decálogo”. A maioria dos que se detiveram no estudo crítico da obra rousstainguista verificaram esse fato. Herculano Pires escreveu, inclusive, um capítulo em “O Verbo e a Carne” a esse respeito.

nesta lei concisa: *Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos*, ficareis invariavelmente unidos. Aliás, em tudo é preciso saber submeter-se à lei comum: a ninguém cabe subtrair-se ou querer impor sua opinião e seu sentimento, quando estes não forem aceitos pelos outros membros de uma mesma família espírita. E nisto eu vos convido insistentemente a vos modelardes pelos usos e regulamentos da Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, onde ninguém, seja qual for sua posição, idade, serviços prestados ou autoridade adquirida, pode substituir por sua iniciativa pessoal a da Sociedade de que faz parte e, *a fortiori*, engajá-la em coisa alguma por meio de manobras que ela não aprovou. Dito isto, é incontestável que os adeptos do mesmo grupo devem ter uma justa deferência para com a sabedoria e a experiência adquiridas. A experiência nem é divisa do mais velho nem do mais sábio, mas do que se ocupou por mais tempo e com mais frutos para todos, de nossa consoladora Filosofia. Quanto à sabedoria, cabe-vos examinar aqueles que entre vós a seguem e a praticam melhor de acordo com os preceitos e as leis. Contudo, meus amigos, antes de seguir vossas próprias inspirações, não o esqueçais, tendes os vossos conselheiros e vossos protetores etéreos a consultar, e estes jamais vos faltarão quando o solicitardes com fervor e com um objetivo de interesse geral. Por isso necessitais de bons médiuns e aqui os vejo excelentes, em cujo meio só tendes que escolher. Certo, — e bem o sei — a Sra. e a Srta. Cazemajoux e alguns outros possuem qualidades mediúnicas no mais alto grau e *nenhuma região, eu vo-lo repito, a esse respeito é melhor dotada do que Bordéus* ⁽¹⁶⁾.

“Eu tive que vos fazer ouvir uma voz tanto mais severa, meus amigos, quanto o Espírito de Verdade, mestre de todos nós, mais espera de vós. Lembrai-vos de que fazeis parte da vanguarda espírita e que a vanguarda, como o estado-maior, deve a todos o exemplo de uma submissão

16. Grifo nosso.

absoluta à disciplina estabelecida. Ah! vossa obra não é fácil, desde que vos cabe a tarefa de levar com mão vigorosa o machado às sombrias florestas do materialismo e perseguir até às suas últimas trincheiras os interesses materiais coligados. Novos Jasons, marchai à conquista do verdadeiro toção de ouro, isto é, dessas idéias novas e fecundas, que devem regenerar o mundo; mas nesse caso já não marchais no interesse privado, nem mesmo no da geração atual, mas, sobretudo no das gerações futuras, para as quais preparais os caminhos. Há nesta obra um cunho de abnegação e de grandeza que ferirá de admiração e de reconhecimento os séculos futuros e, crede-me, Deus saberá vos levar isto em conta. Tive que vos falar como falei, porque me dirijo a criaturas que escutam a razão, a homens que perseguem seriamente um objetivo eminentemente útil: a melhora e a emancipação da raça humana; a espíritas, enfim, que ensinam e pregam o exemplo, que o melhor meio para lá chegar está na prática das verdadeiras virtudes cristãs. Tive que vos falar assim, porque era necessário vos premunir *contra um perigo*⁽¹⁷⁾, que era meu dever assinalar; venho cumpri-lo. Assim, agora posso encarar o futuro sem inquietude, porque estou convencido de que minhas palavras serão proveitosas a todos e a cada um; e que o egoísmo, o amor-próprio e a vaidade, de agora em diante, não terão poder sobre os corações em que reine completamente a verdadeira fraternidade.

“Vós vos lembrareis, espíritas de Bordéus, que a vossa união é o verdadeiro encaminhamento para a união e a fraternidade universal; e, a esse respeito, sinto-me feliz, muito feliz, por poder constatar claramente que o Espiritismo, por si, vos impulsionou a dar um passo à frente. Recebei, pois, nossas felicitações, pois aqui falo em nome de todos os Espíritos que presidem à grande obra de regeneração humana, já que, por vossa iniciativa, abriu-se um novo campo de exploração e uma nova causa de certeza

17. Idem.

aos estudos dos fenômenos de além-túmulo, por vosso pedido de filiação, não como indivíduos isolados, mas como grupo compacto, à Sociedade iniciadora de Paris. Pela importância desse passo, reconheço a alta sabedoria dos vossos guias principais e agradeço ao terno Fénelon e seus fiéis coadjutores Georges e Marius, que com ele presidem às vossas piedosas reuniões de estudo. Aproveito esta circunstância para, igualmente, dar um testemunho brilhante aos Espíritos Ferdinand e Felicia, que todos conheceis. Embora estes dignos colaboradores tenham apenas feito o bem pelo bem, é bom saberdes que é a esses modestos pioneiros, secundados pelo humilde Marcelino, que nossa santa doutrina deve ter prosperado tão rapidamente em Bordéus e no sudoeste da França.

“Sim, meus fiéis crentes, vossa admirável iniciativa será seguida, bem o sei, por todos os grupos espíritas formados seriamente. É, pois, imenso passo adiante. Compreendeis, e todos compreenderão como vós, que vantagens, que progressos, que propaganda resultarão da adoção de um programa uniforme para os trabalhos e estudos da doutrina que vos revelamos. Não obstante, fique bem entendido que cada grupo conservará sua originalidade e sua iniciativa particular; mas, fora de seus trabalhos particulares, terá que ocupar-se de diversas questões de interesse geral, submetidas ao seu exame pela Sociedade central⁽¹⁸⁾, e resolver várias dificuldades, cuja solução até agora não foi obtida dos Espíritos, por motivos que seria inútil aqui desenvolver. Eu acreditaria vos fazer uma ofensa se aos vossos olhos ressaltasse as conseqüências resultantes de trabalhos simultâneos. Então, quem ousará contestar uma verdade, quando esta for confirmada pela unanimidade ou pela maioria das respostas mediúnicas, obtidas simultaneamente em Lião, Bordéus, Constantinopla, Metz, Bruxelas, Sens, México, Carlsruhe, Marselha, Tou-

18. Roustaing jamais deu ouvidos a essa observação de Erasto. Não manteve nenhum contato com Kardec durante a elaboração de sua obra. Fez tudo só e apenas depois de concluída e publicada deu conhecimento dela ao Codificador.

louse, Mâcon, Sétif, Argélia, Oran, Cracóvia, Moscou, São Petersburgo, como em Paris? ⁽¹⁹⁾

“Eu vos distraí com a rude franqueza com que falo aos vossos irmãos de Paris. Não obstante, não vos deixarei de testemunhar minhas simpatias, justamente conquistadas, a esta família patriarcal, onde excelentes Espíritos, encarregados de vossa direção espiritual, começaram a fazer compreender suas eloqüentes palavras. Citei a família Sabò, que soube atravessar com uma constância e uma piedade inalterável as dolorosas provas com que Deus a afligiu, a fim de a elevar e a tornar apta para a sua missão atual. Também não devo esquecer o concurso dedicado de todos quantos, em suas respectivas esferas, contribuíram para a propagação de nossa consoladora doutrina. Continuai todos, meus amigos, a marchar resolutamente no caminho aberto: ele vos conduzirá seguramente para as esferas etéreas da perfeita felicidade, onde vos marcarei encontro. Em nome do *Espírito de Verdade*, que vos ama, eu vos abençôo, espíritas de Bordéus. Erasto.”

Esta a longa e importante mensagem enviada pelo Espírito. *Coincidentemente*, seu destino fora Bordéus, cidade de Roustaing e da médium Collignon. Seu tom sério, quase viril, reconhecido pelo próprio Erasto, faz perceber que alguma razão muito forte motivou a remessa da carta. Aliás, neste teor muito raramente os Espíritos se manifestam. Só o fazem quando há razões justificáveis. E a razão bem poderia ser a “rara reunião de médiuns” da região de Bordéus. Por que não? O Espírito ressalta este fato com bastante ênfase, chama a atenção para os perigos da invigilância, preocupado com a “turba de espíritos enganadores que... em breve virão assaltar-vos”, mostrando os ardis de que se serviriam eles, “uns com dissertações sabiamente combinadas, nas quais, graças a tiradas piedosas, insinuarão a heresia ou algum princípio dissolvente”. Eras-

19. Observe-se o destaque de Erasto para o princípio da universalidade dos ensinamentos que os roustaingistas desprezam e os Autores de “Allan Kardec” procuram colocar em segundo plano relativamente a Roustaing (vol. III, página 367).

to é neste ponto tão incisivo que chega a dizer para que não temessem “desmascarar os embusteiros que, novos Tartufos, se introduziriam... sob a máscara da religião”. Só falta citar “Os Quatro Evangelhos”... E com severidade clama: “sede igualmente impiedosos para com os lobos devoradores, que se ocultariam sob pele de cordeiro”. Bordéus se oferecia aos Espíritos enganadores como nenhum outro lugar, dado que ali se encontravam muitos médiuns. E Erasto compreende que somente a “união, a paz e a unidade da doutrina” seriam capazes de evitar que houvesse a intromissão daqueles Espíritos. Fala com severidade: “Tive que vos falar assim porque era necessário vos premunir contra um perigo, que era meu dever assinalar”. Espera que, daquele momento em diante, o “egoísmo, o amor-próprio ou a vaidade” não se aposse dos “corações em que reine a verdadeira fraternidade”. Destaca como portadoras de “qualidades mediúnicas no mais alto grau” a Sra. e Srta. Cazemajoux (não diz de Collignon!), entre outros. Ressalta o valor da família Sabò (e não se refere a Roustaing). Agradece a Espíritos como Fénélon, Ferdinand e outros. Tudo isso “em nome do Espírito de Verdade”.

Não é fora de propósito assinalar que Kardec tinha em grande consideração o movimento espírita de Bordéus. Ao longo dos anos em que dirigiu a “Revista Espírita”, publicou inúmeras mensagens de médiuns daquela cidade, além de notícias e comentários sobre o Espiritismo lá praticado. A própria médium Collignon viu, até 1865, trabalhos de sua lavra mediúnica publicados por Kardec. Depois dessa época, quando apareceu “Os Quatro Evangelhos”, não mais esteve na “Revista Espírita”, pelo menos enquanto esta esteve sob a direção do Codificador. Tal não se deu, porém, com outros médiuns de Bordéus que continuaram tendo o apoio de Kardec. Entre estes, as Cazemajoux.

Por outro lado, a mensagem de Erasto chegou a Bor-

déus numa época em que se esboçavam já os planos para “Os Quatro Evangelhos”. As advertências que fez teriam sido motivadas já por estes planos? Não é improvável. Veja-se afirmativa a respeito dos Espíritos enganadores e seus ardis, ao dizer que se apresentariam com “dissertações sabiamente combinadas, nas quais, graças a tiradas piedosas, insinuariam a heresia ou algum princípio dissolvente”. É, pois, possível concluir que Erasto procurava evitar a concretização de um plano que se constituiria em divisor no movimento espírita, como o é o corpo fluido de Jesus pregado por Roustaing. . .

INSTALANDO-SE, AFINAL

Na intenção de formalizar a obra roustanguista como integrante da Doutrina Espírita, os Autores se cercam de argumentos e citações separadas a dedo. E mais, não deixam passar uma oportunidade sequer em que o nome Roustaing possa ser citado de maneira positiva.

No volume terceiro da obra “Allan Kardec” está concentrado o principal esforço pró-Roustaing. Um documento, por exemplo, datado de 1904, serve de pretexto para que ele seja citado. É que naquela ocasião reuniram-se no Rio de Janeiro espíritas de diversos pontos do Brasil. Ao final, aprovaram aquilo que se chamou “Bases da Organização Espírita” em decorrência de uma proposta da Federação Espírita Brasileira. As Bases resumiam os esforços que seriam envidados no sentido de criar, nos diversos Estados brasileiros, sociedades moldadas na própria FEB. Depois de se referir às obras “O Livro dos Médiuns” e “O Livro dos Espíritos”, diz: “Em todas essas agremiações o programa consistirá (. . .) c) para a parte moral, no estudo dos Evangelhos, adotando “O Evangelho segundo o Espiritismo” os que assim o entenderem, ou “Os Quatro Evangelhos” ou “Revelação da Revelação”, dada a J.-B. Roustaing os que o preferirem, em todos esses estudos permitindo-se sempre a permuta de opiniões, para perfei-

to entendimento das questões tratadas”. O certo é que, já na época, grandes discussões eram travadas nos meios espíritas brasileiros a propósito da obra de Roustaing. Na reunião de 1904 não devera ter sido fácil um consenso em torno do programa citado, exatamente por causa do livro “Quatro Evangelhos” defendido pela FEB e contestado por grupos de outros Estados. O “Livro do Centenário”, editado pela FEB e que trata da reunião de 1904, diz que “na reunião dos delegados. . . foram aprovadas, depois de discussão e ligeira retificação em alguns pontos do projeto original, apresentado pela diretoria da Federação, as. . . Bases da Organização Espírita”. Certamente o termo “ligeira retificação” não deve expressar bem o que houve. A Federação, interessada na expansão do movimento espírita através da fundação de novas sociedades, mas igualmente interessada em fazer crescer o número daqueles que estudariam as obras de Roustaing, com certeza encontrou, como ainda hoje ocorre, resistências muito fortes, o que gerou intranquilidade. Daí a procura de uma fórmula que evitasse a cisão completa, fórmula que muito bem pode ter sido a de deixar que os próprios espíritas decidissem o que estudar. Paliativa, mas não a melhor, sabiam os anti-roustainguistas, porque antes de tudo se deve estudar Kardec.

* * *

Mais adiante, ainda no volume terceiro, os Autores fazem a citação do livro “Universo e Vida”, a fim de fundamentar sua argumentação relativa à obra “A Gênese”. Ora, “Universo e Vida”, livro de origem mediúnica(?), é declaradamente roustaingista. Teve como prefaciador o próprio Sr. Francisco Thiesen, co-autor de “Allan Kardec”, e foi editado pela FEB. Não é obra aceita por boa parte da crítica espírita. Recebeu a contestação de um dos mais ilustres escritores — Hermínio C. Miranda — através de

um bem fundamentado trabalho publicado na imprensa espírita⁽²⁰⁾. Hermínio o criticou a partir do nome do autor espiritual, Áureo. E a obra, realmente, apresenta pontos de vista que não encontram respaldo em nenhuma parte da codificação. Veja-se, para exemplificar, a citação a seguir⁽²¹⁾:

“Os Cristos, Espíritos Puríssimos, não encarnam. Não têm mais nenhuma afinidade essencial com qualquer tipo de matéria, que é o mais baixo estágio da energia universal. Para eles matéria é lama fecunda, que não desprezam, sobre a qual indiretamente trabalham através dos seus prepostos, na sublime mordomia da Vida, mas coisa com que não podem associar-se contextualmente, muito menos em íntimas ligações genéticas. Eles podem ir a qualquer parte dos Universos e atuar onde lhes ordene a Vontade Todo-Poderosa de Deus Pai; podem mesmo mostrar-se visualmente, por imenso sacrifício de amor, a seres inferiores e materializados, indo até ao extremo de submeter-se ao quase-aniquilamento de tangibilizar-se à vista e ao tato de habitantes de mundos inferiores, como a Terra; mas não podem encarnar, ligar-se biologicamente a um ovo de organismo animal, em processo absolutamente incompatível com a sua natureza e tecnicamente irrealizável.”

Eis aí uma opinião tola da inteira responsabilidade de quem a formulou, como diria Kardec. Além disso, ela se contradiz a si mesma. Não se compreende como pode o Espírito Superior estar incompatibilizado de se ligar à carne, por ser ela “lama”. O que confere superioridade é exatamente o fato de poder viver experiências sem as quedas naturais aos Espíritos imperfeitos. Dizer que os Cristos não encarnam é falar sem provas. Kardec, após conviver com uma grande equipe constituída por Espíritos da mais alta envergadura, entendeu exatamente o contrário ao referir-se a Jesus.

20. “Jornal Espírita”, outubro de 1980, páginas 9/10.

21. Capítulo VII, página 110.

Veja-se esta outra transcrição ⁽²²⁾:

“Há, porém, agêneres e agêneres. Tais seres são, por definição, criaturas fisiologicamente não geradas como o normal dos encarnados. Noutras palavras, seres que se mostram materializados aos olhos humanos, às vezes por longos períodos, que são sempre interrompidos, necessariamente, por variáveis interregnos de tempo. Em casos especiais, a frequência com que aparecem dá uma poderosa impressão de continuidade.”

Aqui não parece ser um Espírito quem fala, mas um encarnado. A definição de não gerado dada aos agêneres partiu da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, na época dirigida por Kardec. O Autor usa a mesma definição, quando poderia tê-la ampliado até. O que ele não explica, porém, é a questão do agêneres de longo período de materialização. Para Kardec, a longa duração não excedia de algumas horas. E para o Autor de “Universo e Vida”? Bem, com certeza a sua longa duração ultrapassa a alguns anos, pois só assim se pode conciliar o Cristo agêneres. . .

Veja-se mais ⁽²³⁾:

“O Cristo-Jesus, Senhor da Verdade e da Inteiraza, foi o único Espírito absolutamente completo, com todas as suas faculdades plenamente desenvolvidas, e em perfeito funcionamento, que se materializou totalmente na Terra, assumindo por inteiro a biologia e a morfologia de um Homem, com tudo o que compõe um organismo humano, sem faltar absolutamente nada, personificando o modelo físico e espiritual, perfeito por excelência, do *Homo sapiens*, na futura e mais elevada conformação biomentofísica que atingirá quando chegar ao seu mais alto grau de evolução terrestre. Foi por essa razão que Jesus se intitulou, com a mais plena verdade e a mais inteira justiça, O FILHO DO HOMEM. Não o fez por mera força de expressão; disse uma soleníssima verdade, da mais extraor-

22. Idem, página 115.

23. Idem, ibidem, página 116.

dinária significação, pois como Homem Ideal, perfeito e íntegro, ninguém teve, com ele, neste mundo, todos os sentidos funcionando em grau máximo. Sua percepção, mesmo se quiséssemos vê-la do exclusivo ponto de vista da organização psicossomática humana, atingiu o mais alto nível, que outro ser humano, ou de aparência humana, jamais conseguiu.”

Efetivamente, um Cristo privilegiado. É só o que se pode concluir do trecho acima. Um Cristo protagonista do mais espetacular parto de toda a história da humanidade, ou seja, não chegou pelas vias naturais, mas foi detentor do mais perfeito corpo humano, “sem faltar absolutamente nada”, em suma o verdadeiro “modelo físico e espiritual”. Quanta inveja esta revelação não há de causar aos melhores cientistas que se esfalfam em seus laboratórios para desvendar os mistérios da vida humana e, de repente, aparece um cristo-roustanguista com o mais surpreendente corpo!

O pior, porém, é o que vem a seguir. Uma crítica direta e impiedosa a Kardec e a todos os que seguiram sua opinião.

“Completamente irreal e terrivelmente injusto é, pois, o argumento de embuste, largamente usado pelos que não compreendem a absoluta impossibilidade da encarnação comum de um Ser Crístico e só conseguem ver uma grosseira pantomima na capacidade de sofrer de um agêner. A verdade, como vemos, é bem outra, incomparavelmente bela, justa, santa, lógica e real; a realidade do sublime amor daquele que é, de fato, o Caminho, a Verdade e a Vida.”

Viu-se como fora preciso criar um agêner distinto, perfeito, tão humano como qualquer encarnado, para explicar que o Cristo sofreu, que não cometeu nenhuma farsa. Eis o absurdo! Mais lógico, mais simples que tudo isso seria nascer pelas vias naturais! Dizer que o agêner sofre com as dores físicas é fechar os olhos à própria realidade do agêner. Então, para fugir a isto inventa-se o agê-

neres do agêneres! Eis aí um atalho mais longo que a estrada, por onde se enveredam (e se perdem, não há dúvida...) os infelizes mistificadores.

Hermínio Miranda, já citado, em sua crítica a “Universo e Vida”, intitulada “Razões para uma discordância”, transcreve e comenta o seguinte trecho: “Já nem queremos insistir no que representa uma redução de radiações gama (que o Cristo teria feito para se materializar na Terra), de 0,0001 milimícrons de comprimento de onda e frequência da ordem 10^{21} por segundo, a radiações percebíveis pelo olho humano, de 0,8 microns a 0,4 microns de comprimento de onda e frequência de cerca de $5 \cdot 10^{14}$ por segundo”.

Comenta Hermínio: “Certamente, por causa dos meus escassos conhecimentos de Física isso não me diz nada e nada acrescenta ao Cristo que vejo na serena filosofia do amor nos Evangelhos. Como também não posso entender o tremendo risco que representa para nós, encarnados, a presença de um Espírito Crístico. Segundo depreendo do texto de “Universo e Vida” (pág. 111), qualquer “organismo celular de matéria densa” está sujeito a desintegrar-se “instantaneamente à mais branda vibração bioeletromagnética de um ser daquela categoria”.

A coisa não pára aí. Hermínio estranha, entre outras coisas, a longa adjetivação com que o Autor distingue Maria, mãe de Jesus. E diz: “Lamento informar que também não me agrada a maneira pela qual é tratada a figura de Maria, a despeito dos retumbantes adjetivos escolhidos para exaltá-la. Ou mais precisamente, por isso mesmo. Habitado a uma veneração respeitosa e a uma filial ternura por esse amado Espírito, não a vejo como “base ectoplásmica” ou “ponto de referência e de equilíbrio de todos os processos espirituais, eletromagnéticos e quimiofísicos” destinados a possibilitar “a Presença Crística” na Terra. Os títulos são estes: Virgem Excelsa, Rainha dos Anjos, Santa das Santas, Estrela Divina do Universo das Grandes

Almas, a Grande Mãe, a Grande Advogada, Grande Protetora, Augusta Senhora do Mundo. . .”.

Hermínio arremata: “Tenho minhas dúvidas de que o suave Espírito da Senhora se sinta bem com toda essa exaltação adjetiva. . .”

Agora — muito importante — as conclusões de Hermínio Miranda sobre “Universo e Vida”, no seu todo: “Lamento, pois, declarar que discordo das idéias e conceitos expressos em “Universo e Vida”. Não sei mesmo se as dificuldades alegadas quando de sua captação mediúnica resultaram da atuação dos “aborrecidos da luz” ou de companheiros esclarecidos que desejavam alertar os que nele trabalhavam para as suas incongruências e fantasias”.

Ora, uma obra que pretende ter o porte do mais profundo trabalho sobre Allan Kardec, como a de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, torna-se altamente suspeita quando recorre a fontes do gênero “Universo e Vida”.

É certo, porém, que nem os próprios roustainguistas se entendem com relação à sua doutrina. Veja-se o que diz Luciano dos Anjos (adepto declarado de Roustaing): “Lendo, recentemente, o livro “Universo e Vida”, do Espírito Áureo, para o qual me fora solicitado um prefácio que não fiz, deparei outra vez com esse tipo de erro. Oportunamente, comentarei essa obra. Por enquanto, adianto que o Autor, dizendo-se adepto das idéias de Roustaing, sem dúvida não as entendeu, pois há erros incríveis de interpretação”.

O DONO DA CASA É EXPULSO

A estranha necessidade de proteger Roustaing parece ter causado sérios transtornos emocionais aos Autores de “Allan Kardec”. Isso fica evidente a partir do momento em que são usados certos recursos para forçar a interpretação, tais como a tentativa de conduzir o pensamento de Kardec para um lado irreal. Veja-se, por exemplo, este

extrato (Vol. III, pág. 292): “Não importa que o Codificador tenha mantido sua opinião contrária ao corpo fluido de Jesus, porquanto o principal ele acolheu e está, aliás, em “O Livro dos Espíritos”, como todos sabem. O que importa é que em “A Gênese” Kardec enveredou decisivamente pelos amplos caminhos do Evangelho do Cristo, prosseguindo naquela jornada belíssima iniciada no seu livro de 1864, “O Evangelho segundo o Espiritismo”. E mais à frente: “O que está na obra em lide tinha de ser escrito por Allan Kardec, pelos Espíritos, sob a responsabilidade dele, ainda encarnado. “O próximo ano começará breve”! A fase “que se abrirá mais tarde”! Um passo; depois, outro. *Estava* revelada, na época, com minúcias, a interpretação da inteira textualidade dos Evangelhos, mas, como acreditamos que devia ser, sem o beneplácito do Codificador. Maiores teriam sido — quem sabe? — as dificuldades, à seqüência do desenvolvimento doutrinário e evangélico, se Kardec houvera aquiescido em dar cobertura aos ensinamentos contidos em “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, considerando-os como integrantes da doutrina, em lugar de simplesmente declará-los não contrários ao estabelecido em “O Livro dos Espíritos” e em “O Livro dos Médiuns”, cabendo ao futuro consagrá-los ou não. O que aconteceu mais tarde, e ainda acontece na atualidade, parece confirmar isso”.

Está claro o seguinte: os Autores admitem que em matéria de interpretação do Evangelho de Jesus, Roustaing está à frente de Kardec. Seria temerário, porém, declarar isso a viva voz, senão pelos transtornos pessoais que tal declaração lhes poderia causar pelo menos pela ampla discussão que provocaria no movimento espírita. Então, falta-lhes coragem para dizer. Quando muito, aventuram-se a afirmar uma certa equiparação entre ambos. Mas a questão acaba transportando-os para uma encruzilhada da qual só com muita dificuldade conseguem sair. Então surgem situações como esta, de precisarem afirmar que “não

importa que o Codificador tenha mantido sua opinião contrária ao corpo flúidico de Jesus”, desde que aceitou o principal. Qual é o principal? Que aceitação lhe deu Kardec?

Os Autores querem, certamente, referir-se à crítica de Kardec a “Os Quatro Evangelhos”, feita na “Revista Espírita”, em junho de 1866. Sabe-se, porém, que não se pode separar esta crítica das considerações que fizera dois anos mais tarde, em “A Gênese”, sobre o corpo flúidico de Jesus. A razão principal disto é que Kardec considerou o corpo flúidico como base dos livros de Roustaing. Ora, uma vez que condenou o corpo flúidico, por conseqüência descartou “Os Quatro Evangelhos”.

Os roustainguistas se apóiam quase sempre nesta afirmativa de Kardec sobre a obra de Roustaing: “É um trabalho considerável e que tem, para os Espíritos, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada pelo *Livro dos Espíritos* e o *dos Médiuns*”. As palavras de Kardec não fazem mais do que revelar, mais uma vez, o bom-senso que lhe era peculiar. O que ele dizia? Exatamente isto: teorias como a do corpo flúidico, contidas em “Os Quatro Evangelhos”, seriam perfeitamente possíveis à luz dos conhecimentos espíritas. Mais adiante ele confirmaria isso ao dizer: “Nossas observações feitas sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos”. Kardec considerava, pois, plenamente possível a existência dos agêneres de longa duração. Observe-se, porém, que entre ser possível e ter acontecido vai uma distância enorme, tão grande que o Codificador se assustou com ela, combatendo-a veementemente em “A Gênese”.

Para Kardec, já o dissemos, a teoria do corpo flúidico não passou de uma opinião pessoal dos Espíritos que a formularam. Ainda assim, deixou-a por um certo tempo de molho à espera de que fosse confirmada ou não através do controle universal, para ele única maneira de decidir

se esta ou aquela teoria deviam fazer parte da Doutrina Espírita. Ele mesmo pretendia definir o caso, através das informações que esperava colher dos Espíritos: “Quando tratarmos destas questões — afirmou — fá-lo-emos decididamente”. Assim, dois anos mais tarde, na “Gênese”, pôde dar seu parecer. Desfavorável!

Apesar da posição de Kardec contrária a Roustaing seria justo aceitar a teoria do corpo flúídico se mais tarde o controle universal a sancionasse. Ele mesmo teria interesse em reformular seus pontos de vista se os fatos comprovassem estar errado. Acontece que até aqui não se reuniram opiniões bastantes para tanto. Pelo contrário, o que existe a favor de Roustaing ditado pelos Espíritos é amplamente discutível, suspeito até. São informações em pequena monta, surgidas quase sempre nos próprios círculos roustainguistas. Por isso, não podem ser aceitas!

Os Autores de “Allan Kardec” atribuem a um fator providencial a não aceitação de Roustaing por Kardec. Admitem que se tivesse aceito surgiriam muitos obstáculos capazes de entrar o progresso do movimento espírita. Disseram: “O que aconteceu mais tarde, e ainda acontece na atualidade parece confirmar isso”. Quer dizer, eles têm consciência de que Roustaing é um divisor de águas dentro da doutrina. Isso acontece desde que o seu trabalho foi publicado. Aconteceu “mais tarde” quando espíritas de escol, seguindo o exemplo do Codificador, condenaram a sua obra. Flammarion, Delanne, Denis, Bozzano, entre outros! Acontece na atualidade. O movimento espírita está dividido entre roustainguistas e kardecistas. À frente dos primeiros, a FEB. Um escudo, uma voz possante, a defender e divulgar os ensinos (ou repetições de “O Evangelho segundo o Espiritismo”) ditados a Roustaing. À frente dos kardecistas a palavra firme de Kardec. Com quem ficar? Os verdadeiros espíritas não terão dúvidas em escolher!...

Admita-se que Kardec tivesse aceito “Os Quatro Evangelhos” como obra integrante da doutrina. O que

aconteceria? Uma cisão? Não há nada que leve a deduzir isso, a menos que se admitisse, também, que Kardec houvesse faltado com o bom-senso para aceitar Roustaing. Do contrário, não há por que admitir que haveria uma cisão no movimento espírita se Kardec tivesse aceito o trabalho do advogado de Bordéus, como insinuam os Autores.

É preciso considerar as circunstâncias que levaram Kardec a aceitar certos princípios no Espiritismo: uma lógica rigorosa e a sanção do controle universal. Ora, ele viu lógica nas teorias fluidistas de Roustaing, tanto que disse não estar a obra em contradição com os princípios doutrinários espíritas. Não encontrou, porém, apoio para o corpo flúídico nas opiniões variadas dos Espíritos. Por isso, preferiu deixar que o tempo desse a palavra final.

Dois anos separaram o lançamento de “Os Quatro Evangelhos” e “A Gênese”. Esse tempo não foi bastante para que Kardec desse um parecer favorável a Roustaing. Pelo contrário, o que ele fez foi discutir a questão do corpo flúídico pendendo claramente para sua condenação. Mais um bom tempo, quase dois anos, se seguiu ao lançamento de “A Gênese”, até que Kardec viesse a desencarnar. Nesse tempo teria condições, se quisesse, de alterar sua posição naquela obra. Não o fez, porém! Ainda assim, admitem os roustainguistas, sua opinião não passa de uma posição pessoal que pode muito bem ser desconsiderada, desde que fique provada a veracidade da obra de Roustaing. Isso, porém, só será possível por um caminho: o do controle universal. Se este sancionar a teoria do corpo flúídico, básico na obra roustainguista, aí estará derrubada a opinião de Kardec.

Aos Autores de “Allan Kardec” a sanção do controle universal não parece ter tanto peso assim. O fato de “Os Quatro Evangelhos” terem sido recebidos mecanicamente por um só médium dá-lhes o mesmo peso que daria se o tivesse sido por vários médiuns. Perguntam (Vol. III, pág. 375): “... não é assim que surgem as produções lite-

rárias dos Espíritos? Excetuados os vários casos de parcerias mediúnicas e os das coletâneas, em prosa ou verso, os médiuns não psicografam individualmente dezenas e até mais de uma centena de livros?” Há aí uma evidente confusão, a menos que se considere a obra roustinguista — apenas! — do ponto de vista literário. Não parece ser este o caso, uma vez que o que se pretende é fixar “Os Quatro Evangelhos” como livro integrante da Doutrina Espírita. Por isso, ou é ela confirmada pela opinião universal dos Espíritos ou não poderá ser integrada à Doutrina.

Os livros psicografados devem passar — sem exceção — por criteriosos trabalhos de análise, independentemente dos médiuns que os receberam e das condições em que foram recebidos. Há livros que podem, facilmente, ser rejeitados. Tudo neles revela a presença de um mistificador. Outros exigem maior agudez na análise, pois a forma, muitas vezes, procura encobrir teorias confusas e intenções maldosas.

Uma vez aceito, de forma geral, o livro passa a integrar a relação das obras subsidiárias da Doutrina Espírita. Isso, entretanto, não quer dizer que todo o conteúdo de um livro está aprovado a partir do momento em que é incluído entre os subsidiários. Somente aquilo que está de acordo com os princípios doutrinários ou que a universalidade dos Espíritos aprovou deve ser aceito sem restrições. Tudo o mais deve ser posto de quarentena, para que o futuro dê a última palavra. Herculano Pires menciona livros de Chico Xavier e diz ⁽²⁴⁾: “André Luiz refere-se aos *ovóides*, espíritos que perderam o seu corpo espiritual e se vêem fechados em si mesmos, envoltos numa espécie de membrana. Isso lembra a teoria de Sartre sobre o *em-si*, forma anterior do ser espiritual, que a rompe ao se projetar na existência por necessidade de comunicação. A ação

24. “Vampirismo”, capítulo II, página 15.

vampiresca desses *ovóides* é aceita por muitos espíritas amantes de novidades. Mas essa novidade não tem condições científicas nem respaldo metodológico para ser integrada na doutrina. Não passa de uma informação isolada de um Espírito. Nenhuma pesquisa séria, por pesquisadores competentes, provou a realidade dessa teoria. Não basta o conceito do médium para validá-la. As exigências doutrinárias são mais rigorosas no tocante à aceitação de novidades. O Espiritismo estaria sujeito à mais completa deformação, se os espíritas se entregassem ao delírio dos caçadores de novidades. André Luiz manifesta-se como um neófito empolgado pela doutrina, empregando às vezes termos que destoam da terminologia doutrinária e conceitos que nem sempre se ajustam aos princípios espíritas. A ampla liberdade que o Espiritismo faculta aos adeptos tem os seus limites rigorosamente fixados na metodologia kardeciana”. O conceito do médium e as condições honestas em que se efetuam os trabalhos mediúnicos servem como fatores favoráveis para o livro, nunca como garantia absoluta de seu conteúdo.

Neste raciocínio, “Os Quatro Evangelhos” constituem uma obra cujo conteúdo não foi inteiramente aprovado. O corpo fluídico de Jesus, que é sua teoria básica, não venceu a metodologia kardeciana referida por Herculano Pires. Não há, pois, como garantir que ele faz parte da Codificação. Neste terreno, tudo o que se disser não passará de mera opinião. Roustaing não é Doutrina Espírita, ainda.

Há outro ponto a considerar. O livro deve ser analisado segundo sua classificação. Um romance, por exemplo, não precisa do controle universal para ser aprovado como obra espírita. Precisa, apenas, que ao desenvolver as teorias espíritas o faça com bom-senso e lógica. O mesmo acontece com os livros de mensagens, contos, poesias, etc. Uma obra como “Os Quatro Evangelhos”, evidentemente,

não pode ser incluída entre estes porque extrapola a simples interpretação segundo os princípios espíritas e apresenta uma novidade: o corpo fluídico de Jesus. E não se pode dizer que essa seja uma novidade simples, ligeira. Absolutamente! É um ponto importante da obra, sua base verdadeira. Por essa razão, o argumento dos Autores de “Allan Kardec” não se justifica.

O ROUSTAINGUISMO E HUMBERTO DE CAMPOS

O argumento de que Humberto de Campos, pela psicografia de Chico Xavier, foi um dos Espíritos que comprovaram o trabalho de Roustaing, é frequentemente utilizado pelos partidários do corpo fluídico de Jesus. De fato, está em “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”⁽²⁵⁾, citado pelos Autores de “Allan Kardec”: “Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário (Allan Kardec), no seu maravilhoso *esforço de síntese*, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares de sua obra, designados particularmente para coadjuv-lo, nas individualidades de João Batista Roustaing, que *organizaria o trabalho de fé*; de Léon Denis, que *efetuaria o desdobramento filosófico*; de Gabriel Delanne, que *apresentaria a estrada científica*, e de Camille Flammarion, que *abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes*, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo, e *dilatando-a com os necessários complementos*”.

Sobre essa passagem de Humberto de Campos estabeleceu-se uma polêmica no movimento espírita. Foi contestada sua autenticidade. Quem o fez primeiro foi o Dr. Henrique Andrade, fundador do jornal “Mundo Espírita”. Citando-o, diz Julio Abreu Filho, o notável tradutor para o português da “Revista Espírita”: “É o caso de uma comunicação do Espírito de Humberto de Campos, publicada

25. Capítulo XXII.

em 1937 pela Federação Espírita Brasileira, no volume “Crônicas de Além Túmulo”, e uma passagem do mesmo Espírito, no seu livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, recebidas ambas por aquele médium e esta publicada em 1938, ou seja, apenas um ano após a primeira.

“Na mensagem, — prossegue Julio — Humberto de Campos cita os mais destacados nomes que seguiram o rastro de Kardec. São eles, pela ordem de citação, tanto vale dizer, de importância: Camille Flammarion, Gabriel Delanne e Léon Denis, versando a cosmologia e a filosofia sob o ângulo espírita e *inaugurando uma nova época para o pensamento religioso*.

“Nem uma palavra sobre Roustaing. . .

“Entretanto, um ano mais tarde, lá vem o mesmo Espírito, na segunda obra referida, dizer que o missionário Kardec contaria com uma plêiade de auxiliares de sua obra, destacados particularmente para auxiliá-lo, nas individualidades de Batista Roustaing, que organizaria o trabalho de fé, etc.

“Agora Roustaing — finaliza Julio Abreu — passou a perna naqueles três grandes vultos. É incrível que o Espírito do ativo maranhense tivesse cochilado na primeira mensagem. Como poderia ignorar, como ignorou, a segunda figura do Espiritismo, conforme a sua classificação, e que a FEB hoje coloca ombro a ombro com Allan Kardec, senão um pouco acima?”

O raciocínio de Julio Abreu Filho conta com a lógica. É difícil acreditar num esquecimento tão sério como este cometido por Humberto de Campos! Admitindo-o, porém, esbarra-se na própria colocação feita por Allan Kardec sobre Roustaing: trata-se de uma opinião pessoal, isolada, e da inteira responsabilidade de quem a emitiu. Eis tudo!

Curiosamente, tanto Léon Denis como Gabriel De-

lanne e Flammarion (além de Kardec, é claro), condenaram os livros de Roustaing. Esse, sim, é um fato incrível! Se Humberto de Campos está com a razão, como se explica que os quatro mais importantes personagens da codificação tenham estranhado Roustaing, criticado seu trabalho, *depois de terem acertado no espaço, antes da reencarnação, o trabalho conjunto?* Será possível que nenhum entre eles reconheceria em Roustaing o colaborador responsável pelo *trabalho de fé*? Nem mesmo Kardec, considerado o bom-senso encarnado? A que atribuir tamanha falha: à condição humana de Codificador, falível? Eis o detalhe difícil de ser explicado.

Os Autores de “Allan Kardec” reconhecem a posição contrária a Roustaing dos três: Denis, Delanne e Flammarion. Mas, como a compensar uma coisa com outra, lançam a desconfiança sobre ambos (Vol. III, pág. 376): “Não omitiremos o fato de que, embora seus corações vivessem os ensinamentos, em *espírito e verdade* consubstanciados em “Os Quatro Evangelhos”, os três últimos apóstolos do Espiritismo, indubitavelmente cristãos, não aceitaram (e talvez nem tenham estudado) a obra de Roustaing. Aceitar ou não aceitar, no entanto, em nada invalida uma verdade. Está no Espiritismo”. Essa desconfiança revela falta de equilíbrio. A obra dos três é reconhecida como verdadeiro monumento. Cada qual em sua área trabalhou a idéia espírita com profundidade e isenção. O caráter, a honrabilidade dos três alcançou o reconhecimento público mundial. Estranho pois, que se suspeite de terem eles tomado uma posição crítica em relação a alguma coisa que não conhecessem na essência. Isso não seria próprio dos três. Faltou, pois, humildade aos Autores para reconhecerem três grandes vultos do Espiritismo sem a tentativa de diminuí-los.

* * *

Outras discussões envolve a posição dos partidários do corpo fluídico de Jesus, dentro do movimento espírita. O essencial, porém, foi visto nesta análise da obra “Allan Kardec”, de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen.

Capítulo Quarto

ROUSTAING E SEUS CONTRADITORES

Depois que desembarcou no Brasil, no século passado, “Os Quatro Evangelhos” encontrou adeptos. Veio amparado pelo “prestígio da França e do Espiritismo”, sob a chancela de Roustaing e de Madame Collignon, nomes de certa forma respeitados em Bordéus, segundo Herculano Pires. Mas aqui encontrou sérios adversários, também. Os espíritas racionalistas logo viram na obra um instrumento de desagregação do movimento espírita. A partir daí, moveram-lhe severa crítica da qual não pôde fugir a própria Federação Espírita Brasileira, que encampou a idéia roustainguista e se tornou sua principal divulgadora.

Henrique Andrade, Luciano Costa, Lameira de Andrade, Julio Abreu Filho, Mariano Rango d’Aragona e Herculano Pires são nomes certos entre aqueles que no Brasil escreveram contra a aceitação do roustainguismo. Em 1922, a revista “Verdade e Luz”, fundada por Antonio Gonçalves da Silva, o “Batuíra”, dava a notícia de que estava “quase terminada a obra da lavra do nosso confrade Lameira de Andrade, com a cooperação de Olavo A. de Oliveira, sobre a natureza flúídica do corpo de Je-

sus”, acrescentando: “É um estudo de grande importância e de palpitante atualidade. O trabalho que deve ocupar cerca de duzentas páginas, estuda o assunto nos seus vários aspectos, concluindo pela existência do corpo carnal e humano de Jesus”⁽²⁶⁾. Em 1943 o assunto continua atual e leva Luciano Costa a escrever o seu “Kardec e não Roustaing” depois de ter lido “Kardec ou Roustaing?” do Dr. Luiz Autuori. Em 1950 é Julio Abreu Filho que edita o “Erros Doutrinários” depois de longo debate pelos jornais com o roustaingista Ismael Gomes Braga e o seu “Elos Doutrinários”. Já em 1973 Herculano Pires entende que “nesta fase de expansão do movimento espírita e de amadurecimento da cultura espírita no Brasil, questões desta ordem não podem ser encaradas com negligências nem recolocadas em termos de simples polêmica”⁽²⁷⁾. Por isso reestuda o assunto, junta o trabalho ao “Erros Doutrinários” do Julio e dá-lhe o título de “O Verbo e a Carne”.

Nos nossos dias, o assunto permanece atual. . .

Cada um dos que escreveram sobre o roustaingismo imprimiu um cunho próprio ao estudo. Apesar disso, há entre todos notáveis concordâncias a respeito das origens, intenções e características de “Os Quatro Evangelhos”. Essas concordâncias podem ser resumidas da seguinte forma:

- 1.º) todos entendem, como já o fizera Allan Kardec, que a teoria do corpo fluídico é a base sobre a qual se apóia a obra de Roustaing;
- 2.º) há unanimidade quanto à existência de erros doutrinários inúmeros em “Os Quatro Evangelhos”;
- 3.º) Roustaing é um decalque, falho e mal tirado, das obras espíritas;

26. A Revista “Verdade e Luz” foi fundada por Antonio Gonçalves da Silva Batuiria em 25/5/1890 e teve grande circulação no movimento espírita. Periódico quinzenal, circulou até 1926, sendo seu último diretor o Dr. Pedro Lameira de Andrade. A edição referida é de 3/5/1922. Apesar dos esforços, não foi possível conseguir um exemplar da obra de Lameira de Andrade, cujo título seria “O Corpo Fluídico”.

27. “O Verbo e a Carne”, 1.ª edição, página 12.

4.º) a principal meta do roustainguismo é trazer ao Espiritismo o ridículo;

5.º) a Federação Espírita Brasileira, por ser o principal abrigo e núcleo de difusão do roustainguismo, há muito não é mais a Casa de Ismael;

6.º) não se nega aos interessados o direito de ler e estudar “Os Quatro Evangelhos”, como de resto qualquer obra, mas não se aceita a idéia de que seja necessária ao Espiritismo.

Curiosamente, a certa altura dos estudos, todos se mostram de certa maneira exaustos intelectualmente com a análise. Herculano Pires diz que os Autores constroem um redemoinho que tonteia o leitor e cada vez mais o puxa para o seu centro, exclamando: “É difícil agüentar essa leitura maçuda”. E em determinados momentos não há como fugir do tom de glosa provocado pelas hilariantes conclusões da obra roustainguista. Luciano Costa a isso justifica, dizendo ser impossível usar da “moral sublime na crítica de banalidades que nada, absolutamente nada, têm de Espiritismo”. Isso não impede, porém, que haja seriedade e se desça ao fundo das interpretações para mostrar na sua claridade o verdadeiro sentido do roustainguismo. Isso é o que se verá.

LUCIANO COSTA E O LIVRO “KARDEC E NÃO ROUSTAING”

Luciano Costa afirma que se predispôs a estudar “Os Quatro Evangelhos” após a solicitação que o Autor de “Kardec ou Roustaing?” — Dr. Luiz Autuori — fez-lhe para opinar sobre o seu livro. “Foi assim que, depois de estudarmos conscienciosamente “Revelação da Revelação”, sentimos necessidade imperiosa, não apenas de opinar sobre a obra do Dr. Luiz Autuori, mas sim de batalhar, com denodo, com sinceridade e com todo amor de nossa alma, contra a obra de Roustaing”.

Essa posição de Luciano Costa foi motivada por duas

coisas: primeiro, a verificação de que o corpo fluídico do Cristo, defendido pelo roustainguismo, não é o único nem o mais importante ponto antidoutrinário de “Os Quatro Evangelhos”; segundo, a posição dúbia do livro do Dr. Luiz Autuori, que, ao invés de aclarar as dúvidas apresentadas pela obra de Roustaing, mais aumenta a confusão em torno delas.

“Kardec ou Roustaing?” parte de uma dúvida. Seu autor é incapaz de esclarecê-la, apesar das quase trezentas páginas gastas para estudar o assunto. Por isso, não poderia terminar senão com a mesma dúvida do início, porém mais complicada ainda.

Nas suas primeiras considerações, o Dr. Luiz Autuori afirma (pág. 9): “O que aí vai dilatado, repisado, monótono talvez, não é o clarão que espancará as trevas, nem a balança emperrada, que não chega a determinar um valor exato; mas é, simplesmente, o desfolhar de idéias *muito pessoais*, sobrevividas nas tréguas da meditação e colhidas no intuito de fazer-vos participar de um estudo em que o raciocínio trabalha, incessantemente”.

No penúltimo parágrafo do livro, diz o Autor: “Como conclusões finais, para não entrar no terreno pedregoso do partidarismo, nada devo acrescentar, evitando trair uma opinião própria que viria, certamente, abalar o critério de lealdade que procurei dar a esta obra, empregando nela o melhor dos meus esforços”.

Nada melhor para mostrar a posição indefinida do Autor do que as duas transcrições acima. É que ele preferiu seguir um caminho de neutralidade, embora estudasse um tema crítico. Com isto, evitou que se levantassem contra suas idéias ao mesmo tempo em que impediu ao leitor de se esclarecer.

É preciso dizer que “Kardec ou Roustaing?” preocupa-se tão-só com a questão do corpo fluídico. Entendeu o Autor que este era o ponto de divergência — e único — entre espíritas e roustainguistas. Pretende ser concí-

liador e evitar que um simples corpo seja o motivo de uma cisão profunda. Parte do pressuposto de que tanto Kardec quanto Roustaing fizeram grandes obras. Esta é, sem dúvida, a posição dos roustaingistas, não se sabe se adotada por conveniência ou por convicção.

É ingenuidade pensar que o equilíbrio é parceiro da dúvida. Autuori pretendeu seguir o caminho do meio reunindo dúvida sobre dúvida. Daí a confusão de certas passagens como esta (pág. 39): “O corpo de Jesus nem era *carne* nem era *espírito*, ou antes, era carne *espiritualizada*, ou *espírito* um pouco mais do que materializado”.

Se por um momento o leitor pensa ter descoberto no Autor um roustaingista disfarçado, ele sai com uma tirada destas (pág. 70): “Como podemos ver, nesse Cristo, um exemplo edificante se Ele não representou senão uma farsa ante os homens?” Por outro lado, se acredita ter encontrado um kardecista fiel, ele então diz (pág. 102): “Claro que, para Jesus ter sido carne, em carne devia ser gerado e não há réplica, para a gestação de Maria, a *virgem imaculada*, que possa definir, logicamente, essa concepção espiritual-humana”.

Esta é a atmosfera em que se desenrola o pensamento do Dr. Luiz Autuori em “Kardec ou Roustaing?” Um esforço hercúleo desenvolvido no sentido de que o leitor não perceba sua verdadeira posição e aceite-o como conciliador.

Afinal, porém, ele se trai.

Aqui, neste trecho constante de sua síntese final, quando diz (pág. 259): “Compreendem-se, é bem verdade, trechos em que se salientam, alternadamente, louvores e críticas, felizmente pouco eloqüentes, mas que, entretanto, não deixam de coadjuvar a neutralidade da exposição, se bem que pareçam demonstrar ligeira queda para o plano de Roustaing”. Ou neste outro (pág. 103): “Por isso é que, apesar de simples esse encadeamento de Roustaing, há os que preferem a asserção de Kardec, ainda que nubla-

da por uma certa dose de dogmatismo”. Ou ainda neste outro (pág. 72): “No seu rastro, às vezes avançando, outras caminhando lado a lado (com Kardec), Roustaing emite clarões vivos que deslumbram os espíritos ávidos de luz”.

Foi — certamente — percebendo tudo isto que Luciano Costa se lançou a um estudo profundo de “Os Quatro Evangelhos” e acabou por publicar o seu “Kardec e não Roustaing”, cujo título é um verdadeiro brado contra aquela posição dúbia, dir-se-ia até covarde do Dr. Luiz Autuori.

* * *

O Autor de “Kardec e não Roustaing”⁽²⁸⁾ vai à luta. Logo nos primeiros estudos se surpreende, “com acerba tristeza, ser o corpo de Cristo a divergência de menor importância” entre Kardec e o responsável pelo roustainguismo. E declara que “Os Quatro Evangelhos”, sendo obra “plena de mistificação, por estar impregnada de cristianismo, dentro dos moldes da Igreja Católica Apostólica Romana, é, como não podia deixar de ser, um corpo completamente estranho ao organismo espírita”. Por isso, deseja ir além. Já que esse corpo estranho “deturpa e deforma a Doutrina Espírita... pensamos logo em extirpá-lo”. Não aceita a tentativa dos fluidistas de “dar a Roustaing as mesmas credenciais doutrinárias que, por direito, só devem pertencer a Kardec”. A obra roustainguista está cheia de mistificações, de erros doutrinários, por isso estabelecer “igualdade de condições entre as obras de Kardec e as de Roustaing é descaridosa injustiça feita ao Codificador do Espiritismo”. Os erros doutrinários de Roustaing têm “muito mais gravidade do que o seu afastamento das idéias de Kardec quanto ao corpo de Jesus”.

28. As citações feitas daqui por diante, com relação ao pensamento de Luciano Costa, têm por base o seu livro e são feitas de forma progressiva, acompanhando o próprio desenvolvimento de suas idéias.

Luciano aceita suas lentes. Verifica, de imediato, que os Espíritos que ditaram “Os Quatro Evangelhos”, no desejo de “justificar um Cristo que nunca faliu e fora da humanidade desde o seu princípio, quando ainda era simples e ignorante, contrariam os ensinamentos dos Espíritos sábios, codificados por Allan Kardec, que afirmam as reencarnações como lei imutável de Deus, lei igual para todos os Espíritos”. Na obra roustanguista, “as verdades são sempre contrariadas pela mentira; o natural é prejudicado pelo absurdo; e o belo é sempre desfigurado pelo horrível. Jesus é fluidificado, purificado e até endeusado; mas também é ironizado, ridicularizado, deturpado e estupidificado”.

Luciano vê outro erro: a existência de almas que, apesar de nunca terem reencarnado, adquiriram imensa evolução — mas podem cair! Sim, a alma evoluída agora cai no erro e merece castigo. Ela “que, sem nunca haver encarnado no homem, já chegara a sentir sobre os seus ombros o manto da pureza e da sabedoria, vai, por falir agora, encarnar-se como “criptógamo carnudo”. Isso equivale mais ou menos à teoria da metempsicose, segundo a qual e sob certas condições a alma humana poderia encarnar em um corpo animal, teoria refutada por Kardec.

Sobre Jesus, afirma a doutrina roustanguista que ele é “a maior essência depois de Deus; que é infalível, fundador, protetor e governador do nosso planeta, que desde a sua infância espiritual foi sempre puro, nunca tendo falido, sempre dócil aos seus guias; que a genealogia espiritual de Jesus remonta a Deus; que Deus foi o criador imediato e único de tudo o que é puro e perfeito; que aceitarmos Jesus como tendo uma encarnação igual à nossa seria o mesmo que confessarmos que, também para Deus, a encarnação era possível”. Luciano vê nisto uma afirmativa de que Jesus era Deus, teoria também combatida por Kardec com base nas próprias palavras do Cristo. Anota as palavras roustanguistas que dizem: “Tudo na vida huma-

na de Jesus foi apenas aparente, mas se passou em condições tais que, para os homens, houve ilusão, assim como para Maria e José, devendo todos acreditar na sua humanidade”. E assevera: “Que se deve pensar de um Jesus que, tendo atributos de um Deus, iludia aos seus desumanamente e que por isso falia, coisa que nunca fizera desde sua infância espiritual? Será digna de um Espírito que, sendo puro e infalível, estava consciente dos seus atos, uma existência vivida só de aparências?”

Manda o bom-senso dizer que não. Jesus, neste caso, estaria tripudiando sobre o próprio sofrimento do povo, real, enquanto o dele existia apenas aparentemente. E o exemplo (pergunta Luciano), onde está o exemplo de Jesus? Não é o exemplo a grande mola dos ensinamentos de Jesus? Não, Luciano não aceita essa forma que engana às pessoas e aos próprios pais. Mas, com esforço, prossegue anotando as palavras roustainguistas, como estas que seguem:

“Quando Maria, sendo Jesus na aparência pequenino, lhe dava o seio, o leite era desviado pelos Espíritos superiores que o cercavam, de modo bem simples: — em vez de ser sorvido pelo menino, que dele não precisava, era restituído à massa do sangue, por uma ação fluídica, que se exercia sobre Maria, inconsciente dela.” Luciano sorri dessas palavras como que se lembrando de Kardec, que afirmara haver meios mais simples de explicar a vida de Jesus, menos caros e perigosos. E sorri mais ainda quando lê a descrição do drama do Gólgota, na versão roustainguista: “Jesus, como dizem os Evangelistas, soltou um grande brado, a fim de atrair a atenção do povo para os seus últimos momentos, atraindo-a para os fenômenos que, ao mesmo tempo, iam produzir-se. Os dois ladrões se puseram a gemer, os discípulos elevaram a sua voz em exclamações de imensa dor e todos esses estertores d’alma se reuniram formando um só clamor”.

“Comentemos ainda — diz Luciano — com bastante ironia as palhaçadas atribuídas ao drama do Gólgota, pe-

los Espíritos das trevas. O grito desse Jesus teatral era o sinal convencional para a representação. Só então os Espíritos prepostos, os mesmos da entrada triunfal de Jerusalém e que trabalharam como ponto de teatro, no desempenho de toda a farsa, sopraram os gemidos e as lamentações, que deviam ser gerais, para que também geral fosse o agrado da assistência.”

Há mais coisas *novas* na obra de Roustaing do que debaixo do sol. . . “Assim sendo — diz Luciano — passemos a estudar os gozadíssimos ensinamentos. . . que explicam e justificam, *com muito espírito*, por que a Jesus era indispensável essa encarnação *espirituosa*. Dizem os pândegos: “Se admitis que Jesus era um Espírito mais puro, mais perfeito do que qualquer outro no vosso planeta; se admitis que, escolhido para guia desse planeta antes de ser ele tirado do caos, isto é, da massa de fluidos que lhe mantinham os germes, preciso era que tivesse sobre tudo e todos a supremacia, como podereis achar razoável que um Espírito tão sutil suportasse o contato de uma matéria tão grosseira, qual a do corpo humano, tal como a compreendeis?” Durma-se com um barulho desses!

Os Espíritos que ditaram a obra roustainguista continuam falando. . . já agora sobre a justiça da encarnação humana. “Não, a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. O Espírito não é humanizado, também já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana”. Eis a lenda de Adão e Eva, já aqui sem qualquer simbologia. “Como acabamos de ver, nada mais, nada menos do que a doutrina do anjo decaído. Tendo-se como verdade espírita essa concepção católica, concepção bastante razoável para os que acreditam numa vida única e no pecado original, também se comete o maior sacrilégio contra a doutrina dos Espíritos, por negar essa doutrina que haja Deus criado almas puras e inocentes para serem anjos e almas impuras e execradas para serem homens”. A injustiça está patente.

Mas a coisa não pára aí. Acaba-se, também, com toda a possibilidade do mérito das conquistas tão realçado pelo Espiritismo, como verifica Luciano nesta transcrição que faz: “A encarnação é uma necessidade até o momento em que, alcançando um certo desenvolvimento intelectual, o Espírito está apto a receber o precioso dom, mas tão perigoso, do livre arbítrio”. Para Luciano, neste como em outros pontos a obra roustainguista se contradiz a si mesma.

A afirmativa de que fora de “Os Quatro Evangelhos” nada é possível chama a atenção de Luciano, que diz: “Não são nada modestos os nossos cândidos irmãos reveladores que, sem disso fazerem nenhuma cerimônia, dão à sua obra um caráter de infalibilidade, afirmando de modo dogmático *que nada pode ser, e nem admissível, fora de sua revelação, que por isto deverá ser aceita como sendo a revelação da revelação*”. Eis o autoritarismo das trevas, a prepotência jesuítica manifesta com todos “os seus sacramentos”. O espanto é grande! É incrível como há criaturas cultas e inteligentes e ao mesmo tempo incapazes de verem a farsa tão clara. É o clericalismo católico repetindo que *fora da Igreja não há salvação*, agora sob o manto de um roustainguismo que querem seja Espírita. E a Federação Espírita Brasileira aceita de bom grado essa farsa e não dá ouvidos aos clamores do movimento espírita, mas “se até à Federação Espírita não chegam esses clamores, é porque seus dirigentes fecham sempre os seus ouvidos quando se trata de ouvir advertências que venham contrariar as suas idéias preconcebidas”.

Esse monstro que se conhece por roustainguismo é cheio de surpresas. E Luciano Costa descobre-lhe mais uma, porém fantástica! Agora, é uma singular profecia capaz de acabar com o Espiritismo e fazer reviver o catolicismo! Ei-los “vaticinando, diz Luciano, a vinda de um Espírito regenerador, que virá em cumprimento de uma missão superior, como seja a de conduzir a humani-

dade ao estado de inocência, que querem seja o da perfeição, negam, maliciosamente, o advento do Espírito de Verdade, prometido por Jesus e que viria restabelecer todas as coisas, seja o atual Espiritismo”. Para comentá-lo, Luciano transcreve na íntegra o trecho de Roustaing que se segue:

“A mediunidade dos que, entre vós, servem de instrumentos aos Espíritos está apenas em começo. Mas, *contrariamente* ao que sucedeu na época dos discípulos, os vossos médiuns só entrarão no gozo completo de suas faculdades mediúnicas quando estiver entre os homens o Regenerador, Espírito que desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é: ao grau de perfeição a que ela tem de chegar. Até lá, obterão somente fatos isolados, estranhos à ordem comum dos fatos.

“Não nos cabe fixar de antemão a época em que tal se verificará. O Senhor disse: orai e vigiai, porquanto desconheceis a hora em que soará retumbante a trombeta, fazendo que de seus túmulos saiam os mortos. Quer dizer: desconheceis a hora em que Deus fará que renasçam materialmente na Terra os Espíritos elevados, incumbidos de dar impulso às virtudes que eles descerão a pregar, praticando-as em toda a sua extensão.

“O chefe da Igreja católica, nessa época em que esse qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se *universal*, como sendo a Igreja do Cristo, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de *humildade*, cingido de *uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante*, podereis dizer: “*Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio*”.

“Entendemos por missão superior aquela que objetiva a regeneração da humanidade e que, pelo seu conjunto e pela sua força, se estenderá, dominando a ação de todos os outros missionários. Podeis daí deduzir facilmente que

o Espírito que desempenha uma missão superior está acima de todos quantos, como ele, trabalham na realização de uma obra humana.

“Debaixo da influência e da direção do Regenerador, caminhará o chefe da Igreja católica, a qual, repetimos, será então católica na legítima acepção desse termo, pois que estará em vias de tornar-se *universal*, como sendo a *Igreja do Cristo*.”

Pronto! Já se sabe que o Espiritismo será superado. Quando? Eles não precisaram. Mas o fato é que estará. E por quem? Pelo Espírito Regenerador, chefe de todos os missionários que vêm à Terra, informa Roustaing e seus “Espíritos”. “Seguindo seu programa contra o Espiritismo, diz Luciano, esses inocentes reveladores, como bons servos católicos, empregam, manhosamente, a tal ladainha de sua igreja, a de almas inocentes que, sem o conhecimento do pecado, mas purificados e beatificados pelo batismo da pia, tomam as asas da perfeição e vão, como anjos de procição, voando para o céu de todas as ignorâncias”.

Emmanuel afirmou que à Igreja Católica está reservado o destino de uma grande obra social e nada mais. Ao narrar no seu “A Caminho da Luz” a prisão da Igreja aos “interesses rasteiros e mesquinhos da política temporal”⁽²⁹⁾, chega a afirmar que “é por isso que agora lhe pairam sobre a frente os mais sinistros vaticínios”. Roustaing, porém, prevê destino diferente para o catolicismo. Basta chegar o Regenerador. O seu chefe, isto mesmo, o Papa estará sob a influência dele e reerguerá o Vaticano e todos os príncipes. O Espiritismo irá às favas!

“Como acabamos de verificar — diz Luciano — não se trata, em absoluto, do Espiritismo, de que nem sequer se cogita e que é letra morta para tais ensinamentos. Trata-se, sim, da religião católica, da religião do Vaticano, religião essa que será universal quando os tais espíritos *regeneradores* conseguirem obsedar todos os espiritistas, para que

29. Capítulo XXIV, página 207, edição FEB, 9/1972.

a doutrina cristã seja a orientadora da revelação espírita e o papa o seu mentor.”

A besta apocalítica, segundo a figuração de João, é a Igreja católica. Emmanuel o afirma: “É a figura mais dolorosa. . . que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos”⁽³⁰⁾. Mas para Roustaing a Igreja se tornará verdadeiramente universal. O papa, responsável por 1260 anos de dores e sofrimentos no mundo, inclusive pela inquisição, renascerá como que dos escombros e será o grande chefe. O Regenerador garantirá a sua autoridade. Entretanto, “esses ensinamentos — afirma Luciano — em que se diz que a igreja do Cristo está em vias de tornar-se universal e que o chefe dessa igreja será um dos pilares do edifício, que não sabemos quantos pilares terá, tem tanto de Espiritismo como nós temos de católicos, negando o inferno e a eficácia das missas, dos batizados, dos casamentos religiosos e de tudo quanto a santa igreja vende para a salvação da alma”. Ainda, “nenhum livro católico defende com tanto amor a soberania de sua santa mãe igreja, como esses que a Federação Espírita Brasileira propaga, juntamente com as obras de Kardec”.

Incoerente, ilógica, a figura do Regenerador e suas cintilações católicas. É, porém, exatamente ela que põe à mostra as ligações clericais dos espíritos reveladores da obra roustinguista. Será preciso mais estudo para demonstrar a mistificação existente em “Os Quatro Evangelhos”? Os reveladores se traíram em muitas de suas afirmativas; traíram as suas origens clericais, jesuíticas. Dão mostra patente disso com a figura do Regenerador, exatamente para satisfazer suas esperanças de vir a fortalecer o catolicismo. Talvez pensassem até em reencarnar para realizar a obra do regenerador, por que não? — no simples desejo

30. “A Caminho da Luz”, FEB, 1972, cap. XIV, página 127.

de ver continuar o domínio nefando do catolicismo. Pobres loucos. . .

É tempo de encerrar o resumo do estudo de Luciano Costa. Antes, porém, ele reafirma que o corpo fluido não é a única nem a principal divergência entre Kardec e Roustaing. Diz:

“Já nos afirmaram, com ares de absoluta verdade, que a “Revelação da Revelação”, por ser uma obra muito transcendente, não tem sido compreendida pelos que a combatem.

“Negando, embora, esse qualificativo à obra de Roustaing, não deixamos, todavia, de reconhecer que a maioria dos espiritas, que se batem contra a “Revelação da Revelação”, o fazem unicamente por divergência sobre o corpo do Cristo, mas sem se haverem dado ao cuidado de fazer um profundo estudo sobre esses livros.

“Somos levados a acreditá-lo, porque, de nossa parte, sem nunca haveremos aberto um só dos quatro volumes da obra roustainguista, contra ela sempre nos insurgimos por não aceitarmos o seu ponto de vista sobre o corpo de Jesus e que era, segundo nos afirmavam, a única divergência existente entre as obras de Kardec e as de Roustaing.

“Esse lamentável erro, em que nos deixamos ficar por muito tempo e em que ainda se encontram muitos, tem sido, não se pode negar, o maior entrave a que uma discussão séria, estabelecendo-se, dela pudesse resplandecer a luz da verdade, em todo o seu esplendor. . .”

Sobre a atitude da FEB de divulgar o roustainguismo, diz Luciano: “A Federação Espírita Brasileira dogmatizou toda a moral espírita dentro da moral cristã baseada nos ensinamentos incongruentes da obra de Roustaing; e a Liga Espírita do Brasil⁽³¹⁾, não combatendo os erros da Federação, sacrifica o Espiritismo, falindo, por sua vez, nos seus pro-

31. A Liga Espírita do Brasil foi fundada em 1926, exatamente para preencher o vazio da coordenação do movimento espírita brasileiro, que a FEB jamais conseguiu realizar. Mais tarde, porém, a própria Liga fugiu aos seus objetivos iniciais. Ela é hoje a União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro.

pósitos de sanear esta doutrina. Teme a Liga Espírita uma separatividade que existe e existirá por todo o sempre se por toda a eternidade a Federação Espírita estiver adstrita aos preconceitos religiosos dos seus diretores e estes aos calamitosos evangelhos roustaingistas.

“Ante a certeza horrível de que a obra de Roustaing é aceita e propagada como sendo de Doutrina Espírita, sentimos o desespero apoderar-se de nós e não podemos evitar os clamores de nossa consciência, que grita a bom grito, para todos os que a propagam, que se detenham nessa obra de divulgação criminoso!”

“Nosso espírito se perturba por sentir horror pela iniquidade desses nossos irmãos iníquos; e por considerar pobres de espírito os que, pela pobreza de discernimento, se fazem também cúmplices de suas iniquidades.”

JULIO ABREU FILHO E O LIVRO “ERROS DOCTRINÁRIOS”

Foi em 1950 que Julio Abreu Filho, um dos homens mais cultos do Brasil, lançou o livro “Erros Doutrinários”, tendo por subtítulo “O Sentido do Roustainguismo”. Este livro reunia a série de artigos que ele publicou no jornal “Aurora”, do Rio de Janeiro, combatendo a obra de Ismael Gomes Braga intitulada “Elos Doutrinários”, publicada pela FEB.

A verdade, porém, é que em 1949 já aparecia um trabalho de Julio Abreu Filho em que se revelava anti-roustainguista. Trata-se do opúsculo “Poeira na Estrada”⁽³²⁾, no qual, a propósito de dar uma resposta pública sobre sua retirada do Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado de São Paulo e da União Social Espírita, hoje União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, mostra-se nitidamente hostil ao roustaingismo, à Federação Espírita Brasileira porque divulgava Roustaing

32. A análise do pensamento de Julio Abreu Filho é feita com base nos dois trabalhos citados e nos mesmos moldes da de Luciano Costa.

e ao Esperanto que, no seu entender, recebia mais destaque e tinha mais livros editados na FEB do que o próprio Espiritismo. Além disso, Julio via no Esperanto uma língua sem raízes, sem espírito, razão por que se opunha à sua divulgação no meio espírita.

Julio entendia que um dos males maiores do movimento espírita é o roustanguismo. Ele “é a causa fundamental das desinteligências e do desparelhamento do meio espírita”. Além disso, “a técnica roustanguista é fugir à discussão”, beneficiada pelos kardecistas que, “escudados num infundado receio de escândalo, servem inconscientemente à política dos primeiros e vão deixando que se processe a perversão da doutrina”.

Julio verificou que “na obra roustanguista os supostos Evangelhistas disseram que os evangelhos estavam adulterados”, por isso “tinham o dever de apontar as adulterações, repor os trechos mutilados, reordenar as transposições, restabelecer a Verdade. Como não o fizeram, em se tratando de obra própria, não sabemos se mentiam quando revestiam aquelas personalidades ou quando faziam tal afirmação”. E arremata: “Provavelmente mentiam em ambos os casos”.

Para conseguirem seus intentos, os roustanguistas não mediram esforços. Assim “pouca gente sabe o que foi a luta no Rio de Janeiro para que o grupo do anticristo se apoderasse do poder. Conseguiram, de forma muito triste e muito pouco cristã, aplicar aquilo que se chama em política “um passa-moleque”, dominar uma assembléia e modificar os Estatutos da Federação Espírita Brasileira, a fim de que tudo ficasse fechado num pequeno círculo: a diretoria nomeia um conselho; e este elege a diretoria. Para os espíritas — as batatas”.

Roustanguismo e catolicismo estão muito próximos para Julio. Ele diz que “são notáveis as afinidades entre o roustanguismo e esse espírito vaticânico”. Veja-se “a negação do corpo carnal de Jesus”, que “favorece a implanta-

ção do dogma da *Santíssima Trindade* e deixa os deístas às voltas com um Deus antropomórfico e, pois, limitado no tempo e no espaço, absurdo que não poderemos aceitar”. Vai além, dizendo que “o roustainguista é insensivelmente arrastado para o culto da Virgem Maria, a *mariolatria* dos católicos”. Ora, “o roustainguista que fala em Evangelho e em Kardec ou não sabe o que diz ou é hipócrita”. Decidido, dizia: “eu fico com Kardec para ficar com o Cristo”.

Em carta endereçada ao então Presidente da Federação Espírita Brasileira, Wantuil de Freitas, em novembro de 1948, dizia: “Respeito as opiniões alheias; mas se V. Ex.^{as} sobrepõem Roustaing a Kardec, a ponto de ocultar certos detalhes importantes da luta dos mesmos no terreno doutrinário, por que não largam de mão o Codificador? Como querem conciliar esse antagonismo? Como querem harmonizar *azeite e vinagre*? Como querem somar quantidades heterogêneas?”

Tudo isto está em “Poeira da Estrada”.

“Erros Doutrinários”, como dissemos, surgiu em oposição ao “Elos Doutrinários”, de Ismael Gomes Braga, que Julio tinha na conta de mais “um livro de defesa do roustainguismo”. Viu no Autor “magníficas qualidades de escritor” mas que abusava “do cientificismo e de certas expressões, como em relação à voz “agênere” e “palavra cunhada”. A propósito convém lembrar que se há uma casa da moeda, onde se cunham legítimos valores, lugares existem onde a cunhagem é suspeita. . . Como quer que seja, talvez para contornar as naturais dificuldades de quem assume a tarefa ingrata de defender uma tese indefensável, como é o roustainguismo, s.s. comete alguns abusos que reputamos falta de consideração para com o público, principalmente um público que, por força de sua orientação filosófica, se deve aplicar na busca da Verdade”.

Julio resume o livro do Ismael Gomes Braga para depois discutir suas afirmações. Ismael entende:

“I — que a missão de Kardec foi notavelmente auxi-

liada pelo Sr. Roustaing, “encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às revelações anteriores”;

“II — que a obra exclusiva da Sra. Collignon tem hoje caráter de universalidade, porque os espíritos a confirmaram através de três médiuns: Zilda Gama, América Delgado e Francisco Cândido Xavier;

“III — Que Allan Kardec não combateu a teoria do corpo fluídico de Jesus: apenas a pôs de quarentena; posteriormente, como espírito, a apóia;

“IV — que Jesus Cristo não era homem, mas simples agênera;

“V — que a obra de Kardec era destinada aos crentes e a de Roustaing às pessoas de cultura;

“VI — que as “três revelações — Velho Testamento, Novo Testamento e Espiritismo — formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício”; a obra de Roustaing é uma parte desse conjunto;

“VII — que “se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria”;

“VIII — que “negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias”;

“IX — que “quem nega que Jesus tenha sido um agênera nega também a codificação kardeciana, não é espírito.”

Julio contesta as fontes, não todas, mas algumas, de que se serviu Ismael, dizendo que “o assunto é de muita gravidade e exige que as fontes estejam acima de qualquer suspeita”. Diz-se que Kardec não combateu o corpo fluídico? Ora, o autor de “Os Pioneiros do Espiritismo na França”, J. Malgras, roustainguista declarado, assim fala em sua obra: “A teoria do corpo fluídico de Jesus foi vivamente combatida por grande número de espíritos, à frente dos quais Allan Kardec”.

Roustaing não auxiliou, em hipótese nenhuma, a Kardec. Por acaso, “procurou ele aliar-se a Allan Kardec e trabalhar em paralelo ou em convergência de objetivos? Submeteu as mensagens de seus supostos evangelistas, apóstolos “et caterva” ao exame da crítica sensata de outros estudiosos, que os havia em abundância, contemporaneamente à missão de Allan Kardec?”⁽³³⁾ E vem uma denúncia: “Kardec havia permitido na Sociedade Espírita de Paris a penetração dos roustainguistas. E, quando se finou o codificador, os partidários de “Jesus nem Deus nem Homem” foram se apoderando dos postos-chave da Sociedade e não tiveram pejo de adulterar a obra do mestre”.

Não se pode querer tenha sido Roustaing o “encarregado de organizar o trabalho de fé”, porque as quatro primeiras obras espíritas, das consideradas básicas, já haviam sido editadas quando surgiu “Os Quatro Evangelhos”, estando nelas tudo o que diz respeito à fé, além, é claro, do que está em “A Gênese”.

É preciso contestar, também, o caráter de universalidade que se pretende dar à obra roustainguista, diz Julio. “Ninguém sabia que um fato ou a confirmação de um fato na casa da Avenida Passos⁽³⁴⁾ pudesse ter assim, e só por isto, um caráter universal.” De mais a mais, “Francisco Cândido Xavier é médium que está desempenhando notável tarefa no cenário espírita nacional e não deve estar sendo metido levianamente em negócios escusos. . .” Sim, porque “aquele médium está sendo pela FEB metido na questão roustainguista como Pilatos no Credo”. Certa ocasião, pelo jornal *Mundo Espírita*, o General Araripe de Faria denunciou um caso de adulteração na FEB, feita num livro de Chico Xavier. A obra “se esgotou e, ao publicar a segunda edição, a FEB alterou certas passagens, afeiçoando-a aos princípios roustainguistas”. O pior é que “tão gra-

33. A este respeito convém lembrar a epístola de Erasto aos espíritas de Bordéus, transcrita no capítulo 3, na qual, entre outras coisas, considerou sumamente necessário que os médiuns submetessem seus trabalhos à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, presidida por Allan Kardec. No entanto, nem Mme. Collignon nem Roustaing atenderam ao pedido.

34. Refere-se ao endereço oficial da FEB.

ve e indefensável era a acusação que a Federação Espírita Brasileira remeteu-se ao silêncio: apanhou sem tugar nem mugir. Mas nem se arrependeu nem se corrigiu, antes seguiu o prolóquio: *cesteiro que faz um cesto, faz um cento*". Agora vem à tona o caso do livro "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", que cita Roustaing como colaborador da Codificação. É estranho que em mensagem idêntica publicada anteriormente em "Crônicas de Além Túmulo", Roustaing não é citado. Quer dizer, na primeira mensagem Humberto de Campos cita apenas Delanne, Denis e Flammarion, na segunda cita os três novamente, mas inclui Roustaing e dá a este um destaque maior. "Agora Roustaing passou a perna naqueles três grandes vultos. É incrível que o Espírito do ativo maranhense tivesse cochilado na primeira mensagem", diz Julio.

E os outros dois médiuns citados, através dos quais se diz tenha sido confirmada universalmente a obra de Roustaing? São, ambos, da FEB e não se pode pretender que sejam levados a sério "dois médiuns da mesma casa, submetidos à mesma influência intelectual e espiritual, tanto de encarnados quanto de desencarnados. . ."

A tese de que "quem nega que Jesus tenha sido um agênera nega também a codificação kardeciana, não é espírita", é falsa! "A codificação espírita é dita kardeciana porque seu coordenador foi Allan Kardec." Depois, é preciso não esquecer que "em nenhuma das obras dos grandes vultos que colaboraram naquela primeira fase do Espiritismo encontram-se referências à tese de Roustaing; nem em Flammarion, nem em Léon Denis, nem em Gabriel Delanne". Sabe-se que "a própria Sra. Collignon, como bem o confirma o Sr. Ismael Gomes Braga, não aceitava como autênticas, como legítimas, como verdadeiras as mensagens saídas de sua própria pena". Ao que aduziria Herculano Pires⁽³⁶⁾: "Note-se a importância deste pormenor. A própria médium (e exclusiva) que recebeu "Os

35. "O Verbo e a Carne", página 131.

Quatro Evangelhos” percebeu que se tratava de espíritos mistificadores. Não sobra ao roustainguismo nem mesmo o suporte mediúnico.”

Roustaing agia segundo seus interesses. Nele a vaidade sobrepairava a tudo. Ora, “o seu empolgação não era por levar o conhecimento da Verdade um pouco mais além, como não era uma contribuição para o melhoramento da criatura humana: era fazer-se grande, célebre, mais célebre e maior que Kardec”. Fez obra extensa, mas “parece que a extensão visou apenas a prender o leitor e desviar, através do cansaço, seu senso crítico. É o tipo da obra de rábulas solertes, que visam, acima de tudo, *ganhar a questão*, e para os quais todos os sofismas e embustes são bons, desde que não se vejam descobertos. Ela prima pela falta de método, pela ausência de critérios científicos.” Para confirmação, vejam-se os originais franceses. Entre nós, a “tradução brasileira feita pela FEB procurou *tapar os buracos e dourar a pílula*, para o que chegou ao cúmulo de adulterar versículos da Bíblia, no vão esforço de dar uma aparência de lógica ao raciocínio canhestro”, observa Julio.

Citam-se mensagens espirituais a favor de Roustaing. Seus seguidores, porém, não fazem referência às que se opõem a ele. Entre estas, uma há de singular importância, datada de 1921 e psicografada por Carlos Gomes dos Santos no Centro Família Espírita, do Rio de Janeiro, inserta no livro “Páginas do Além Túmulo”, 3.^a edição, 1939. Seu autor: J.-B. Roustaing! Ei-la:

“Que as harmonias espirituais se façam em nossas almas são os meus mais ardentes desejos.

“Irmãos, da mesma forma que a gota da locução consegue furar a pedra, eu, gota animada do espírito, também, hei de conseguir, por mercê de Deus, arrasar a edificação, em muitos pontos falha, que a minha fragilidade, aliada a outros do Espaço, arquitetou, na melhor das intenções, porém sem reflexão.

“Sou, meus irmãos, uma pobre alma que seria conta-

da no número das que já desfrutavam a felicidade integral, se em mim, na minha consciência, não pairasse um cúmulo de desgostos.

“Quando entre vós, nas mesmas condições vossas, tendo sido despertado de minha cegueira moral pelos lampejos brilhantíssimos da Luz Divina a nós outorgada por intermédio do missionário a que todos veneramos, sob a designação de Allan Kardec, quis também seguir-lhe as pisadas e, para tal fazer, depois de acurado estudo do que ele já havia conseguido dos Espíritos reveladores, pensei alguma coisa construir que, se não o ultrapassasse, pelo menos muito concorresse para a conquista da glória, que tanto me agitava.

“Pensei — de mim para mim — por que somente a ele fora concedida a gloriosa tarefa de rasgar ao mundo o véu negro que esconde o brilho da luz diamantina que ilumina as almas? Por que não a outro, de boa vontade, também aspirante às recompensas porvindouras? E nestas conjecturas caminhava eu... quando, por uma circunstância toda espiritual, fui induzido à execução do plano que em mim agasalhava. Então, comecei por realizar o meu intuito, sim, o meu intuito, que não era precisamente meu; não vos admireis desta negativa, porque vos declaro, em face da verdade, que eu nada mais era, naqueles instantes, que instrumento dos inimigos invisíveis da verdade, que das sombras misteriosas do além se aproveitavam da minha irreflexão para toldar, como se fora isto possível, a brilhantura da água cristalina que emanava daquela fonte maravilhosa que vos falei. Sim, não vos admireis — repito — que tenha servido de veiculador da confusão, eu que tanto ansiava pelo destaque entre os meus pares.

“É infelizmente esta a triste verdade que confesso neste momento, como hei confessado já noutros pontos, onde me tem permitido Deus que eu faça o meu aparecimento. Mas, irmãos, quereis ver até onde vai a minha tortura? Pois bem: em quase todos os meios onde tenho

feito essa sincera confissão, tenho sido repellido por aqueles que, na melhor das intenções, porém despercebidos, vão se envenenando na fonte impura dos ensinamentos que hei deixado.

“Fui, meus irmãos, um joguete dos inimigos da Luz-verdade; pois foram eles os autores responsáveis de tudo quanto fiz, contrariando a doutrina lídima que vinha sendo ensinada por Allan Kardec.

“Mas — direis — tenho bebido, através do vosso feito, a água pura da verdade. E responder-vos-ei: Não, irmãos, a água pura que bebei, através do estudo de minha obra, não é minha, não foi obtida por mim. Esta é dele, porque eu e os que me induziam a semelhante atentado, quando não podíamos de todo contrariar, imitávamos, dando, todavia, ao que imitávamos, uma aparência de novidade verdadeira.

“Hoje, porém, que se me depara mais uma ocasião de falar aos homens, venho, olhos d’alma fitos no Pai Universal, dizer-vos que mal andei tentando obumbrar a Luz brilhantíssima que irradiava do farol divino que é Allan Kardec.

“Irmãos, por caridade, ouvi-me:

“A verdade está no que vos legou e não no que vos hei deixado. Lembrai-vos que há, como sempre houve, usurpadores dos alheios direitos, como das alheias glórias; e eu, confesso, fui um deles.

“Assim, amigos, desta outra face da vida, em benefício vosso e também no meu próprio, suplico-vos abandonardes a fonte má que aí deixei e voltardes para aquela, donde emana a pureza que é a verdade, esta mesma Verdade que é a Luz.

“Abri, pressurosos, os tesouros kardecianos e esqueci — peço-vos — o que aí ficou do pobre e muito pobre Roustaing.

“Que Deus vos esclareça para poderdes caminhar,

sem maiores tropeços, em busca da felicidade eterna. Adeus.”

* * *

Julio prossegue em sua crítica. Para ele, a tese de Ismael de que “a obra de Kardec era destinada aos crentes e a de Roustaing às pessoas cultas”, é tão falsa quanto capaz de dividir “a família espírita em duas: gente crente e gente culta, assim como se dissesse: gente ignorante e gente ilustrada, gente estúpida e gente talentosa ou ainda gente que tem fé e gente que não a tem”. Isso mostra como são “notáveis os roustainguistas!”, pois que a princípio puseram Roustaing como “auxiliar de Kardec; depois. . . no mesmo plano de Kardec; agora o *bâtonnier* está um pouco mais acima: é o mentor, o patrono e o oráculo dos espíritas grã-finos”. Assim, “a casa dos roustainguistas (a FEB) se transformou na *Sinagoga de Satã*”. Afinal, as declarações acima “são de um diretor da FEB”.

Julio não poupa a instituição e diz: “a FEB explora o nome de Kardec e o prestígio de suas obras para fazer, à custa do Codificador, a propaganda do roustainguismo”. Porque a FEB “não trepidou em alterar certas passagens da Bíblia, fazendo uma tradução (de “Os Quatro Evangelhos”) em desacordo com o original e, pois, fugindo duplamente à verdade”, não merece crédito. É preciso ter coragem e dizer “que a FEB se deve sentir sem força moral para ser aquilo que diz o seu nome: *federação espírita*”. Ela não passa de “uma espécie de câncer a sacrificar a vida da verdadeira coletividade espírita, a travar-lhe os movimentos e as realizações em plano social”.

Finalmente, “um paralelo entre os trabalhos de Kardec e de Roustaing mostra o seguinte”, segundo Julio:

“a) Kardec seguiu critérios científicos; Roustaing não;

“b) as afirmações fundamentais de Kardec têm concorância universal; as de Roustaing, não;

“c) Kardec respeitou a ética nas pesquisas e citações; Roustaing e, principalmente, os roustanguistas, não;

“d) Kardec promoveu sempre a discussão, para chegar ao esclarecimento; o roustanguismo foge e proíbe a discussão, para evitar a evidência do erro;

“e) Kardec é cristão; respeita os textos evangélicos e promove a união; Roustaing é anticristão: deforma os textos e exclui os kardecistas;

“f) a obra de Kardec resiste à lógica, à crítica científica, ao bom-senso e à moral; a de Roustaing é ilógica, anti-científica, insensata e imoral, porque infama o caráter de Jesus Cristo;

“g) como Espírito, Kardec sustenta a inteireza de sua obra; como Espírito, Roustaing confessa o seu erro;

“h) os cientistas contemporâneos e posteriores a Kardec que na França, Itália, Alemanha, Rússia, Inglaterra e Estados Unidos investigaram o Espiritismo, deixaram trabalhos concordantes com a codificação kardeciana; nenhum deles, entretanto, tomou conhecimento do trabalho de Roustaing e qualquer referência indireta à sua tese central é no sentido de a condenar;

“i) a obra de Kardec conduz à emancipação do dogmatismo e do ritual religioso; a de Roustaing submete o indivíduo aos dogmas e destrói a função social da doutrina espírita, que é essa mesma libertação, de que é exemplo a mariolatria dos roustanguistas.”

Ao escrever a história de Bezerra de Menezes, número 5 da “Revista de Metapsíquica”, Canuto Abreu confirma, entre outras coisas, essa espécie de adoração roustanguista, tão contrária ao racionalismo de Kardec.

Traçando a trajetória da Federação Espírita Brasileira, que a partir de 1885 passou para as mãos dos roustanguistas, diz Canuto Abreu que para os partidários de Roustaing “Os Quatro Evangelhos”, sem dúvida, “apresentava

o mesmo valor doutrinário do Livro dos Espíritos, isto é, ambos atribuíam o que estava escrito a uma revelação ditada. Mas tinha sobre a obra de Kardec uma vantagem para os crentes: todas as explicações eram dadas como advindas dos próprios evangelistas, assistidos pelos Apóstolos e estes, a seu turno, por Moisés. Os crentes dispensam em regra a prova. Contentam-se com a presunção de boa fé. O roustinguismo pôde assim, graças à tolerância dos Espíritos evangélicos, ganhar adeptos entre os místicos. Se jamais os prepostos e muito menos o seu Chefe afirmaram que na obra de Roustaing estava o verdadeiro sentido da vida e doutrina de Jesus, também jamais fizeram uma assertiva em contrário. Mesmo porque, se tal fizessem, perderiam o tempo e a simpatia do fanático e apagariam uma fé bruxuleante, que cumpre alimentar cuidadosamente. A obra de Roustaing concorreu, entretanto, para dividir os crentes e criar dificuldades invencíveis à desejada harmonia de vistas. Os espíritas cristãos passaram a formar dois grupos bem distintos: os kardecistas e os roustinguistas. Os primeiros tinham Deus como único senhor, causa primeira de todas as coisas, e recebiam Jesus como irmão, a quem denominavam Espírito Verdade. Não davam ao Cristo quaisquer característicos de deidade, não o consideravam, absolutamente, como os roustinguistas, “a maior essência espiritual depois de Deus”. Os outros, porém, consideravam Jesus o Senhor, igualando-o a Deus. Distinguiam o Pai e o Filho, mas lhes atribuíam uma única deidade, ainda que rejeitando a consubstanciação dos teólogos. Veneravam, além disso, uma Senhora, a cuja intercessão apelavam de preferência. Além dessa divergência capital, alimentavam outras, entre as quais avulta a que discutia a natureza da carne de Jesus. Os kardecistas negavam e os roustinguistas aceitavam a hipótese dos docetas.”

Canuto explica ainda que “a primeira heresia do cristianismo foi o *docetismo*, nome com que Serapião, bispo

da Antióquia, no século segundo, designou os adeptos da teoria da vida *aparente* de Jesus, em oposição aos sacrogenistas, que acreditavam no nascimento, vida e morte humana do Messias. Foi também a primeira heresia do cristianismo espírita”.

Para concluir, afirma Canuto: “Ora, como a *Federação* ia ficar nas mãos dos adeptos do roustanguismo, compreenderam os kardecistas e os espíritas puros que teriam, mais cedo ou mais tarde, de se retirar e lutar contra ela por causa da desinteligência de princípios”.

J. HERCULANO PIRES E O LIVRO “O VERBO E A CARNE”

O roustanguismo encontra na inteligência e coragem do eminente professor Herculano Pires a mesma repulsa dos seus precedentes. Ele entende que um assunto dessa natureza não pode e não deve ficar na polêmica, apenas. É preciso depor o véu da tibiesca e verificar que, “nesta fase de expansão do movimento espírita e de amadurecimento da cultura espírita no Brasil, questões desta ordem não podem ser encaradas com negligência nem recolocadas em termos de simples polêmica”. As novas gerações precisam ser esclarecidas antes que o assunto as tome de assalto em plena ignorância, como tomou a Herculano em certa ocasião. Ele o confessa: “Nos idos de 40 estávamos na mocidade, havíamos nos tornado espírita há poucos anos e não tivéramos tempo de aprofundar o conhecimento da doutrina. A FEB fazia então grande propaganda da obra de Roustaing, afirmando que se tratava da única interpretação total dos Evangelhos publicada em toda a cristandade. Nessa época o Reverendo Othoniel Motta publicou o seu livro *Temas Espirituais*, em que relata suas experiências espíritas positivas, reconhecendo a veracidade dos fenômenos, mas combatendo a doutrina como diabólica. Analisamo-lo, no ardor da juventude, num folheto intitulado *És Mestre* . . . publicado na *Revista In-*

ternacional de Espiritismo, de Matão, e feito em separata pela editora “O Clarim”. Levado pelas informações da FEB, citamos de passagem “Os Quatro Evangelhos”. E um espírita da Bahia escreveu-nos a respeito, felicitando-nos pelo trabalho mas lamentando a citação infeliz. Fomos consultar a obra famosa e ficamos envergonhados. Graças a Deus Othoniel não recorreu a ela.”

O que levou Herculano Pires a escrever um trabalho de crítica a “Os Quatro Evangelhos”? Foi o fato da retomada de sua divulgação depois de um longo período de silêncio, devido “ao chamado “pacto áureo” lavrado oficialmente entre a FEB e a USE paulista”, em 1949. “Mas em fins de 1971 e princípios de 1972 a própria FEB se incumbiu de rasgar a cortina, iniciando pelo *Reformador* uma campanha de revivescência do roustanguismo e lançando nova edição da semi-esquecida obra mediúnica.” Estando com Julio Abreu Filho, pouco antes deste desencarnar, Herculano acertou o relançamento do “Erros Doutrinários” acrescido de notas de atualização. Verificou, porém, a necessidade de um estudo analítico ao invés de apenas notas. Feito o estudo, juntou-o ao livro de Julio e deu-lhe o título de “O Verbo e a Carne”, já que “na polêmica entre kardecistas e roustanguistas esse versículo é pacífico, pois o roustanguismo também aceita a encarnação do Verbo, embora condicionando-a ao dogma da *encarnação fluídica*”.

A princípio, Herculano pretende fazer uma análise ampla da obra. Verifica, porém, que “esgotada a leitura do primeiro volume de *Os Quatro Evangelhos* cai o leitor num verdadeiro redemoinho de repetições”. Por isso, informa: “Uma simples consulta aos índices de cada um dos quatro volumes da obra revela isso”. Tal é a repulsa que a obra provoca em seu espírito que desaconselha a sua leitura completa: “Os leitores interessados no assunto não precisam perder muito tempo com a consulta aos quatro

volumes da obra indigesta”. Exclama, com certa ênfase: “É difícil agüentar essa leitura maçuda!”

Logo no prefácio da obra roustanguista a incoerência sobressai, pois “Roustaing começa o prefácio oferecendo a obra ao exame e à meditação dos espíritas, mas conclui afirmando a sua validade. Estende-se em considerações sobre o valor da razão e das ciências, mas acaba ordenando: “Ficai certo, como eu”, o que exclui o raciocínio dos leitores. É ainda no prefácio que se percebe que Roustaing leu com entusiasmo *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, mas não percebeu nesses livros os seguintes pontos:

“1.º) Que a origem e a natureza espirituais de Jesus são as mesmas de todos nós, o que o próprio Jesus explicou ao ensinar que somos todos filhos do mesmo pai que é Deus, “o meu pai e vosso pai”, como disse a Madalena.

“2.º) Que a posição espírita de Jesus em relação a Deus é a de um Espírito Superior, da qual decorrem os seus poderes e a sua autoridade, dos quais por sua vez decorre o sentido espírita das palavras que lhe pareceram inexplicáveis.

“3.º) Que o desaparecimento do corpo de Jesus do túmulo não se deu com a pedra selada, mas depois do afastamento da pedra, e que a ressurreição, as aparições e a ascensão de Jesus, bem como as suas profecias, explicam-se pelos poderes mediúnicos.

“4.º) Que a necessidade de uma revelação nova, ou revelação da revelação, não passava de falta de compreensão dos livros que lera.

“5.º) Que o seu desejo de receber uma nova revelação e a sua evocação dos espíritos pelo médium, com o qual vinha trabalhando, já estava condenada no *Livro dos Médiuns* como uma temeridade.

“6.º) Que o simples fato de não haver ele comunicado ao médium essas evocações não justifica a sua afirmação de que as manifestações foram espontâneas — e de que as

manifestações posteriores de Pedro e outros apóstolos seriam simples consequência de sua temeridade.”

Roustaing “procedeu como um neófito do Espiritismo”. Por outro lado, a sua “situação emocional... e as atitudes que assumiu no trato da mediunidade... são mais do que suficientes para configurar a sua obra como suspeita”. A análise dos textos vai mostrar isso, ou seja, vai confirmar que a suspeição do início tem fundamento.

Logo aparecem incoerências e explicações que nada explicam. Por exemplo, os Espíritos reveladores dizem que “as palavras dos apóstolos passaram de boca em boca durante muito tempo antes que fossem escritas, o que deu lugar, de certo modo, às diferenças que se notam nas narrativas”. Herculano, porém, faz ver que “essas diferenças são explicadas mais simples e objetivamente por esta verificação das pesquisas históricas: os evangelistas escreveram seus relatos em épocas e locais diferentes, distanciados uns dos outros”. Afinal, os “ministros de Deus” ignoravam esse fato? Sabe-se que “os dados históricos se baseiam em documentos antigos longamente examinados e confrontados. Se os próprios evangelistas ditaram mediunicamente os trechos acima a Roustaing é estranho que se esquecessem dos motivos reais das diferenças de relatos entre os Evangelhos.”

É preciso estudar também a linguagem usada na obra, “que é um dos pontos fundamentais da Doutrina para a identificação dos comunicantes”. Aí se verá que ela é, sempre, “vulgar, com evidente dificuldade de expressão em vários trechos, com aplicação de expressões impróprias como “dentro dos liames da humanidade”. Não se pode esquecer “que a tradução brasileira é considerada mais clara que o original”.

A confusão surge no momento em que se tenta explicar os fenômenos que se deram com Zacarias. Ele, dizem, “era inconscientemente médium” (expressão que se repete nos textos) mas “era vidente, intuitivo pela consciência

que tinha da sua visão, e audiente”. Afinal, era médium consciente ou inconsciente? E o que quer dizer “inconscientemente médium”? Todo médium que tem consciência de ver, intuir, ouvir, etc., não é nem pode ser inconscientemente médium”.

O corpo fluídico é a tese central do roustainguismo. Herculano sabe disso. Daí, pergunta: “O que fez Maria nesse episódio? Encarnou-se na Terra para fingir de mãe, esqueceu-se do papel que ia desempenhar...” Além do mais, foi preciso que o próprio Jesus interviesse, para “constituir ele mesmo o seu corpo fluídico, pois só ele podia fazer tal coisa. Só restou a Maria, em todo o drama, uma “pontinha” à Hollywood para a entrada em cena da falsa gravidez.” Não há mais necessidade de analisar a obra. “A revelação da revelação abortou nesse episódio lírico-burlesco, ainda nas primeiras páginas do primeiro tomo da obra roustainguista de duas mil páginas.” Mas, prossigamos...

A gravidez de Maria foi falsa. O parto de Jesus também se deu em aparência, apenas. É o que revelam os Espíritos a Roustaing. “Aqui, diz Herculano, a intenção do ridículo se torna clara. O episódio lírico-burlesco perde todo o lirismo. A análise emperra diante do absurdo, pois o absurdo não pode ser analisado.” A intenção é clara. “Os Espíritos reveladores empregam neste momento os ingredientes da magia para fascinar o leitor.”

Dá-se um salto. Vem Jesus-menino e “a infância mágica de Jesus, contada na obra de Roustaing, faz lembrar certos Evangelhos apócrifos que descreveram a vida do menino através de incríveis peripécias”. Jesus não precisava do leite materno e “Maria, mais uma vez, continuava iludida. O menino fingia mamar. A transformação do sangue em leite é um ato de magia, digno de figurar nas histórias para adolescentes.” Esse Jesus fluídico também não precisava de roupa, por isso foi criada “uma nova categoria angélica: a dos anjos guarda-roupas”. Mesmo

que se quisesse, “seria difícil imaginar-se maneira mais adequada de ridicularizar o Espiritismo aos olhos das pessoas de bom-senso”.

Herculano deseja permanecer neutro mas “a esta altura do exame dos textos já não se pode permanecer em atitude neutra diante dos absurdos que surgem a cada passo”. Assim, “a anedota da amamentação de Jesus... é uma adaptação ao Espiritismo do dogma católico da eucaristia”. O roustinguismo vai mais além. Jesus é Deus e de vez em quando engana o povo com “suas fugas para o céu”. Como diz a música popular, “neste mundo tem bobo pra tudo” e “os corações ingênuos se comovem com essa falsa abnegação de um deus mitológico, obrigado a participar entre os homens de uma pantomima celeste, e o raciocínio enganado justifica o mito”.

Allan Kardec foi deveras tolerante com o roustinguismo e “não quis aprofundar a análise do texto. Isso não o livrou da resposta agressiva que o advogado de Bordéus lhe deu.” Se quisesse, “Kardec poderia ter demonstrado que *Os Quatro Evangelhos* não passava de uma repetição de todos os temas por ele já desenvolvidos nos livros da Codificação. E o que é pior, uma repetição desfigurada pela tentativa de renovação da tese docetista do corpo fluídico e complicada por um acréscimo excessivo de comentários vulgares, em tom dogmático e autoritário.” A teoria do corpo fluídico é um retrocesso histórico “e não obstante pretende provar que corresponde à era moderna, estando de perfeito acordo com as conquistas científicas”. A verdade é uma só: “O elemento fundamental desta doutrina incongruente é o preconceito sexual, a consideração das leis naturais da procriação como impuras”. Cabe perguntar: “Teria Jesus esse preconceito?” É preciso responder a isso, também: “o Espiritismo, que considera as leis naturais como leis de Deus, poderia endossar o docetismo sem cair em contradição com os seus princípios fundamentais?”

Herculano discute as questões da reencarnação e do progresso do espírito. Roustaing afirma que há Espíritos que nunca faliram, que se tornam perfeitos “tendo progredido no estado flúídico”. Para Herculano, Roustaing leu em *O Livro dos Espíritos* “o tópico referente à progressão dos Espíritos” e não entendeu patavina. Ali encontrou os seguintes itens:

“120 — Todos os Espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem?

“R. — Não pela fieira do mal, mas pela da ignorância.

“121 — Por que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?

“R. — Não têm eles o livre arbítrio? Deus não criou Espíritos maus. Criou-os simples e ignorantes, ou seja, tão aptos para o bem como para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por sua vontade.”

Ao afirmar que há Espíritos que “chegam à perfeição, tendo progredido no estado flúídico”, Roustaing vai acabar aceitando “a fieira dos mundos materiais e a fieira dos mundos flúídicos”. Kardec, entretanto, explica: “Os Espíritos que seguem desde o princípio o caminho do bem nem por isso são perfeitos. Se não têm más tendências, não estão menos obrigados a adquirir experiências e os conhecimentos necessários à perfeição.”

O que poderia explicar esses desvios roustaingistas? Isto: “a tentação da novidade, o desejo de encontrar uma saída para o maravilhoso, a fascinação do imaginário” que “é um abismo permanentemente aberto aos pés do roustanguismo”.

“Há — diz Herculano — um aspecto do problema da reencarnação em Roustaing que merece tratamento especial”: é o da metempsicose. Isso acontece quando os chamados “ministros de Deus”, ou seja, Espíritos reveladores afirmam que aqueles Espíritos que progrediram no estado flúídico podem cair no erro e neste caso virem a encarnar nas chamadas *substâncias humanas*. Como já o havia feito

Luciano Costa no seu “Kardec e não Roustaing”, Hercula no ri das barbaridades roustainguistas. Diz: “Essa é a revelação da revelação. Roustaing copia e desfigura Kardec acrescentando aos seus ensinamentos os maiores absurdos. Note-se que essas criaturas estranhas, em forma de larvas e lesmas, são encarnações de Espíritos humanos que haviam atingido alta evolução sem passar pela encarnação humana. Depois de desenvolverem a razão em alto grau e de haverem colaborado com Deus nos processos da Criação, chegando mesmo a orientar criaturas humanas, voltam à condição de *criptógamos carnudos*”. Eis a doutrina da metempsicose, repudiada por Kardec, condenada pelos Espíritos Superiores.”

O circo prossegue em seu espetáculo e mostra que “a apoteose da obra de Roustaing não é a Ressurreição mas o Decálogo”. Isto porque “o ciclo obsessivo dos retornos periódicos tinha de fechar-se no retorno bíblico. Os *Quatro Evangelhos* são uma constante mistura de comentários que vão e vêm, como num redemoinho, entre o Velho e o Novo Testamento. É essa também uma técnica de fascinação. O leitor se sente aturdido, mas atraído para o torvelinho. Quanto mais se aturde, mais se afunda no bátrio das idéias em conflito, das explicações mil vezes repetidas.” A técnica de Roustaing “é a técnica umbralina da obsessão, segundo o método hipnótico. Repetir, repetir e rodar sem parar. A mente adormece e o espírito se entrega.” Aí está a explicação para as recomendações “dos pregoeiros do roustainguismo: voltar à posição zero antes de iniciar a leitura da obra, desprevenir a mente, abandonar-se ao *relax* consciencial, abdicar do julgamento”. Guarde bem o leitor a tese da POSIÇÃO ZERO. Ela reaparece a todo instante. Breve estará por aí, entre nós, misteriosa. . .

No retorno que faz Roustaing ao Velho Testamento, “voltamos então ao panorama bíblico dos morticínios, das matanças a fio de espada e das justificações divinas para todas as atrocidades. Para cada absurdo haverá uma expli-

cação. Para cada crime a sua justificação. Para cada genocídio a sua razão secreta, oculta na mente divina mas arrancada do seu mistério pela vara mágica de Moisés.” Eis aqui mais um pedacinho do absurdo, na palavra dos Espíritos reveladores: “Foi assim que nenhum golpe se perdeu, porque, em circunstâncias tais, como deveis compreender, os Espíritos protetores, prepostos a vigiar as provas e expiações de cada um, para que elas se cumprissem, *impelindo os culpados ou dirigindo as espadas dos que acutilavam*, faziam que aqueles recebessem os golpes que os prostrariam”.

Como se vê, há Espíritos protetores a velar pelas provas e expiações. Eram eles que “dirigiam os golpes assassinos”. A lei natural, estabelecida por Deus, ficou reduzida a mero espectador daqueles Espíritos. “Todos eles se reuniram no endosso ao morticínio fratricida, certamente por solidariedade a Moisés. O que não deixa de ser um gesto de fraternidade. . .”

Cabe reproduzir, aqui, a explicação do “Não matarás”, que “é outra jóia de compreensão cristã das atrocidades antigas”. Ei-la segundo Roustaing: “Este mandamento, muito vago em seu enunciado, tem um alcance maior do que o supondes e ultrapassa de muito os limites do vosso ser. Em cada uma das fases do seu passado a humanidade o interpretou segundo as suas necessidades. Em cada uma das fases do seu futuro o interpretará de maneira a lhe ampliar a inteligência e a aplicação.” Assim sendo, diz Herculano, “é possível que no futuro esse mandamento possa ser aplicado num sentido mais amplo: *não matarás à espada nem a tiros, mas a bombas de hidrogênio*. Sim, porque é possível que a morte coletiva de milhões de pessoas se torne uma exigência cármica. E então os Espíritos protetores não terão o trabalho minucioso de dirigir as espadas, mas obterão o máximo resultado com o mínimo de esforço, dirigindo apenas o lançamento da bomba.”

A conclusão a que se chega é que “devemos estar,

nesta hora do mundo, sob a ação de um pesado carma coletivo para termos assim de voltar ao exame de livros dessa natureza, editados e reeditados como espíritas”. Que fazer?

Os dados revelam que o roustanguismo “levou apenas quatro anos e meio para se apresentar em seu texto completo”. É mais, que “durante a sua elaboração não houve nenhuma relação entre Kardec e Roustaing”, conquanto devesse “o discípulo procurar os conselhos do mestre” porque “aprendeu Espiritismo lendo Kardec, embora o tenha aprendido mal”.

O mais importante, pois, é que “historicamente a razão de ser do roustanguismo é apenas esta: a inquietação de um convalescente que se impressiona com a obra de Kardec e tem a pretensão de superá-la, esclarecendo pontos obscuros dos Evangelhos com a ajuda dos Espíritos Superiores, através de comunicações por alguns médiuns seus conhecidos e conterrâneos, que por fim são substituídos pela médium única, Madame Collignon, responsável mediúnica por todo o texto. O próprio Roustaing provoca a revelação evocando os Espíritos, ao contrário de Kardec que estuda os fenômenos e é surpreendido pela revelação em meio de seus trabalhos de experimentação mediúnica.”

O Brasil deve muitas coisas boas à França, mas deve também coisas absurdas como “Os Quatro Evangelhos” que aqui chegou “amparado pelo prestígio da França e do Espiritismo”. Iludiu homens “profundamente religiosos”, entre os quais “Bezerra de Menezes, Bitencourt Sampaio e Antonio Luiz Sayão”, que nele vêem “uma tábua de salvação” para seus sentimentos religiosos. “O Estado de São Paulo e praticamente os do sul” rejeitam Roustaing “desde o início” na pessoa de “figuras exponenciais como Baturra e Cairbar Schutel”. Em São Paulo, “somente alguns espiritistas isolados se deixaram levar pelo roustanguismo, que jamais conseguiu predominar numa só instituição doutrinária”. O roustanguismo não prolifera em

São Paulo porque há neste Estado o “impulso para o futuro que o caracterizou desde a sua formação”, enquanto “o roustanguismo... é um impulso de retrocesso, uma volta ao passado”. Falamos de São Paulo com abrangência a “todo o sul do Brasil”.

Herculano Pires, certa vez, indicou como obra de pesquisa “Os Quatro Evangelhos” inadvertidamente. E afirma que “caso semelhante aconteceu com Carlos Imbassahy, segundo ele nos relatou pessoalmente. Eurípedes Barsanulfo é também citado às vezes como roustanguista em virtude de engano produzido pela propaganda. Logo que acordou do engano, Barsanulfo repudiou Roustang.” É o Chico Xavier? Bem, “Chico Xavier tem sido vítima de mentirosos envolvimento e sua obra chegou a sofrer deturpações, mas a verdade é que ele nunca apoiou Roustang”.⁽³⁶⁾

Herculano estuda o caso Guerra Junqueiro e seu envolvimento com o roustanguismo. Em “Parnaso de Além-Túmulo” e “Antologia do Mais Além”, o genial poeta português aparece integral e sem nenhuma vinculação com a nefasta doutrina do corpo fluídico. Mas, em “Os Funerais da Santa Sé”, publicado em 1932 pela Federação Espírita Brasileira, ele é roustanguista. Da mesma forma que quiseram fazê-lo católico nos instantes de sua morte, quiseram torná-lo fluidista depois dela. Eis a emenda e o soneto. Em “Os Funerais da Santa Sé” Junqueiro de águia vira pardal ou, como diz Herculano, “o equilíbrio vigoroso do tufão se desfaz em rajadas desnorteantes de um vendaval rasteiro”.

É preciso não esquecer que “crença e meio influem nos processos de recepção” mediúnica. Ora, América Delgado, a médium de “Os Funerais da Santa Sé” estava filiada “à linha de pensamento roustanguista da FEB e estava naturalmente sujeita às influências nesse senti-

36. Isso faz com que se levantem dúvidas até sobre as reais razões que levaram Chico Xavier a não mais editar seus livros pela FEB.

do”. Com Jorge Rizzini isso não acontece, pois ele “se atém ao bom senso de Kardec e procura conhecer as possibilidades e limites da sua mediunidade. Por isso Guerra Junqueiro o utiliza para a transmissão de seus poemas e pôde servir-se dele para desfazer o equívoco de “Os Funerais da Santa Sé”. E o fez com um equilíbrio notável, ressaltando as condições espirituais da médium América Delgado e evitando agressões pessoais a Roustaing, que considera uma vítima. Seu azorrage é reservado apenas para a obra e para os mistificadores que a ditaram.”

Junqueiro foi um virtuoso no emprego do alexandrino, e “nenhum outro poeta empregou o alexandrino em nossa língua com tanta perícia e tamanha constância”. Mas em “Os Funerais da Santa Sé” ele o utiliza “como um principiante, um desconhecedor das suas regras”. Além disso, ele aparece aí utilizando-se “do chavão roustanguista da *dor moral*: “O martírio real é o que retalha a alma”, como se a dor moral pudesse justificar a farsa imoral de uma tragédia grega . . .”; ou então para “endossar a mais tola de todas as teses roustanguistas: “Se o Cristo foi humano, que é da virgindade daquela que recebe, ainda imaculada, o verbo que ilumina . . .” O tabu da virgindade física misturado a um resíduo mitológico . . .” E vem por cima disso a “contradição flagrante do apelo: “Livres pensadores, univos, batalhai, cumpri vosso dever!” Que livres pensadores serão esses que carregam a pesada canga dos dogmas mais absurdos?” Assim, “a médium América Delgado, como Madame Collignon, ambas criaturas espiritualmente evoluídas mas ingênuas, foram colhidas na rede traçoieira das trevas”.

* * *

Finalizando: Herculano Pires não tinha dúvidas de que seria criticado pelo fato de estar analisando uma obra tão vulgar como “Os Quatro Evangelhos”, da mesma for-

ma que Júlio Abreu Filho e Luciano Costa. Dizia: “O simples fato de querermos chamar a atenção das criaturas de exagerada boa fé para o ridículo do Roustainguismo é também uma atitude risível. A esse ridículo nos expomos conscientemente neste trabalho. Vale a pena enfrentar essa posição quixotesca pela só esperança de que alguém acorde do sono hipnótico ou alguém consiga evitar de cair nele.”

OUTRAS OBRAS ANTI-ROUSTAINGUISTAS

As sínteses do pensamento de Luciano Costa, Julio Abreu Filho e J. Herculano Pires são suficientes para mostrar a posição de Roustaing em relação a Kardec. Os três, embora cada qual analisasse segundo seu modo de ver, se encontraram quase sempre nas mesmas conclusões. Juntos, proporcionam uma visão completa das teorias roustainguiastas e da sólida posição da Doutrina Espírita.

Outras obras de análise crítica de “Os Quatro Evangelhos” foram publicadas ao longo do tempo, algumas das quais não puderam ser sequer relacionadas⁽³⁷⁾. Duas delas, porém, merecem menção mais direta: trata-se de “A Bem da Verdade”, de Henrique Andrade, e “Simulador, o Cristo? . . .” de Mariano Rango d’Aragona.

“A Bem da Verdade” surgiu em 1946, publicada pelo próprio Autor. Foi elaborada em consequência de uma polêmica que durou 120 meses, através das colunas do jornal “Mundo Espírita”, fundado e dirigido por Henrique Andrade⁽³⁸⁾.

A princípio, Henrique Andrade não admitia que no “Mundo Espírita” fossem desenvolvidas polêmicas sobre a questão do corpo flúídico. Embora convicto de que Roustaing não era Espiritismo, entendia que o assunto não de-

37. Inúmeras são essas obras: “Pontos de vista à luz do Evangelho”, de Ricardo Machado, publicada na Bahia em 1926; “Máscaras abaixo!”, do mesmo autor, de 1930; “Jesus de Nazareth”, de Honório Rivereto (livro que motivou a réplica “O Cristo de Deus”, de Manoel Quintão); “Um punhado de Verdades”, de Américo Werneck, editado em 1923, etc.

38. “Mundo Espírita” era editado no Rio de Janeiro e circulava semanalmente. Mais tarde foi transferido para o Paraná, onde ainda circula em edição mensal como órgão oficial da Federação Espírita daquele Estado.

veria ser trazido à tribuna jornalística. Um fato, porém, veio modificar completamente seu modo de pensar.

Por volta de 1942, estava em verdadeira efervescência a discussão em torno de Roustaing. A FEB havia elaborado uma nova edição de “Os Quatro Evangelhos” e promovia intensa campanha de divulgação dessa obra. De várias partes surgiram críticas à atitude febiana.

Leopoldo Machado, dirigente do programa “A Hora Espírita Radiofônica”, mantivera-se, porém, neutro, pelo menos em seu programa. Ao deixá-lo, porém, fora substituído por Ismael Gomes Braga, que entendeu dever utilizar o programa para divulgar as idéias roustainguistas.

Esse fato levou Henrique Andrade a publicar um artigo em que criticava a atitude de Ismael Gomes Braga. Por este respondeu Frederico Figner, através das colunas da “Vanguarda”. Instigado a não falar sem conhecimento de causa, Henrique Andrade resolveu aprofundar ainda mais seus conhecimentos de “Os Quatro Evangelhos”. Em consequência disto, escreveu durante cento e vinte semanas consecutivas matéria crítica sobre a obra, analisando ponto por ponto os seus aspectos.

Mais tarde, por insistência de amigos e admiradores, reuniu os artigos e publicou “A Bem da Verdade”, livro de 422 páginas, fazendo uma edição de sua própria responsabilidade moral e financeira. Este é, certamente, o mais volumoso trabalho contra a obra roustainguista já publicado.

Assim, aquele que inicialmente evitava polêmicas tornou-se um dos maiores combatentes de Roustaing.

* * *

Mariano Rango d’Aragona foi, também, um dos maiores críticos do roustainguismo. Amigo pessoal de Ernesto Bozzano (com quem conheceu o Espiritismo) e de Cairbar

Schutel, trocou correspondências constantes com ambos e recebeu deles total apoio na questão em foco.

“Simulador, o Cristo? . . .”, de sua autoria, é um opúsculo em que resume as opiniões de diversos setores do movimento espírita contrários à doutrina do advogado de Bordéus. Curiosamente, ele surgiu em decorrência do lançamento do livro “Jesus nem Deus nem Homem”, de Guillon Ribeiro, antigo presidente da Federação Espírita Brasileira. O opúsculo data de 1942.

Rango d’Aragona já em 1931 houvera feito um plebiscito “controlado meticulosamente, pelo qual demonstrei que o Brasil contava três milhões, cento e setenta e cinco mil (3.175.000) kardecistas, contra somente três mil e seiscentos (3.600) roustanianos”.

De Matão, escreve-lhe Cairbar Schutel e diz: “Aprecio muito e aplaudo o seu trabalho, você é um sincero e, ainda mais, está envolvido do Espírito, pois nos tempos de indiferentismo que atravessamos, só age e se expõe à luta quem está assistido pelo Alto”.⁽³⁹⁾

O seu opúsculo transcreve opiniões mediúnicas de diversas personalidades como Jean Meyer, Pedro Lameira de Andrade, Gabriel Delanne, Batuire, Flammarion, Léon Denis, Cesare Lombroso, Bezerra de Menezes, entre outros, todas contrárias a Roustaing.

Aparecem, também, vários trechos de correspondências trocadas entre d’Aragona e Ernesto Bozzano em que esse pesquisador italiano se manifesta a respeito do assunto. A mais sugestiva crítica de Bozzano é a que diz que o “caso de J.-B. Roustaing, sob o título absoluto “A Revelação da Revelação” é, portanto, um fato dogmático, feliz e universalmente liquidado”.

Por fim, d’Aragona transcreve ainda as correspondências recebidas de diversas instituições do Brasil e do exterior, nas quais se manifestam ora contra ora desinteressadas da obra roustainguista. São elas: Confederação Espí-

39. Conf. “Simulador, o Cristo?”, prefácio.

rita Argentina, Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, Federação Espírita do Paraná, União Espírita Mineira, Federação Espírita de Alagoas, União da Mocidade Espírita Dias da Cruz (Juiz de Fora), Liga Espírita de Campos, etc.

Em carta enviada a d'Aragona, Leopoldo Machado afirmou: "Se a Federação (Espírita Brasileira) se "fascinou", ela e seus dirigentes responderão ao Dono da Seara, como aquele servo da parábola dos talentos, pelo mau uso dos "talentos" que Deus lhe pôs nas mãos: é óbvio".

Capítulo Quinto

O PRESENTE DE GREGO

Diante do quadro formado pelas disputas em torno da pureza doutrinária, kardecistas e roustaingistas precisam refletir. Não é mais possível permanecer alheio à situação nem desconhecer sua extensão. As posições assumidas por defensores e acusadores de Roustaing tomam rumo que promete desembocar num separatismo definitivo, como aconteceu no passado com o Cristianismo. É hora de colocar as coisas nos seus devidos lugares. A situação pode ser medida através de Luciano Costa, o qual fala de “uma separatividade que existe e existirá por todo o sempre, se por toda a eternidade a Federação Espírita (Brasileira)” se mantiver irreduzível. Do mesmo modo pela definição de Herculano Pires, ao dizer que “Os Quatro Evangelhos” é o cavalo de Tróia do Espiritismo”.

Ouça a Federação Espírita Brasileira. Desça do pedestal em que sempre se colocou. Afaste por um momento todas as glórias colhidas ao longo dos anos. Abandone a visão das dificuldades, das lutas travadas e dos sacrifícios desprendidos para chegar onde chegou. É hora de reflexão e só a reflexão proporcionará a superação da crise que existe.

Fala-se que os anti-roustaingistas são intolerantes,

que defendem os princípios de liberdade mas não admitem a livre manifestação dos adeptos de Roustaing. Onde está a intolerância? Quando os roustainguistas foram impedidos de expressar o seu pensamento?

Faça-se um retorno histórico. Se as palavras não são bastantes para convencer, vejamos os fatos. A verdade é que, do momento em que chegou ao Brasil até os nossos dias, a “Revelação da Revelação” tem trazido o divisionismo ao movimento. Antes de aqui chegar, as inteligências mais lúcidas do Espiritismo no exterior já a haviam condenado. Léon Denis, Camille Flammarion, Gabriel Dellane, Ernesto Bozzano. Mesmo depois de aqui se instalar, a despeito dos adeptos conseguidos, não foram poucas as vozes que se levantaram contra o Sr. Roustaing. Desde o primeiro momento.

Se é verdade que o espírito de intolerância tem presidido as manifestações dos anti-roustainguistas, não é menos verdade que os roustainguistas têm feito dela, também, um instrumento prático. Um fato, entre muitos, pode muito bem exemplificar esta afirmativa. O “Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira”, editado em 1912 e reeditado em 1924, fala das lutas de Bezerra de Menezes em 1889 para unificar os espíritas. Foi repellido pela Sociedade Espírita “Fraternidade”, onde buscou apoio para suas tarefas unificacionistas. Qual o motivo da repulsa? Lê-se no “Esboço”: “O zelo doutrinário se explicaria pelo fato de ainda não ter Bezerra de Menezes adotado a esse tempo os ensinamentos da *Revelação da Revelação*... que constituía um escopo capital dos membros da “Fraternidade”, cujo presidente se teria assim mostrado irreduzível neste ponto”.

Caberia aqui até uma dúvida: teria Bezerra de Menezes se tornado roustainguista apenas para diminuir as dificuldades de unificação dos espíritas cariocas? Teria ele posto de lado todos os outros ideais, a benefício de um só e pelo qual lutou com todas as suas forças: a unificação?

A intolerância exemplar do presidente daquela “Fraternidade” teria se estendido aos próceres da Federação Espírita Brasileira? Quantos foram os que, ao longo dos tempos, por discórdia com relação aos princípios roustainguistas ou por não poderem atender às exigências estatutárias de aceitação de Roustaing, não foram afastados de suas tarefas e tiveram que “descer as escadas da casa da Avenida Passos”, para utilizarmos de uma expressão que já se popularizou, infelizmente, nos meios espíritas do Rio de Janeiro? Não será preciso citar nomes, pois os fatos sem serem recentes estão ainda presentes na memória de muitos.

Todos os que reclamam da posição que se quer dar a Roustaing dentro da história do Espiritismo, falam com insistência das atitudes pouco doutrinárias da FEB em divulgar “Os Quatro Evangelhos”. Não se pode desconhecer que essa obra tem dificultado ou impedido à Federação de colimar objetivos nitidamente positivos para o movimento espírita. Quando menos, ela tem feito com que espíritas inúmeros desconfiem das suas boas intenções em muitos cometimentos. Veja-se o que diz Herculano Pires:

“Os Congressos Espíritas no Brasil foram sempre realizados à revelia da FEB, condenados e combatidos por ela. O movimento de unificação foi seriamente atacado pela FEB, e o pacto áureo só foi possível graças à humildade, tolerância e insistência dos espíritas paulistas, tendo à frente Pedro de Camargo (Vinicius), cujo prestígio venceu a FEB. Mas, para aceitar a unificação ela exigiu a criação de um conselho nacional sob seu controle. Esse órgão, o Conselho Federativo Nacional, deformou o espírito do movimento de unificação e erigiu-se numa espécie de colégio cardinalício, emitindo bulas sobre questões doutrinárias”.⁽⁴⁰⁾

A voz de Herculano é bem a voz de muitas pessoas

40. “O Verbo e a Carne”.

que gostariam mas não têm como falar e de outras que assim pensam mas não falam, por receios. . .

Não se diga que essas vozes que se levantam contra a FEB são manifestações das trevas! Essa seria uma saída muito pouco lúcida. As trevas não querem a concórdia e muito menos a pureza doutrinária! Além disso, o clamor é muito intenso e diversificado geograficamente para que não possa ter um significado sério. Fossem eles inexpressivos e reduzidos e não deveriam ter mesmo nenhum valor. Mas não é esta a realidade.

À Federação Espírita Brasileira, como patrimônio do Espiritismo nacional, não deve interessar jamais uma vitória igual à do catolicismo romano. Honras bem mais espirituais devem ser-lhe reservadas.

Desconfiados umas vezes, revoltados outras, os espíritas brasileiros organizaram por diversas vezes movimentos visando dar mais dinamismo ao Espiritismo no Brasil. Desconfiados e revoltados com quem? Com a FEB, com seus interesses rousainguistas. Foi assim que em 1926 se organizou no Rio de Janeiro, com apoio de todo o Brasil, uma “Constituinte Espírita Nacional”. Que se pretendia com ela? Nada mais que a “organização do Espiritismo no Brasil”, dizia a “Revista Verdade e Luz” de dezembro de 1925. Da constituinte resultou a fundação da Liga Espírita do Brasil. Mais tarde a Liga modificou seus objetivos iniciais.

Em 1949 foi a vez de um Congresso realizado em São Paulo que tomou o nome de Centro-Sulino. Era mais uma vez o interesse na Doutrina Espírita que ditava as normas. A FEB não aceitou participar e o condenou. E diz Julio Abreu Filho que a FEB acabou expulsando de seu quadro “a União Espírita Mineira e a Federação Espírita do Rio Grande do Sul” pelas posições de ambas no referido Congresso. Depois, só depois, veio a referida insistência de São Paulo junto à FEB (referida por Herculano Pires), que resultou no pacto áureo.

Diz-se, como o afirmam Zêus Wantuil e Francisco Thiesen no seu “Allan Kardec”, que há os que pretendem “constranger a Federação Espírita Brasileira no seu legítimo e inviolável direito de estudar e divulgar a obra” de Roustaing⁽⁴¹⁾. De fato, um direito legítimo não pode ser violado. Mas será isto que fazem os contraditores de Roustaing? O certo é que, com justas razões, os kardecistas sentem-se prejudicados e prejudicada a Doutrina Espírita quando se afirma que uma obra é espírita, não o sendo na verdade ou pelo menos não tendo recebido o consenso geral. Pior, muito pior ainda, quando se sabe que esta obra recebeu críticas de Kardec à sua tese central, como aconteceu com “Os Quatro Evangelhos”.

A Federação Espírita Brasileira, como qualquer outra sociedade espírita de caráter não lucrativo no Brasil, pertence ao povo. E o espírita é povo. Nada mais justo que se sinta prejudicado o “co-proprietário” que percebe estar sendo encaminhada “sua” instituição para rumos perigosos. Teria ele direito de exigir mudanças de atitudes? A justiça diria que sim! Mas das intenções de um “co-proprietário” solitário poder-se-ia desconfiar. O que dizer então quando este “co-proprietário” se junta a um aqui, a outro ali e a muitos outros além e forma um bloco, uníssono? Seria justa a sua reclamação contra as atitudes da instituição? Eis sobre o que se deve meditar.

Há um motivo que constrange, e constrange muito, o relacionamento de expressiva parcela do movimento espírita com a FEB: o roustanguismo. Será possível desconhecer isso? Não, a menos que não se tenha nenhum tipo de preocupação com o futuro do movimento espírita brasileiro.

Mais, muito mais do que já se faz poderia ser feito se se eliminassem as causas dos desentendimentos. E se essas causas são conhecidas, muito mais facilmente podem

41. “Allan Kardec”, vol. III, página 368.

ser eliminadas. O que falta para que sejam eliminadas? A FEB bem o sabe. . .

Todo espírita com formação doutrinária há de querer bem à FEB. Impossível se pensar o contrário. Há de amá-la no supremo esforço de ver o Espiritismo puro, plenamente praticado em terras do cruzeiro. E por muito amá-la há de, também, desejar que ela se mantenha dentro dos princípios de fidelidade a Kardec. Todos os que a criticam, não o fazem, com certeza, pelo prazer da crítica ou para compensar ressentimentos pessoais. Só o desejo do bem justifica as críticas.

Cabe à Federação Espírita Brasileira o dever das iniciativas no campo do entendimento verdadeiro dentro do movimento espírita nacional. Se ela deseja — e há de desejar — assegurar o futuro e a união dos espíritas, dentro de um clima franco e honesto, certamente tomará as atitudes necessárias!

SPIRITISME CHRÉTIEN
OU RÉVÉLATION DE LA RÉVÉLATION

LES QUATRE
ÉVANGILES
SUIVIS DES COMMANDEMENTS

EXPLIQUÉS EN ESPRIT ET EN VÉRITÉ
PAR LES ÉVANGÉLISTES ASSISTÉS DES APÔTRES — MOÏSE
recueillis et mis en ordre par

J.-B. ROUSTAING

Avocat à la Cour Impériale de Bordeaux, ancien bâtonnier.

J'aurais encore beaucoup de choses à vous dire, mais vous ne pouvez les porter présentement : — mais quand cet esprit de vérité sera venu, il vous enseignera toute vérité : car il ne parlera pas de lui-même, mais il dira tout ce qu'il aura entendu ; et il vous annoncera les choses à venir : — il me glorifiera, par ce qu'il recevra de ce qui est à moi, et il vous l'annoncera. (JEAN, XVI, v. 12-14).

Il n'y a rien de secret qui ne doive être connu, et rien de caché qui ne doive être découvert et paraître publiquement (MATTHIEU, x, v. 26 ; MARC, iv, v. 22-23 ; LUC, 8, v. 17.)

C'est par le fruit qu'on connaît l'arbre. (MATTHIEU, xii, v. 33.)

TOME PREMIER

PARIS
LIBRAIRIE CENTRALE, 24, BOULEVARD DES ITALIENS
1866

TOUS DROITS RÉSERVÉS

*Frontispício do primeiro volume da edição francesa de
"Os Quatro Evangelhos".*

APÊNDICE

O encalhe da edição francesa de “Os Quatro Evangelhos”

A edição francesa de “Os Quatro Evangelhos” é única. Não houve outra na França, não obstante o tradutor Guillon Ribeiro ter dito que se baseara na segunda edição. Enganou-se, como vamos demonstrar.

A imprensa espírita — registre-se — muitos anos atrás, comentou este fato em trabalho do Dr. Crisanto de Britto⁽⁴²⁾ que não conseguimos localizar.

Assim, enquanto as obras de Kardec alcançavam na França sucessivas edições, a de Roustaing dormia a sono solto nos depósitos, não logrando esgotar uma só e única edição. Mais tarde, cerca de dezesseis anos depois, fora preciso fazer um encarte nos exemplares encalhados, para recolocá-los à venda.

A própria Federação Espírita Brasileira cria ter alcançado “Os Quatro Evangelhos” mais de uma edição, como informara Guillon Ribeiro. Quem o diz é o fervoroso roustaingista Luciano dos Anjos.⁽⁴³⁾ Eis como:

42. Fato comunicado pelo escritor F. K. Werneck, em carta datada de 26/5/81.

43. Veja-se a série de artigos publicada no jornal “Obreiros do Bem”, do Rio de Janeiro, intitulada “A Posição Zero — introdução histórica e dialética a Roustaing”, a partir de junho de 1978. Os textos deste ponto em diante transcritos, são dos números de novembro e dezembro de 1978 do “Obreiros do Bem”.

“Guillon calçou sua tradução naquela a que ele chamou (equivocadamente, como veremos bem mais adiante) de 2.^a edição francesa, e a qual não era mais do que a segunda tiragem de 1882.”

Luciano dos Anjos, claro, não diz que houve encalhe. Prefere usar a expressão “segunda tiragem”. A palavra correta, porém, é encalhe, pelo seguinte: “Os Quatro Evangelhos” foi lançado em 1866; em 1882, dezesseis anos depois, portanto, havia ainda exemplares daquela edição, a ponto de lhe ser encartado um trabalho e feito o seu relançamento. Não deveriam, pois, ser poucos os exemplares!

Ao realizar a pesquisa para o livro “A Posição Zero”, até o momento não editado, Luciano dos Anjos depara com o fato do encalhe. Vê-se, pois, diante de uma situação difícil: não pode omiti-lo nem revelá-lo na sua totalidade. Daí a procura de uma saída. Vejamos:

“Bem, o que se sabe e se pode deduzir, pelo exame, é o seguinte: A 1.^a edição se constituiu de dois lançamentos, ou duas distribuições, ou ainda — hipótese muito menos provável — de duas impressões. A qualquer dessas hipóteses, desde que não é possível assegurar, com total certeza, qual delas é historicamente a verdadeira, achei por bem denominar TIRAGEM. O que houve, portanto, foi o desdobramento da 1.^a edição em duas tiragens”.

A palavra *tiragem*, embora menos falsa que segunda edição, também não expressa a verdade, porque implicaria naquilo mesmo que ele — Luciano — considerou “hipótese muito menos provável”, ou seja, numa nova impressão da obra. O que aconteceu, realmente, foi o aproveitamento das *sobras* da 1.^a edição, encaixando-se um trabalho para nova divulgação.

Luciano ainda diz:

“Assim então, quando a 2.^a tiragem de “Os Quatro Evangelhos” era colocada à venda (inclusive por outro livreiro), já trazia o encarte desse opúsculo e, também, a

eliminação (provavelmente para conservar o mesmo número total de páginas) da *Introdução*, de Roustaing. Eis, pois, configurado o estranho fato de a 1.^a edição de “Os Quatro Evangelhos” circular com comentários sobre ela mesma, publicados “a posteriori” na imprensa”.

Verifica-se, pois, que aquilo que parecia uma 2.^a edição não passava do reaproveitamento da 1.^a edição que estava encalhada, note-se, repetimos, em 1882, após dezesseis anos.

Cá no Brasil, Guillon Ribeiro, o tradutor de “Os Quatro Evangelhos”, admitiria erradamente estar se baseando para a tradução na 2.^a edição francesa. . .

“E por que não se trata de uma 2.^a edição?” — pergunta e responde Luciano dos Anjos: “Simplesmente porque toda a impressão do miolo é absolutamente a mesma; as matrizes são rigorosamente as mesmas, salvo quanto ao *Prefácio*, aos títulos de abertura, ao endereço da tipografia, à folha de rosto e à advertência sobre a errata, além, naturalmente, da resposta dada a Kardec pelos discípulos de Roustaing.”

Agora, o detalhe: Luciano dos Anjos concorda que o termo “tiragem” é inadequado, embora ele o tivesse sugerido. E diz: “É bem verdade que o termo tiragem implica nova entrada em máquina, ou seja, nova impressão. Posso, porém, provar que não houve nova impressão, mas apenas novo alceamento de exemplares remanescentes da 1.^a edição guardados em cadernos ou, até mesmo, descosturados e desencapados, para receber novo encarte. Repito, entretanto, que optei de qualquer forma pelo termo *tiragem* exatamente porque não posso eliminar por completo nenhuma das hipóteses aventadas, inclusive a de nova impressão, ainda que nesta seja quase impossível crer-se”.

Toda essa confusão estabelecida por Luciano dos Anjos se explica pelo fato de estar diante de um encalhe (o que deve ter sido, deveras, triste para ele) e não poder

declará-lo (por ser roustainguista). Assim, ora ele diz que pode provar que não houve nova impressão (e quando prova utiliza-se de fatos lógicos) ora afirma que não pode eliminar a hipótese de nova impressão...

Apesar de tudo, conclui: “Além disso, penso liquidar a dúvida em face do seguinte: numa nova entrada em máquina, a gráfica teria aproveitado para corrigir alguns enganos antes registrados e, principalmente, não deixaria de acrescentar um trecho omitido, sobre o qual Roustaing pedira a seus leitores a inclusão através da “Revista Espírita”.

Todos esses argumentos de Luciano dos Anjos para justificar a inexistência de uma segunda edição seriam desnecessários em vista de uma nota publicada na “Revista Espírita” em maio de 1879 (note-se que nesta ocasião Kardec já não estava mais encarnado!), pela qual ficava caracterizado o encalhe. Ei-la, para nos utilizar de transcrição do próprio Luciano:

“O Sr. J. Guérin, detentor e proprietário do restante da primeira edição de um bom e notável livro, obtido mediunicamente: *Os Quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade*, deseja divulgar esta obra, que é constituída de luminoso comentário dos Evangelhos, das parábolas e dos ensinamentos do Cristo, que explica as origens da alma, suas fases, seus fins e seus destinos; que dá o verdadeiro sentido da personalidade de Jesus, cuja essência tem sido de tantas controvérsias entre os homens, antes e depois do docetismo do IX século; que explica seu nascimento e sua morte aparente, devido a uma longa tangibilidade, para cumprir sua missão terrestre entre os homens.

“A cada grupo ou sociedade espírita da França e do Estrangeiro, que podem ler usualmente o francês, o Sr. Guérin faz uma oferta cortês e gratuita de um exemplar desta obra em 3 volumes (3 fr. 50 cent. o volume) desde que se faça o pedido ao Sr. P.-G. Leymarie, Rua Neuve-

des-Petits-Champs, 5, por carta sem franquia e enviando unicamente o custo do porte, ou seja: 1 fr. 50 cent. para a Europa e 2 fr. 50 cent. para a União Postal, 2.^a parte. Fora da União Postal, 3 francos.”

Isso foi em 1879! Três anos mais tarde, ou seja, em 1882 ainda havia exemplares encalhados, apesar da oferta gratuita feita pelo Sr. Guérin aos Centros Espíritas. Pelo jeito, aqueles centros continuavam dando mais ouvidos a Kardec. . .

Finalmente, Luciano dos Anjos entra no campo das “hipóteses” para descobrir o autor do encarte feito no encalhe da 1.^a edição de “Os Quatro Evangelhos”. Depois de dizer que os autores poderiam ter sido os discípulos de Roustaing (cujo desencarne se deu em 1879), Luciano chega à “conclusão” de que só houve um autor: o Sr. Jean Guérin!

Assim, ficamos sabendo que os discípulos de Roustaing eram tão poucos que não conseguiram fazer esgotar a 1.^a edição da lamentável obra “Os Quatro Evangelhos”. Na verdade, nem o encalhe da 1.^a edição se esgotou. . .

A falsa conversão do Dr. Carlos Imbassahy ao roustanguismo

Foi o Dr. Carlos Imbassahy uma das mais lúcidas inteligências deste país. Notável polemista, escritor e tradutor, secretariou por vários anos a Revista “Reformador”, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, trabalhando ao lado de roustanguistas convictos, tais como: Guillon Ribeiro, Ismael Gomes Braga, Wantuil de Freitas, entre outros. Talvez por isto mesmo tenha sido incluído entre aqueles que partilhavam da crença mística do corpo flúídico de Jesus.

Imbassahy, porém, não era roustanguista!

Certa ocasião, o jornalista Luciano dos Anjos afirmou pela imprensa espírita que Carlos Imbassahy cria na obra de Roustaing, taxando-o, inclusive, de “meu mestre”. E o movimento espírita, certamente, teria aceito a falsa afirmativa não fosse a providencial intervenção de seu filho — Carlos de Brito Imbassahy — provando a leviandade da afirmação.

Foi o poeta Amaral Ornellas quem, talvez, mais contribuiu para que o Dr. Carlos Imbassahy aceitasse a Doutrina Espírita. Levado pelo poeta, Imbassahy ingressou nos quadros da Federação Espírita Brasileira, onde por muito tempo permaneceu.

Não se preocupava, naquela ocasião, com questões ideológicas internas.

Certa vez, escolheram-no para fazer a defesa do Espiritismo que estava sendo tenazmente atacado por um padre do interior de Minas Gerais.

Pois bem, Guillon Ribeiro quis auxiliá-lo nas pesquisas e, para tanto, entregou-lhe “Os Quatro Evangelhos”. Até então, Imbassahy não houvera tido a curiosidade de ler aquela obra de quatro pomposos volumes. Se, por ventura, alguma vez se referiu ao trabalho de Roustaing, fê-lo mais por indicação daqueles que o rodeavam nas atividades editoriais do “Reformador”.

Imbassahy leu. Leu e não gostou! “Foi então que, assombrado — conta-nos um amigo em sua carta — viu todo o absurdo roustanguista”. Resolveu, pois, deixar de lado a trevosa obra e utilizar-se somente dos livros básicos do Espiritismo que, afinal, foram mais do que suficientes para enfrentar com superioridade o padre atrevido. . .

A partir de então, Imbassahy passou a polemizar, intra-muros, com os próprios companheiros da FEB que, ingenuamente, aceitavam a chamada “Revelação da Revelação”. Mais tarde, acabou abandonando em definitivo aquela Casa.

Com isto, seus livros sofreram, pois os inéditos não eram editados e os já publicados, ao esgotarem-se, ficavam esquecidos.

Em 1950, havia ainda lá um livro, fazia muito tempo, à espera de publicação. Imbassahy foi buscá-lo. Wantuil de Freitas, Presidente, tentou contornar a situação, inutilmente. Imbassahy pô-lo debaixo do braço e desceu as escadas da Avenida Passos, para nunca mais voltar. . .

A coisa, porém, não ficaria nisso. Era preciso deixar registrada a farsa roustainguista, a fim de que não o confundissem — a ele, Imbassahy — como um dos neodoce-tistas. Foi então que escreveu o artigo “O Corpo Fluídico”.

Imbassahy, entretanto, num gesto de reserva, resolveu não publicar o artigo, deixando-o manuscrito entre os seus diversos guardados, razão por que só foi encontrado após o seu desencarne.

O artigo é, pois, ainda hoje, inédito.

“O Corpo Fluídico”, do Imbassahy, elimina, definitivamente, qualquer tentativa que se queira fazer para torná-lo roustainguista. Ei-lo:

“1) — A fluidez é fora do natural; é contra as leis biológicas. Só conhecemos pela lenda seres fluídicos que nascem, vivem, comem, bebem, sofrem e morrem. Fora de deuses e entidades sobrenaturais, nada conhecemos a respeito. A Metapsíquica não registra tais fatos.

“2) — Segundo os comunicantes de Roustaing, o seu Cristo fingia que comia, farsa que julgaram provavelmente necessária para justificar as passagens do Evangelho onde se vê o Cristo participando de ágapes dos seus discípulos ou pedindo água como no topo da cruz. Ora, um Cristo fluídico não tem sede. Portanto:

“3) — Ou os evangelhos falham, com o Roustaing inclusive, ou o Cristo com sua fluidez não passou de um embusteiro, pois não fez mais do que fingir.

“4) — Assim, finge que nasce, que mama, que cresce, que come, que bebe, que sofre e que morre.

“5) — Não há fonte segura que nos demonstre essa fluidez. As nossas, fora dos casos lendários, são os Evangelhos e o Roustaing. Mas os primeiros nos apresentam um Cristo carnal, humano, tangível; e o segundo, cheio de fantasias, incoerências, absurdos e ridículos.

“Não pode merecer confiança.

“Base, pois, nenhuma por aí.

“6) — Não há motivo por que o seu elevado espírito não pudesse possuir um corpo de carne. Se possuía um corpo tangível, era material.

“7) — Por que não poderia ter já nascido com essa matéria, se tinha ela as propriedades da que conhecemos? E ainda que a não tivesse, o que impediria que já viesse dela revestido e adaptado ao mundo? Por que se adaptou a tudo e só não poderia se adaptar à carne?

“8) — O que pesa a um espírito superior e o sacrifício é o ambiente terreno. Se ele pôde suportar o ambiente por que não suportaria o corpo carnal?

“9) — E como poderia ser esbofeteado, vergastado, coroado de espinhos? E mais, como poderia carregar uma cruz, ser nela pregado, derramar sangue como qualquer mortal, verter lágrimas, queixar-se do abandono em que lhe deixara o Pai, pedir que lhe afastasse o cálice e, enfim, expirar? E descido da cruz, inerte, morto e enterrado. . . E a sua fluidez. . . firme! Um ser fluídico ao primeiro toque desmaterializa-se.

“10) — Por que tão grande superioridade se não era Deus, mas homem? E sendo mais Deus que homem, por que sofreria? E como sofreria com um corpo fluídico?

“11) — Por que só ele seria fluídico? Não o fora Buda nem o foram outros missionários. . . E Buda trouxe a moral do Cristo. E Buda apresenta uma filosofia mais próxima da nossa espírita que a filosofia cristã.

“12) — Se o Cristo se sujeitou a várias contingências terrenas, e entre elas a pior, que é a do suplício, não se compreende que não se sujeitasse à da carne.

“13) — E se não houve suplício, foram falsas as frases do Cristo na cruz . . . Afasta, Senhor, este cálice. . . Por que me abandonaste? . . .

“14) — Quando o Cristo diz: afasta de mim este cálice, refere-se à dor moral. Pelo visto ele não sabia que a humanidade não prestava para nada. Ali é que o verificou. E não deve fazer outra coisa senão pedir o afastamento desse cálice até hoje, e até hoje viver em grande dor moral, porque a humanidade continua muito ordinária, pronta a por novamente na cruz quantos lhe venham pregar moral.

“Quanto ao “por que me abandonaste”, quem diz isto é o bom ladrão, o do Lucas, porque os dois ladrões dos outros apóstolos eram maus.

“Logo, aí foi preciso desmentir o Evangelho, Evangelho que os quatro comunicantes tiveram o cuidado de reinterpretar o texto, por torná-lo intangível.

“15) — Finalmente, o sobrenatural, o insólito, o inabitual, o nunca visto, pois que ninguém nasce por essa forma. Houve mister, para criarem um Cristo-Deus, de o fazerem nascer como vir ao mundo fora das leis naturais.

Carlos Imbassahy⁽⁴⁴⁾
Niterói, 1950.”

44. O original do próprio punho do Dr. Carlos Imbassahy encontra-se em poder de um amigo da família, cedido que fora pela viúva, Da. Maria de Brito Imbassahy e seu filho, o escritor espírita Dr. Carlos de Brito Imbassahy.

BIBLIOGRAFIA

- Allan Kardec, Por Zeus Wantuil e Francisco Thiesen, 1.^a edição, FEB, em três volumes.
- Análise do roustainguismo (Uma)*, por Clóvis César (apostila), Sociedade Espírita Emmanuel, Uberlândia, MG.
- Bem da Verdade (A)*, por Henrique Andrade, edição própria, Rio de Janeiro, 1945.
- Bezerra de Menezes*, por Canuto de Abreu, 1.^a edição da Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1981.
- Bezerra de Menezes*, por F. Acquarone, 3.^a edição, Editora Aliança, São Paulo, 1979.
- Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, F. Cândido Xavier/Humberto de Campos, 10.^a edição, FEB.
- Cristianismo do Cristo (O)*, por Suikire Carneiro, Rio de Janeiro, 1981.
- Cristo de Deus (O)*, por Manuel Quintão, 2.^a edição, FEB.
- Crônicas Espíritas*, por Frederico Figner, 2.^a edição, FEB.
- Caminho da Luz (A)*, por Francisco Cândido Xavier/Emmanuel, edição FEB, 1972.
- Deus é o Absurdo*, por Luciano dos Anjos, Editora ECO, Rio de Janeiro.
- Divina Epopéia (A)*, por Bittencourt Sampaio, edição FEB, 1941.
- Elos Doutrinários*, por Ismael Gomes Braga, 2.^a edição, FEB, 1961.
- Elucidações Evangélicas*, por Antonio Luiz Sayão, 5.^a edição, FEB.
- Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira*, edição FEB, 1924.
- Evangelho Segundo o Espiritismo (O)*, por Allan Kardec, 2.^a edição, FEESP, 1970, trad. J. Herculanio Pires.
- Farsa (Uma)*, por Pereira Guedes, Rio de Janeiro, 1950.
- Gênese (A)*, por Allan Kardec, 2.^a edição, LAKE, trad. Victor Tolendal Pacheco.
- Ide e Pregai*, por Newton Boechat, 1.^a edição, FEB, 1971.
- Imprensa Espírita no Brasil*, por Clóvis Ramos, 1.^a edição, 1979.
- Jesus nem Deus nem homem*, por Guillon Ribeiro, 2.^a edição, FEB, 1978.
- Jornal Espírita*, número de outubro de 1980, São Paulo.
- Kardec e não Roustaing*, por Luciano Costa, Edicel, São Paulo.
- Kardec ou Roustaing?*, por Luiz Autuori, 1.^a edição, Editora Espírita Ltda., Rio de Janeiro, 1935.

- Livro do Centenário (O)*, 1.ª edição, FEB, 1906.
- Livro dos Espíritos (O)*, por Allan Kardec, edição especial LAKE, trad. J. Herculano Pires.
- Livro dos Médiuns (O)*, por Allan Kardec, edição LAKE, trad. Eliseu Rigonatti.
- Livro de Tobias (O)*, por Ismael Gomes Braga, 2.ª edição, FEB.
- Máscaras Abaixo!*, por Ricardo Machado, edição do Instituto Kardecista da Bahia, 1930.
- Natureza do corpo de Jesus Cristo (A)*, por Gustavo Macedo, 1930, Rio de Janeiro, edição da Cruzada Espiritualista.
- Novo Testamento (O)*, edição da Sociedade Bíblica do Brasil, trad. João F. de Almeida.
- Obras Póstumas*, por Allan Kardec, 12.ª edição, FEB, trad. Guillon Ribeiro.
- Pedra e o Joio (A)*, por J. Herculano Pires, Edições Cairbar, São Paulo, 1975.
- Poeira da Estrada*, por Julio Abreu Filho, 1.ª edição, EDIPO, 1949.
- Posição Zero (A)*, introdução histórica e dialética a Roustaing, série de artigos publicada no jornal "Obreiros do Bem", do Rio de Janeiro, a partir de junho de 1978, por Luciano dos Anjos.
- Procuradores de Deus (Os)*, por Hermínio C. Miranda, Edição Calvário, São Paulo, 1967.
- Punhado de Verdades (Um)*, por Américo Werneck, A. Gomes Ferreira & C., Editores, Rio de Janeiro, 1923.
- Quatro Evangelhos (Os)*, J.-B. Roustaing, 5.ª edição, FEB, trad. Guillon Ribeiro, 4 volumes.
- Reformador (O)*, revista, FEB, coleção.
- Répertoire du Spiritisme*, J.-P.-L. Crouzet, 1.ª edição no Brasil, FEB.
- Revista Espírita*, por Allan Kardec, anos 1859 a 1869, trad. Julio Abreu Filho, Editora Edicel, São Paulo.
- Revista Metapsíquica*, dirigida por Canuto Abreu, São Paulo, números 2, 3, 4 e 5, 1936/1937.
- Revista Verdade e Luz*, sob a direção de Lameira de Andrade, anos 1922 a 1926 (2.ª época), São Paulo.
- Roteiro de História da Filosofia*, por Bertho Condé, 1.ª edição, São Paulo, 1965.
- Simulador, o Cristo?...*, por Mariano Rango d'Aragona, Rio de Janeiro, 1942.
- Trabalhos do Grupo Ismael*, edição FEB, 1941.
- Universo e Vida*, por Hernani T. Sant'Anna/Aureo, 1.ª edição, FEB.
- Vampirismo*, por J. Herculano Pires, 1.ª edição, Paidéia, São Paulo.
- Verbo e a Carne (O)*, por J. Herculano Pires/Julio Abreu Filho, Edições Cairbar, 1.ª, São Paulo, 1973.
- Vida de Jesus*, Ernesto Renan, edição Lello & Irmãos, Porto, Portugal, trad. Eduardo Augusto Salgado.
- Vida e Obra de Bezerra de Menezes*, por Sylvio Britto Soares, 3.ª edição, FEB.

A Extraordinária Vida de Jésus Gonçalves

A vida do herói de Pirapitingui é narrada em seus principais lances e mostra o que é capaz de fazer a determinação de um espírito. O mal de Hansen se desnuda em sua dolorosa realidade.
Autor: Eduardo Carvalho Monteiro.

A Extraordinária Vida de



Jésus Gonçalves

Eduardo Carvalho Monteiro

sexo e verdade



Castro Alves
Guerra Junqueiro
Casimiro de Abreu
Jorge Rizzini (medium)

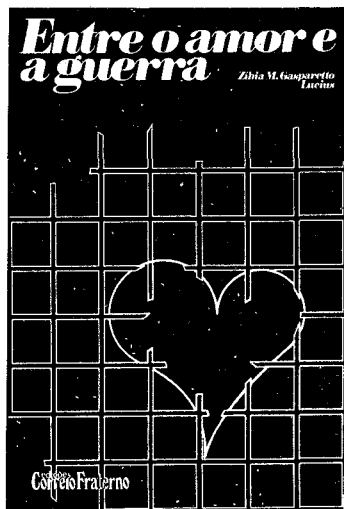
Sexo e Verdade

Três grandes nomes da poesia mundial se reuniram no espaço para analisar o sexo no mundo: Castro Alves, Casimiro de Abreu e Guerra Junqueiro. Através do médium Jorge Rizzini, remetem aos homens os resultados de sua análise.

**Não encontrando em sua livraria, peça para
Caixa Postal 58 - 09700 - S. Bernardo do Campo - SP**

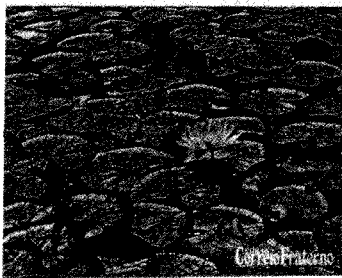
Entre o amor e a guerra

Quando os homens buscam o poderio pelas trilhas da violência, o sofrimento grassa, devorador. Dentre as cinzas da destruição brota o amor em duas almas. Espiritual, profundo. Psicografia de Zibia Gasparetto.



PEDRO FRANCO BARBOSA

Espírito e Matéria



Espírito e Matéria

A poesia e o Espiritismo se juntaram na obra do Dr. Pedro Franco Barbosa. A sensibilidade ampliou-se e a filosofia transcendental escorreu-lhe pela pena. E a vida valorizou-se bem mais.

**Não encontrando em sua livraria, peça para
Caixa Postal 58 - 09700 - S. Bernardo do Campo - SP**